

O O EXPRESSO

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E DEBATE
Ano I - nº 17 - São Paulo, 19 a 25 de maio de 1976 - Cr\$ 5,00

UNIVERSITÁRIOS CONTRA A DITADURA

O falado caso do roubo (misterioso) das urnas para a eleição do Diretório Central dos Estudantes agita os meios estudantis. Alunos da USP fizeram declarações a "O Expresso", explicando as razões da luta que travam contra a ação, que classificam de ditatorial a antidemocrática, do minoritário DCE.

(Página 9)



Samora Machel, ontem líder triunfante, hoje presidente contestado e alvo de atentados.

PÍLULA: PRÔ OU CONTRA?

Pró ou contra? Quatro dos inquiridos e outras tantas opiniões



Quatro Estados brasileiros já adotaram programas de planejamento familiar que incluem o emprego de anticonceptivos e principalmente da pílula. No próximo ano caberá a vez a São Paulo. "O Expresso"

realizou uma pesquisa, ouviu autoridades e população e apresenta os resultados do inquérito efetuado nas páginas 16, 17, 18, e 19.

LÍDER MOÇAMBICANO REFUGIA-SE EM PORTUGAL

Militante da Frelimo, que governa Moçambique, o dr. Domingos Arouca (oito anos detido pela polícia portuguesa por suas atividades a favor da independência do país), refugia-se em Lisboa e denuncia o regime de terror que vigora naquele país. Acusa o respectivo presidente, Samora Machel, de despotismo e confirma que grassa a rebelião no território.

(Página 11)

A ARENA VAI LUTAR

A vitória é por vezes má conselheira, na opinião do presidente regional da Arena de S. Paulo. Terá adormecido o MDB e por isso os arenistas lutarão, certos de ganhar as próximas eleições - declara-nos Cláudio Lembo.

(Última página)

“O EXPRESSO” É DOS LEITORES

O Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, prof. Irmão José Otão, envia cumprimentos à direção do jornal, fazendo votos de que “O Expresso” continue sua missão.

Uma tarefa de real valor

Senhor Diretor: Acuso o recebimento de alguns números do semanário “O Expresso”, que acaba de surgir em São Paulo. Devo declarar-lhe que estou apreciando grandemente o conteúdo deste jornal, deveras interessante.

Os comentários dos fatos e as análises das idéias são feitas com visão segura e altamente positiva. Espero poder continuar a ler as publicações futuras.

Apresentando cumprimentos à alta direção do Jornal e fazendo votos para o prosseguimento de uma tarefa de real valor, subscrevo-me muito atentamente. Prof. Irmão José Otão, Reitor, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

uma interessante referência: “A entidade mantenedora da PUC é a Fundação São Paulo. Só que há aí uma inversão: não é a Fundação São Paulo que mantém a PUC; é esta que mantém aquela”.

E dizer que um bispo, um cardeal é que preside a Fundação São Paulo. E dizer que ele mesmo escolheu como Reitor o nome do prof. José G. de A. Nogueira, que tem contra si um processo criminal por ter, segundo a imprensa noticiou, falsificado a assinatura do senador Arnon de Melo. É o cúmulo. Luiz Augusto de Araújo Pimentel, São Paulo.

dispor o auditório favoravelmente também à dissolução da família.

Não se toca impunemente no intangível. Problemas graves poderão advir de tamanha intromissão em questão alheias à sua competência. Isto o sr. Ruiz não falou. Sérgio F. Mendonça, São Paulo.

O problema da criminalidade

Prezado Senhor: O índice de crime em São Paulo vem decrescendo bastante, graças à eficiente atuação do sr. Secretário da Segurança Pública, à testa da pasta, sem dúvida, mais espinhosa do Estado.

As exceções que, infelizmente, ocorrem em todo o mundo têm sido apuradas, no que diz respeito ao comportamento de elementos que, algumas vezes, desonram a Polícia Militar, guarnição que enche de honra a vida paulista.

A título de informação, contudo parece-me conveniente que “O Expresso” ao divulgar minha carta leve a seus leitores um testemunho inequívoco de que o problema da criminalidade não é só nosso. Londres, a pesar do renome da “Scotland Yard”, detém índice superior ao de São Paulo. Só que lá não se tripudia sobre a polícia nem se louva os agressores para depois deles reclamar. Ernesto Teixeira Raposo, São Paulo.

O caso da PUCSP

Prezado senhor: Li com muita atenção a matéria publicada no último número de “O Expresso”, tratando da difícil situação que passa a Universidade Católica de São Paulo.

É desagradável pensar nos problemas econômico financeiros de uma instituição tão renomada e que tantos vultos importantes ofereceu ao Brasil. Lamentável, ainda mais, que a PUCSP esteja numa situação moral pouco privilegiada: como os jornais diários publicaram até mesmo professores toxicômanos lecionavam na Universidade.

Erros, vícios, sempre haverá em qualquer instituição, em qualquer época. Mas impunidades e complacências! Ouvi certa vez de um aluno da PUCSP

Fugindo à competência

Senhor Diretor: o leitor Mário Sérgio Ruiz enviou a “O Expresso” uma carta na qual defende o programa “Silvio Santos”.

Gostaria de informar ao sr. Ruiz que não espero encontrar-me entre a “gente inculta” e sei que não estou entre a “gente sabida” mas, com a mesma subjetividade de que o leitor se valeu, faço presente meu desgosto e desprazer (ênfase) com o programa do animador risinho.

O sr. Ruiz colocou-se no meio da “gente sabida” e julgou “de cima” todos os que não gostam do programa, no qual reconheço alguns méritos mas defeitos ainda maiores. Como disse o sr. Ruiz: “o critério subjetivo de se julgar instruído é muito perigoso e pode redundar em vaidade”. Mas nem mesmo disto pode escapar o sr. Ruiz.

Semelhante às “profundezas” de sua crítica apenas a vaidade de seu julgamento. Quanto ao programa Silvio Santos” gostaria de chamar a atenção para o fato, às vezes despercebido, que o animador detém em suas mãos uma grande força, e que não contente em expressar suas preferências comerciais já se está intrometendo nas questões sociais e econômicas. Recentemente, sua douta mesa de jurados pronunciou-se favoravelmente ao divórcio e o animador, perante milhões de telespectadores, comprometeu definitivamente sua imagem ao

O EXPRESSO

Propriedade da Editora de Jornais, Livros e Revistas “O Expresso” Ltda. Redação e Administração Rua do Tesouro, 47 1º andar Telefones: 36-0776 35-4425 32-4682 - Ramal 275 CEP 01013 - São Paulo

DIRETORES: Antonio Fernando Lacerda, José Antonio Oliveira Machado DIRETOR RESPONSÁVEL: Randolfo Marques Lobato

REDAÇÃO: J. M. Pereira da Costa - Ricardo Henry Dip - Jorge Boaventura - Sérgio Antonio Corrêa Antunes - Renato Luiz - Luiz Tenaglia - Cló Amaral - Cleycie Mendes Carneiro - Roberto Nunes Morgado.

COLABORADORES: Afonso Botelho - Duarte Ivo Cruz - Fernando Jorge - Ida Laura - Mário Busch - Morgan da Motta - Rubem Biáfora.

CORRESPONDENTES (no Exterior): Virgil C. Georghiu (Paris) - 380 - Bonsucesso - Guarulhos Antonio Olinto (Londres) - SP.

José de Almeida Mendes (Lisboa) - Alberto F. Gomes (Estocolmo) - Ulisse Flóridi (Boston) - Léo Magnini (Roma) - Klaus Zinner (Porto Rico)

PUBLICIDADE: Alberto Alexandre dos Santos, Geraldo Antonio Antunes.

FOTOGRAFIA: Cleyton e arquivo. DIAGRAMAÇÃO: Venício Rolim Camargo Filho e Biganti

SERVIÇOS JORNALÍSTICOS: S.B.I. (Sociedade Brasileira de Imprensa) - Revista BASES - Revista “Paris Match” - Semanário “Tempo” (Portugal) - Agência Keystone.

“O EXPRESSO”: Número avulso: Cr\$ 5,00 - Assinaturas: BRASIL: Cr\$ 125,00 (semestral) e Cr\$ 250,00 (anual); EXTERIOR: US\$ 25,00 (semestral) e US\$ 50,00 (anual).

Composto e impresso nas Oficinas de Artes Gráficas Guararã S/A - Rod. Pres., Dutra, km 380 - Bonsucesso - Guarulhos

PEDIDO DE ASSINATURA

Desejo fazer uma assinatura, ☐ semestral, ☐ anual do jornal O EXPRESSO. Para tanto, estou anexando um cheque nominal pagável na Praça de São Paulo, a favor da Editora de Jornais, Livros e Revistas “O EXPRESSO” Ltda. no valor de:

☐ Cr\$ 125,00 - semestral/Brasil ☐ US\$ 25,00 - semestral/Exterior
☐ Cr\$ 250,00 - anual/Brasil ☐ US\$ 50,00 - anual/Exterior

Nome _____
Endereço _____

O EXPRESSO

Assinatura _____

Editora de Jornais, Livros e Revistas “O EXPRESSO” Ltda.
Caixa Postal 20 921 - Shopping Center Iguatemi - São Paulo Brasil

OPINIÃO

Friuli: catástrofe e esperança

A catástrofe de Friuli poderá ter oferecido, com toda a dramática solidariedade nacional que justamente suscitou, ao eleitorado italiano, a oportunidade de uma reflexão mais profunda acerca do futuro que se desenha para a pátria de Luigi Sturzo. O nome de Sturzo surge com frequência para recordar o papel traíçoeiro cumprido pelo Partido Democrata-Cristão italiano, do qual seu fundador Luigi Sturzo sempre desconfiou.

Efetivamente, a DC abriu as portas da Itália ao avanço dos comunistas, chefiados pelo aristocrata Enrico Berlinguer, e hoje permanece como fingida vítima de um "fato consumado". A máscara caiu: Raniero Valle, ex-diretor do jornal católico "Avvenire", e Piero Pra-

tesi, ex-colunista oficial de "Forze Nuove" (corrente da DC), acabam de inscrever-se nas fileiras do PCI, coroando a trajetória de traições que os democratas vêm efetuando.

Não se trata, apenas, de uma situação anômala, própria da DC italiana. O exemplo de Eduardo Frei, no Chile, preparando o advento de Salvador Allende, entre outros exemplos, demonstra o "quintacolonismo" democrata-cristão.

Tardamente a Igreja italiana levantou-se a defender a "comunidade cristã", sem, entretanto, assumir uma posição efetiva quanto aos males que se desenhavam. Foi Antonio Sardinha, o ilustre pensador português, quem certa vez afirmou que não se corrige o mal repetindo as causas que o provocaram.

Não pensa assim a Igreja italiana, abrindo terreno ainda à traíçoeira DC, grande culpada da provável capitulação da Itália.

Tal atitude da Igreja italiana demonstra que o "quintacolonismo" não é um privilégio da DC, e que a postura presente é conjuntural, tática e estratégica. A imprensa francesa tem chamado a atenção para um fato aparentemente estranho: Berlinguer não deseja assumir o Governo da Itália atualmente. A difícil situação política e econômica por que passa a pátria de Luigi Sturzo só aproveita a ideologia comunista enquanto o PCI está na oposição. Tendo que assumir o governo, Berlinguer terá que conduzir os rumos da Itália, coisa não muito animadora quando se tem que

acordar a lira e não se pode contar com os rublos soviéticos.

Finalmente, como os Estados Unidos estão empenhados em uma complexa campanha eleitoral, não parece provável que os dólares venham a socorrer o aristocrata "capo" do PCI, emissário de Paulo VI para a paz no Vietnã. O que se deve esperar é que, com a reflexão nascida da catástrofe de Friuli, o povo italiano rejeite o totalitarismo comunista... mas não será votando na Democracia Cristã.

CONVERSA COM O LEITOR

O "Documento" que "O EXPRESSO" publica esta semana é dedicado a um problema de que o leitor tem certamente ouvido falar com insistência nos últimos tempos: o planejamento familiar. Em relação à sua gravidade, mal afluamos o tema. É vasto e complexo, justificando - e isto procuramos destacar nas matérias que acerca dele divulgamos - tratamento em profundidade e uma clara definição da esfera federativa. Há confusão entre planejamento familiar, que progride no Brasil, e controle da natalidade. Na verdade, é tão tênue a barreira separando os dois esquemas, que quase seríamos levados a optar pela sua não existência... As interrogações são numerosas e uma delas sobressai: não será nefasto ao Brasil, onde há imensos espaços vazios por preencher, tudo o que direta ou indiretamente contribua para a estagnação ou o decréscimo demográfico? O leitor extrairá as suas conclusões da análise do problema que, repetimos, desta vez mal abordamos.

No capítulo de coisas nocivas, o presidente regional da ARENA, Claudio Lembo, expende um curiosa tese em entrevista que nos concedeu. Considera que "a vitória é má conselheira". Terá sido assim para o seu partido, adormecendo de certo modo sobre louros conquistados, e será para o MDB relativamente às próximas eleições. E acerca destas manifestações um otimismo que as urnas se encarregarão de confirmar ou desmentir, dentro de meses.

Ainda a respeito do que é bom ou mau, tudo depende, em determinados condicionalismos, da realidade cujo peso não pode ser subestimado, a confirmar que "o ótimo é inimigo do bom". Terá sido esta a idéia do governador Paulo Egydio ao defender conjuntamente a manutenção do AI-5. Uma medida de exceção, é certo, mas não será a apropriada, quando está ainda por encontrar outra fórmula para consecução dos fins que visa? A interrogação, na qual está implícita a resposta, permite, nesta página, considerações de difícil reputação ao nosso editorialista.

Outro assunto que o prezado leitor encontra na presente edição constitui quase um "furo" jornalístico e vem completar matéria que a imprensa brasileira trata com assiduidade e, ultimamente, dia a dia. Diz respeito a Moçambique, à situação calamitosa que se vive na ex-colônia portuguesa e ao regime de terror ali implantado e que parece não assegurar, apesar das prepotências, a sobrevivência política (e não sabemos se física...) do seu líder. Uma voz com indiscutível autoridade, a de um combatente da causa de independência moçambicana, vem denunciar a ditadura tirânica reinante na nação que, no próximo mês, comemora um ano de independência, que não foi de liberdade. Para o fazer teve de refugiar-se em Portugal, o país contra o qual lutou e cujo sistema penitenciário sofreu, para defesa de uma causa para si agora considerada atraíçoeira...

Paradoxos deste mundo onde as incongruências se multiplicam... A propósito: uma é revelada na seção "Telefone Indiscreto", iniciada na edição anterior. O bravo deputado mineiro Canabrava é objeto de seus comentários, em texto aliás relacionado com a problemática debatida em "Documento", o que podemos classificar como o direito de nascer.

Outro direito, o de fazer cumprir o voto das urnas, defendem os estudantes da USP relativamente à eleição para o seu Diretório Central. Denso mistério envolve o paradeiro das que continham os votos de uma primeira eleição e que desapareceram. As eleições serão refeitas e acerca delas o vice-presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto (associação que manifestou o "seu repúdio à farsa eleicoeira que tem sido chamada vulgarmente eleição para o DCE") fez-nos um depoimento de indesejável atualidade.

Nas outras seções, o prezado leitor depara com os setores habitualmente tratados pelo nosso Jornal e com outros que poderão agradar-lhe, ou não.

Uma última observação, que não diz respeito à presente edição e sim à próxima. Chamamos antecipadamente a atenção para o texto que publicaremos acerca de suicídios nas prisões, em especial na Alemanha, e da dificuldade, como é o caso da França, das autoridades prisionais para evitar os lamentáveis incidentes do gênero.

Vistas grossas, ouvido de mercador

O governador paulista, Paulo Egydio Martins, falando em Salvador, Bahia, afirmou que, no momento presente, o Ato Institucional nº 5 continua a ser imprescindível para a vida brasileira. Dois conceitos importantes podem ser decalcados das palavras de Paulo Egydio a propósito do AI-5: o da excepcionalidade e o da necessidade. Pretender enfocar o AI-5, nele vendo apenas uma exceção que se mantém, sem por outro lado indagar

acerca dos motivos que o tornam necessário, é examinar o tema de uma posição bastante parcial.

Atribui-se comumente aos que defendem a permanência do AI-5 na esfera legislativa vigente, uma contradição de posturas, vale dizer, que ao lado da defesa do AI-5, se colocaria, contraditoriamente, o ataque a todas as medidas de exceção no mundo comunista. Na verdade, contudo, os que mostram suas antipatias pelo AI-5, não conseguem engendrar um instrumento capaz de evitar a penetração do que Paulo Egydio chamou "idéias alienígenas", e ademais não podem refugir ao próprio positivismo jurídico, idôneo em si, na ordem estrita da ideologia liberal, para convalidar o mesmo AI-5.

Ocorre que os defensores do AI-5, têm diante de si um binômio: o da excepcionalidade-necessidade. De observar as condições absolutamente anormais do cenário político mundial, com intromissões e agressões a cargo do cosmopolitismo de Moscou ou de Pequim, nasce a imperatividade de amparar a vida política nacional com um instrumento capacitado a preservar e remediar aque-

las interferências. Mas não é apenas a necessidade, é também a excepcionalidade de medida que se destina a desenterrar o país de uma situação momentaneamente difícil.

De bom grado os defensores do AI-5 cederiam ante um instrumento diverso que revelasse a mesma idoneidade e um possível controle mais orgânico. A oportunidade presente, contudo, não oferece este instrumento. Os liberais, ainda embevecidos por meia dúzia de dogmas intocáveis, só manifestam sua ingênua credulidade na "reta vontade da maioria", que não se viu em parte alguma, por todo o mundo.

O interessante é que a maioria brasileira é, sem dúvida, cristã, portanto, pelo menos ao nível de uma constatação sociológica, estaria ela a exigir o respeito ao Direito Natural, à herança cultural brasileira, luso cristã, o que implica na preservação do país à margem daquelas "idéias alienígenas" de que falou o governador paulista.

Paulo Egydio Martins cristalizou a observação de que o AI-5 depende da virtude de quem o detém. Mas tal verificação, aliás evidente, não pode ser vista parcialmente, isoladamente, e

sim no quadro de vários fatores que se conjugam, imprimindo à política nacional um dever primário: o de garantir o Brasil para os brasileiros. O que se viu em Angola, o que se viu em Moçambique, o que se ouviu de Luiz Carlos Prestes, seria bastante para atestar a veracidade genuína dos que defendem o AI-5, com base no binômio excepcionalidade - necessidade, se a velha escola liberal não fizesse vistas grossas e ouvido de mercador...

A Agonia do Ocidente Sintomas, Causas e Remédios



CRÍTICA

Em números anteriores, temos insistido na afirmação de que a crise dos nossos dias, quando vier a ser descrita pelos historiadores do futuro, que queiram fazê-lo de maneira global e sucinta, não o será como algo resultante da confrontação de interesses entre duas potências ou entre dois grupos de potências, como tantas vezes ocorreu no passado.

Ao contrário, ela será descrita como sendo o resultado da tentativa de superação da nossa cultura e da nossa civilização, resultantes basicamente do impulso civilizador do cristianismo, por uma outra expressão cultural, uma outra concepção acerca do Homem e da Vida, originada da cosmovisão do pensamento marxista, com base nas concepções do materialismo dialético.

Pela primeira vez, ao longo de toda a História, e é infelizmente necessário que seja ressaltado fato, não obstante, tão evidente, levanta-se no mundo a tentativa explícita e confessada de organizar a sociedade, de educar o Homem e conformar-lhe a existência, dentro de perspectiva que, não apenas desconsidera a oportunidade e a conveniência de ser examinada a hipótese sobre a existência ou não existência de um Deus criador de todas as coisas, como nega taxativamente a referida existência e faz dessa negativa a base de partida de toda a sua concepção.

Por mais anestesiadas que estejam as consciências acerca do fato acima sublinhado, uma vez que o agnosticismo e o pragmatismo agnóstico de par com um indiscutível

materialismo de fato, de feição hedonista, reinante do Ocidente, haja afastado do primeiro plano das preocupações cogitações daquela natureza, por mais anestesiadas ou mal informados que estejam o pensamento e as consciências, dizíamos, o fato é que, pela primeira vez na História, uma cosmovisão militante e agressivamente atéia, sobe ao palco dos grandes acontecimentos, e pretende dominar o mundo.

A dimensão do conflito em que, à nossa revelia, estamos mergulhados, eis que somos os agredidos, os integrantes da civilização que se deseja aniquilar e erradicar da face da Terra é, portanto, a do confronto entre duas perspectivas culturais.

Nós, os participantes da cultura cristã, pretendemos ter respostas para todas as indagações fundamentais do espírito humano.

Nem sempre temos procedido na conformidade de tais respostas e, especialmente, a partir do fenômeno de "interferência cultural", acentuada desde a Revolução de 1789, pela superposição do pensamento agnóstico e do seu conceito perigoso e corruptor de liberdade, ao quadro dos valores fundamentais da cultura ocidental, as temos abandonado e esquecido muitas vezes.

Elas, entretanto, remanesçam, subjacentes, informando os nossos critérios críticos e influenciando sobre o padrão ético do nosso comportamento individual ou coletivo.

Mas, pelo amor de Deus, e antes que seja tarde, é necessário entender

que o materialismo dialético gera também uma cosmovisão que se propõe responder, e efetivamente responde, aquelas mesmas indagações fundamentais do espírito. Fá-lo como algo "intrinsecamente perverso", para usar as palavras da Enciclica "Divinii Redemptoris".

Mas essa perversidade está mascarada por um véu que é tecido, em parte, com o material fornecido pelos nossos próprios erros, desvios e equívocos; e, em parte, pelo rigor lógico com que são concatenadas, em sua diabólica expansão, as consequências e conclusões a que conduzem postulados fundamentais, quase sempre escamoteados, inclusive pelo seu caráter abstrato e complexo, do conhecimento da massa, principalmente dos jovens.

Então, por favor, entendam que o avanço de uma cosmovisão que pretende suplantar aquela que tem dado sentido às nossas vidas e representou, inquestionavelmente, a luz da ciência histórica, a redenção e o enobrecimento da humanidade, não precisa ser feita em termos exclusivamente políticos, ou exclusivamente econômicos.

É indispensável entender, ainda, que em certa fase, pelo menos, pode ser realizada de modo absolutamente não explícito e indireto, pelo questionamento pelo suscitamento de dúvidas ou de negativas às nossas convicções fundamentais e as expressões sociais que resultaram delas.

Por isso, repetimos mais uma vez, é que subi-

tamente, no Ocidente, e só no Ocidente, começaram a ser vulgarizados os costumes fáceis, a corrupção mais evidente e mais grosseira, a agressão frontal a tudo ou quase tudo que, no correr de milênios, havia sido preservado.

É por isso que no Ocidente, é só no Ocidente foi suscitado o conflito entre as gerações "desmitificado" o amor que sempre uniu pais e filhos, instigados os jovens contra os mais velhos".

Nada disso, leitor, está ocorrendo no leste europeu, atrás da cortina de ferro.

Na China, o ato sexual fora do casamento é considerado crime catalogado no Código Penal, para ambos os sexos.

Confronte isso com a "permissividade" claramente advogada em todo o Ocidente, sob a "justificação", que atinge o nível da idiotia, pela total ausência de sentido, de que "hoje em dia é assim".

Em suma, leitor, - e dirigimo-nos com especial ênfase ao leitor militar - o inimigo do Ocidente ataca em dimensão e segundo planejamento estratégico, de maneira constante, persistente e multiforme.

Nós temos nos limitado a defender-nos, episodicamente, em dimensão tática. E a nossa reação de dimensão tática, paralisada pela noção equivocada de liberdade, concebida pelo agnosticismo da Enciclopédia para uma realidade como o foi a do século XVIII, profundamente diferente da atual, a começar pela inexistência, então, da agressão global a que nos estamos

referindo, circunscreve-se, quase sempre, às ações político-partidárias, ou em força, realizadas pelo inimigo.

Os resultados, vista a questão em sua real dimensão, são os que se evidenciam pelo confronto entre um "mapa-mundi" de 1917 e um "mapa-mundi" atual.

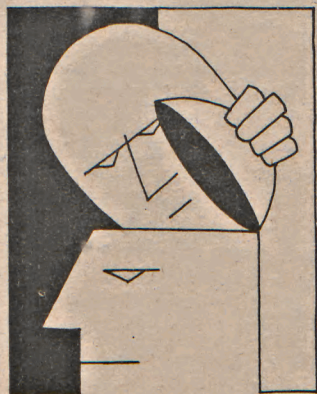
Esse confronto, queram ou não os "extremistas de centro" ou os "radicalmente moderados", é simplesmente contrastador para quantos se interessam pela sobrevivência da nossa civilização e dos valores que têm dado, até aqui, sentido às nossas vidas.

No próximo número, se Deus quiser, continuaremos, com a análise que vimos tentando fazer.

E praza aos céus, possa nossa advertência ser ouvida.

POR DENTRO

O.M.



Uma presença curiosa no último sábado (15 de maio) no teatro da Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo: a do ex-chefe da Casa Civil do Governo do Estado de São Paulo, Luís Arrobas Martins. Lá se realizou o "Concerto de Música Antiga Norte-Americana", sob o patrocínio do Consulado dos Estados Unidos em São Paulo. Depois de algumas conversas (inclusive um "bate-papo" com Rodolfo Nanni, marido de Anna Maria Kieffer), o político esperou o espetáculo e passados dez minutos retirou-se.



Continuam os rumores desencontrados acerca da construção de um novo aeroporto internacional em São Paulo. A localização, segundo os desmentidos mais recentes, ainda não está decidida. Esta versão veio de fontes ligadas a Brasília, que confirmaram as opções que seguem ganhando as preferências: Ibiúna, Viracopos e Cumbica. Mas ninguém pode afirmar com segurança qual a área privilegiada, nem mesmo a Secretaria de Transportes.

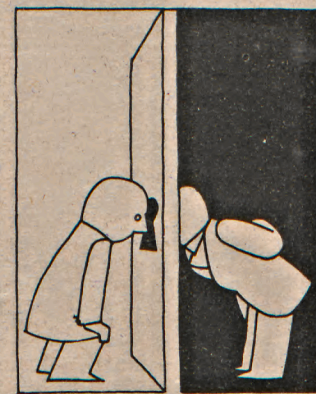
O MDB continua insistindo na tese do "acionamento da gasolina", enquanto o ministro das

Minas e Energia, Shigeaki Ueki, dando a tônica do pensamento do Governo Federal, afirma que tal medida não está nos planos de Brasília. Para o partido da oposição o "acionamento" implicaria na contenção da inflação, o que é bastante duvidoso, além de que o recente interesse (também duvidoso) do MDB em auxiliar a luta governamental contra a inflação levanta desconfiças quanto à sinceridade das medidas propostas.



O ministro da Saúde, Almeida Machado, condenou as afirmações de que velhice e juventude sejam faixas em conflito, mostrando que são complementares. A assertiva do ministro deu-se em Porto Alegre, onde inaugurou o Congresso Brasileiro e Latino-Americano de Geriatria e Gerontologia.

Várias entidades cívicas paulistas endereçaram um convite ao escritor russo Alexander Solzhenitsyn para proferir uma série de palestras no Brasil. O contato entre os representantes das entidades e o autor de "O Arquipélago Gulag" foi feito em Paris. Segundo consta as datas ficaram acertadas para o próximo mês de setembro.



A política de Osasco vive dias agitados. O prefeito Francisco Rossi manteve recentemente contato reservado com o vice-governador paulista Manoel Gonçalves Ferreira Filho. O assunto foi mantido em sigilo e a reunião durou duas horas.

Quem se vem aproveitando da "crise política" é a oposição que já conta com dois candidatos considerados fortes para a sucessão municipal: o favorito Guacupiteri e José Camargo.



Alguns rumores noticiam uma briga mais ou menos insistente entre os fabricantes de automóveis (Anfavea) e o Sindipeças. Há quem diga que a discordância tem como pano de fundo a rivalidade de dois jovens líderes dos setores: Mário Garnero e Luiz Eulálio Bueno Vidigal. O Sindipeças resolveu patrocinar o Salão do Automóvel em novembro, com a desistência da Anfavea. Acontece que a FIAT, nova no mercado resolveu aliar-se aos fabricantes de autopeças e parte sózinha para o Salão. Sabendo disto a Volkswagen, principal prejudicada com a entrada da FIAT no mercado, resolveu esquecer o acordo que tinha com os demais fabricantes de boicotar o Salão e voltou atrás, participando.

Um pouco de ciúmes em Brasília com as quatro viagens que foram anunciadas do presidente Geisel a São Paulo. O apoio decidido do presidente Geisel ao governador Paulo Egydio Martins parece estar criando uma certa inveja entre os demais governadores, não muito satisfeitos com as preferências presidenciais.



Parece que a Arena paulista tem problemas com os nomes dos candidatos à vereança. Vários secretários municipais teriam recusado participar da pugna, não desejando abandonar suas Pastas. É o caso de Caio Pompeu de Toledo e de Mário Osassa. O único secretário que estaria disposto a abandonar sua Pasta é Simões Neto, que ora ocupa a Secretaria de Turismo.



A mesma dificuldade parece encontrar o prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal, em relação à Câmara Municipal. Tanto o MDB quanto a Arena resolveram abrir baterias diante do que chamam "insensibilidade absoluta" do prefeito para sentir o drama eleitoral dos parlamentares. Apesar de ser prestigiado pelo Palácio dos Bandeirantes (algumas fontes o têm na conta de sucessor óbvio de Paulo

Egydio Martins), Olavo Setúbal enfrenta obstáculos em relação aos vereadores.

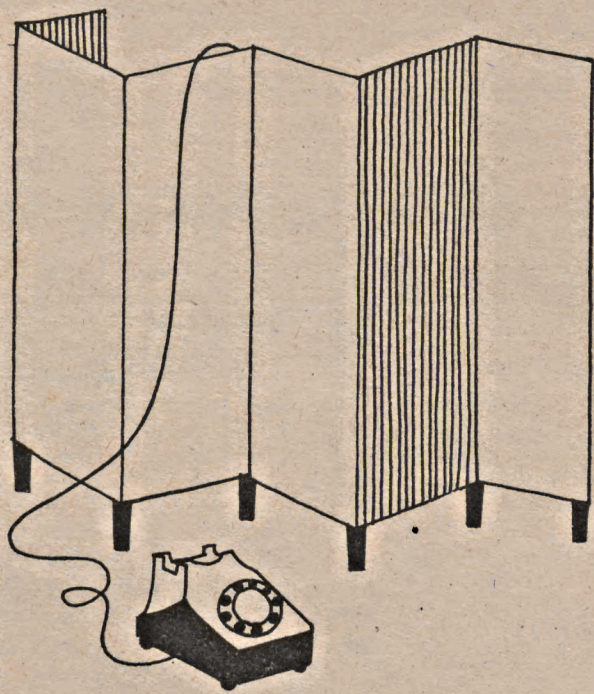
Um destes obstáculos é o presidente Ernesto Mange, presidente da EMURB, responsável pelo projeto da nova praça da Sé. A Câmara desejava a queda de Mange. A "saída" de Setúbal foi entregar o projeto à Companhia do Metrô, escapando assim ao referendo dos edis. Daí que surtisse uma reação desfavorável entre os vereadores. Reação que tende a evoluir nos próximos dias.



O atual chefe do Partido Socialista Português, Mário Soares, era assíduo frequentador da Embaixada Rumena em Paris, através da qual mantinha contactos com o campo de treinamento de guerrilheiros em Manesti, Romênia, a 17 quilômetros de Targoviste. O campo de treinamento é conhecido e nele estiveram o chefe comunista português Alvaro Cunhal (que seria inclusive um de seus fundadores, logo após sua fuga da fortaleza de Peniche, em 1960). O chefe de FRELIMO (Moçambique), Moisés Samora Machel, foi instruído durante dois anos nos campos rumenos. Por lá também estiveram os terroristas do MPLA de Agostinho Neto (Angola) e os rebeldes de Guiné-Bissau.

Segundo o semanário alemão "Volksbote" (edição de 5 de março de 1976) o golpe contra Marcelo Caetano foi preparado em Manesti, e a ligação de Mário Soares com os rumenos era feita através de um professor, já falecido, V. Buescu.

TELEFONE INDISCRETO



(Dos jornais: o deputado mineiro, do MDB, Dalton Canabrava, apresentará uma sugestão à Assembleia Legislativa de Minas Gerais, recomendando a adoção do planejamento familiar em todo o País, "antes que providências mais drásticas se façam necessárias, como a esterilização compulsória dos pais de mais de três filhos, implantada na Índia").

Anônimo: Desejo manifestar meu apoio integral ao sr. Canabrava. E quero que o senhor saiba que apoio todas as medidas que visem a garantia dos direitos humanos...

Redação: No tom que o senhor fala, acreditamos mesmo que o apoio ao deputado Canabrava não venha a ser adocicado...

Anônimo: O senhor anote aí que Minas Gerais tem um deputado corajoso, que sabe como defender os direitos humanos. Afinal ou se tomam as medidas que se impõem ou as famílias vão passar fome.

Redação: Até aqui estamos juntos. Uma pergunta apenas: quais são "as medidas que se impõem"?

Anônimo: Ora...as que são necessárias para a futura manutenção dos direitos humanos.

Redação: E quais são as necessárias para a futura manutenção dos direitos humanos?"

Anônimo: Certo. Anote aí: distribuição urgente e planejada de pílulas anticoncepcionais; propaganda inteligente de que é preciso conter hoje para sobreviver amanhã; e distribuição de incentivos...

Redação: Rádios de pilha?

Anônimo: Não. Estou vendo que o senhor não entende muito claramente as coisas.

Redação: Ao contrário. Pensamos que seria mais aconselhável uma televisão...Mas não lhe parece que seria uma intromissão do poder público na esfera familiar?

Anônimo: Lá vem o senhor com futilidades moralistas. E bom: cada

família que use, se quiser, as pílulas que o Estado distribuir. Fica à conta de cada consciência...

Redação: Neste caso, como o problema é de excesso de população, o Governo também poderia distribuir armas de fogo...A cargo de cada consciência fica o usá-la ou não...Depois, não lhe parece que o Brasil tem muito espaço para preencher ainda?

Anônimo: Esta mentalidade é fruto da propaganda governamental. Ela é um perigo para as mentalidades.

Redação: E mesmo? E como será a "propaganda inteligente de que é preciso conter hoje para sobreviver amanhã"?



Anônimo: Ah! Isto é outra estória...

Redação: Não vemos como o senhor pode pretender erigir-se em guardião dos futuros direitos humanos violando os presentes direitos humanos...Afinal, se um homem não tiver o direito de decidir, em sua própria família, quantos filhos deve ter...

Anônimo: Acontece que a maioria dos homens é imbecil, não consegue ver um palmo à frente dos olhos...E depois, há medidas que sempre se justificam porque visam um bem muito grande. Olhe: os senhores estão defendendo esta moralidade que é desumana...

Redação: O senhor pensa mesmo que sim? Anônimo: Claro.

Redação: E não lhe parece que Stalin e Hitler estavam defendendo os direitos humanos quando partilharam a Polônia?

Anônimo: O senhor é destas pessoas que se julga acima da menor dose de moralidade, não é? Pensa que pode fazer sofismas com todo mundo?

Redação: Não, não... Não foi o senhor quem disse que a moral é desumana? E onde estão os sofismas?

Anônimo: Já vi que não podemos conversar. O senhor é incompreensível e intransigente...

Redação: E certamente que para nos dizer isto o senhor manifestou toda a sua compreensão e transigência, não é mesmo?

Anônimo: Como eu disse, a maioria dos homens é inteiramente imbecil.

Redação: O senhor deve ser o tipo de pessoa que reza para que um maremoto varra o Nordeste, porque assim os futuros direitos humanos estariam facilmente assegurados...Mas o que dói, senhor, é que até para pedir isto em suas orações, é preciso que o senhor exista. E se sua genitora houvesse tomado a pílula?

(Imprecações. Ruídos estranhos. Fim da ligação).

BRASIL POLÍTICA

Ser ou não ser "democrata"

E sempre possível admitir, na ordem da moderna atribuição de conceitos, que as mais opostas posições políticas sejam consideradas democráticas. Sucede assim relativamente a modelos contrários como a União Soviética e a Espanha, a China comunista e o Brasil, respeitando honestamente o critério de qualificação. Claro que o problema está em descobrir o que exatamente se deve entender por democracia.

Pode parecer paradoxal simplesmente porque o é, excetuando as "democracias históricas" (Inglaterra e Estados Unidos), depois do surgimento dos ideários democráticos o mundo não tivesse

mais nenhum exemplo estável de regime democrático. Muito possivelmente, também, porque não há conceito mais aristocrático do que o de democracia. Não obstante, o drama da vida política é que os homens não se comportam como anjos ou robôs; sua atuação, mesmo no campo do conhecimento, amplia-se, ultrapassando os umbrais da faculdade cognoscitiva. Ninguém atribui ao cinzel o "Moisés" de Michelângelo, e seria um absurdo que o fizesse; mas quando se trata do conhecimento é costume esquecer que não é a razão que conhece mas o homem através da razão; entre a talhadeira e a razão medeia, pois, uma relação análoga.

É isto o que torna mais admirável o mundo político: que os mitos permaneçam incólumes, firmes, violentos até, enquanto resultam frágeis ou estereis relações com suas premissas doutrinas. No caso do mito democrático é exatamente o que se passa.

Já se terá certamente observado que no Brasil frequentemente se impõe uma identificação: a Revolução de Março de 1964 é o caminho da redemocratização. Seguramente que, enquanto capaz de suprimir o des-governo anterior a 1964 a Revolução pode ser considerada uma obra restauradora do que, provisoriamente, chamáramos (nós também!) "democracia".

Obtusamente, porém, é frequente antever "redemocratização" como "retorno ao modelo político liberal", o que revela uma quase contradição de termos. A uma análise superficial quem não forma ao lado dos abandeirados liberais assume uma coloração antipática: são os denominados "antidemocráticos" (também adjetivados por uma espécie de colocação geográfica). Aprofundada a observação o que se verifica é que se o termo "democracia" é equivocado, também o "antidemocrático" o será; demais disto, ser ou não ser "democrata" depende da maneira como se compreenda uma noção cuja vacuidade é notória.

Se o problema é ser favorável às liberdades

concretas, então somos "democratas". Mas se por democracia se entende franquear as portas aos piores inimigos do Brasil, então não somos "democratas".

Medianamente, como se vê, é um vício intelectual considerar-se democrata, sem saber o que isto significa ou arriscando com sua conotação equívoca. Mas além de vício intelectual - "hélas" - retrata uma habilidade política, que faz do "democrata" o simpático candidato, a um passo de uma cadeira parlamentar.

A aristocracia "democrática", que poderíamos também considerar plutocrática, demonstra que depois do advento do "e-

vangelho liberal" não pôde existir outra coisa que aquilo que Jacques Val-dour chamava "o regime do estrangeiro". Porque, a menos que se prove que o simples querer é em si moralmente bom, ainda teremos uma boa dose de expectativa quanto ao ritmo daquela inclinação humana para o mal e para o erro.

Quando se põe diante dos olhos a figura da multidão que escolheu a Barrabás, perde totalmente o sentido esta mitopolítica do "bom querer" em si mesmo.

Que isto sirva de preâmbulo aos projetos de "modelo político" para o Brasil!

Ricardo Henry M. Dip

Geral

Paulo Zingg reassume a API

"O poder da verdade é aquele que emana do conjunto da população, das suas aspirações coletivas... Ontem, hoje e amanhã, nós estaremos, fundamentalmente, a serviço da verdade e a serviço dos grandes interesses nacionais". Afirmando que "defenderemos a imprensa e a verdade, assumindo responsabilidades e cumprindo os deveres perante a Nação", Paulo Zingg reassumiu, dia 13, a presidência da Associação Paulista de Imprensa, em cerimônia realizada na Câmara Municipal e que contou com a presença do secretário de comunicação do Estado, Ismael Armond, além de representantes dos comandos militares, dos poderes Judiciário, Legislativo e Executivo e de elevado número de presidentes e dirigentes de entidades cívicas, culturais e de serviços.

Depois de prestar uma homenagem a Américo

Bologna, "símbolo dos jornalistas de São Paulo, que a 9 de maio completou 50 anos de profissão" e a Mário Ferreira Migliano, detentor do prêmio anual de jornalismo oferecido pela Associação Brasileira de Farmacologia, Paulo Zingg lembrou a história da API, desde sua fundação, até os dias atuais. Salientou que, "em maio de 1933, sob a liderança de Julio Cozzi, os jornalistas de São Paulo se organizaram, pela primeira vez, para a defesa de seus interesses, para a defesa da imprensa, para fazer face a um mundo que iniciava a sua modernização, sob o impulso do processo revolucionário de 1930".

Paulo Zingg lembrou, também, que seria necessário destacar as figuras de Guilherme de Almeida e Jose Maria Lisboa, ex-presidentes da entidade, "para que se tenha a idéia da responsabilidade que compete a esta diretoria e



Reeleito para a presidência da API, Paulo Zingg afirma que irá, sempre defender o poder de comunicação, a imprensa e os jornalistas, contra qualquer ameaça de concentração econômica ou de poder tecnocrático.

a seu presidente". Após mostrar as modificações ocorridas nos meios de comunicação, em decorrência da tecnologia, especialmente do rádio e da televisão, afirmou: "aqui estamos nós, herdeiros de uma tradição, responsáveis por um País que sempre foi, também, obra de jornalistas. E todos nós, que passamos por esses anos, vivendo, sofrendo, enfrentando duras realidades, nunca nos separamos dos inte-

resses nacionais, da consciência nacional, presentes em todos os momentos da nossa vida, nos acontecimentos que fizeram deste país a grande Nação que é em nossos dias".

Explicou ainda as funções e o papel da Associação Paulista de Imprensa, classificando-a como uma associação institucional, o que a difere de um sindicato de classe, cuja linha de ação é definida por lei. "Cabe a ela defen-

der a imprensa como instituição, assegurar sua sobrevivência no mundo da tecnologia, assim como a sobrevivência dos jornalistas, classe média brasileira, contra todas as ameaças da concentração econômica e do poder tecnocrático. Cabe a ela, não apenas defender uma liberdade formal de manifestação, que ninguém ameaça, mas, acima de tudo, defender o poder de comunicação".

Ao encerrar a solenidade, o presidente reeleito da API ressaltou que a verdade é inseparável, do exercício do jornalismo, como profissão, e do poder de comunicação.

Disse, também, que "não haverá nunca comunicação objetiva sem a força da verdade, acabando-se com a mistificação, acabando-se com a intriga, acabando-se com o esbulho ideológico, com a intolerância ideológica,

com o terror psicológico, que tanto nos ameaça e que muitos de nós, aqui desta diretoria, souberam enfrentar durante mais de um decênio, em todas as redações brasileiras onde predominava o terror político como força de coação". E, concluindo seu pensamento, afirmou: "A imprensa brasileira é uma imprensa representada, hoje, por uma multiplicidade de jornais, revistas, rádios e emissoras de televisão, sem que nenhum deles tenha a pretensão de ser o Pravda ou o Izvestia, de deter sozinho o poder da verdade".

A diretoria da Associação Paulista de Imprensa, reeleita para o triênio 1976/1979, após um pleito realizado pela primeira vez em 48 cidades do Estado, pretende agora aumentar seu quadro de associados para 3 mil, meta essa que já está sendo alcançada.

Onde você voa com quem gosta.
VASP

Um serviço só é perfeito quando todos os detalhes são perfeitos.

E você só pode esperar isso de alguém que consiga por atenção em cada particularidade.

Alguém que queira por jeito e talento pessoal até nas pequenas coisas que passariam despercebidas pela maioria das pessoas.

Alguém que esteja trabalhando no que gosta, trabalhando com amor.

A Vasp só quer e só tem gente assim.

O trabalho que a nossa gente mais ama é exatamente o trabalho que eles estão fazendo.

Quando alguém voa conosco pode sentir esse amor até no ar.

Voie Vasp e sinta também.

Há pessoas que põem tanto amor no que fazem que você sente esse amor até no ar.



Você vai gostar de ter um Agente de Viagem.

O Agente sabe de todas as rotas, horários, hotéis e facilidades que você talvez nem conheça.

Sua secretária pode ligar para um. Ele também gosta do que faz e vai gostar de atender sempre você.



GERAL

A segurança contra o fogo requer novas medidas

Em entrevista a "O Expresso", o engº Teodoro Rosso, superintendente do Centro Brasileiro de Construção, faz considerações acerca das causas dos incêndios e sua prevenção e combate. As sugestões que apresenta revestem-se de indiscutível interesse.

Em todos os países são tomadas medidas destinadas a garantir a segurança contra o fogo, através de códigos, regulamentações e especificações. Estas medidas, entretanto, provaram não ser suficientes, embora o impacto emocional decorrente da maioria dos incêndios atinja coletivamente autoridades, técnicos e população, dando lugar a manifestações peremptórias e enérgicas. Com efeito, verifica-se, depois de algum tempo, que os códigos continuam obsoletos, as regulamentações são violadas e as especificações esquecidas.

do engenheiro civil Teodoro Rosso, estudioso da matéria e superintendente do Centro Brasileiro de Construção. Segundo ele, é necessário desenvolver ação educativa que desperte nos meios responsáveis uma consciência permanente dos riscos gerados pelo fogo e das exigências de segurança para os edifícios.

EM 1º LUGAR: A PREVENÇÃO

Na opinião do citado técnico, as autoridades devem fiscalizar se estão sendo cumpridas as normas pertinentes (Código, ABNT e Companhia concessionária). O problema - diz - deve ser atacado em três frentes: o projeto, a execução e a manutenção. Projetos executados por profissionais competentes são dignos de confiança.

Cabe à fiscalização, porém, verificar se por razões de economia não está sendo utilizado material diferente do especificado. A manutenção, que sobre toda a vida útil do edifício deve ser também considerada, pois as instalações envelhecem sob o efeito de agentes externos. Frequentemente elas são também modificadas por leigos, com desprezo absoluto da técnica e da

segurança. O ideal seria uma vistoria periódica das instalações elétricas dos edifícios.

A prevenção de incêndios decorrentes de fogões a gás baseia-se essencialmente na segurança das válvulas dos botijões.

O gás de rua é fonte de explosões especialmente por operação errada de fornos de fogões, quando o registro é deixado imprudentemente aberto por tempo excessivo, antes da ignição. Uma boa ventilação das cozinhas é sempre recomendável, assim como deixar afastadas dos fogões as cortinas, as toalhas e os materiais inflamáveis. Risco comum está relacionado com o uso de ferros de passar, deixados inadvertidamente ligados sobre tábuas, mesas e roupas. Neste caso, aconselha-se o uso de chaves automáticas. Quanto a cigarros, fósforos e isqueiros eles devem ser deixados fora de alcance das crianças.

Observe-se que tais recomendações, grosso modo, dizem respeito, a habitações mais avançadas e não a subhabitações casebres rurais, barracos nas favelas, cortiços e outras - onde fagulhas de brasa resultantes de fogões rústicos a lenha

são causa frequente de incêndios.

FORMAS DE COMBATE AO FOGO

O engenheiro Teodoro Rosso, nas declarações a "O Expresso", considera todos os aspectos técnicos do problema do combate a incêndios. Discorre, ainda sobre legislação urbana, transmissão de calor por convecção e radiação e da propagação direta do fogo a edifícios vizinhos, bem como sobre as dificuldades para combate em incêndios em edifícios de altura superior às escadas mecânicas (limite em São Paulo: em torno de 45 metros, ou seja, relativo a um edifício de 17 andares). Diz que recorrer a heliporto no topo dos edifícios nem sempre é solução possível ou conveniente. Será válida apenas, quando se puder assegurar o acesso ao heliporto desde os pavimentos inferiores.

Entretanto, outra providência indispensável é a proibição de atividades industriais, comerciais ou artesanais, em edifícios residenciais ou de escritórios, quando tais atividades impliquem riscos de acidentes de qualquer natureza.

A operação de equipamentos de controle de

fogo, tais como alarme específico ou de combate imediato (chuveiros automáticos, "splinkers", extintores, hidrantes) são muito importantes - diz o engenheiro Rosso. Abrangem, também medidas visando a orientar e disciplinar o movimento das pessoas e organizar sua circulação horizontal e vertical, para atingir os pontos de refúgio onde está previsto o resgate por equipamento externo, ou pontos de evacuação definitiva externas egundo o tipo de edifício. Técnicas de comunicação visual podem conseguir resultados apreciáveis, mas, obviamente, o recurso ao treinamento periódico é indispensável para garantir que o equipamento seja corretamente utilizado, no momento oportuno, pela pessoa mais qualificada. A terceira fase, a ação de combate, é prerrogativa e responsabilidade do Corpo de Bombeiros, dos órgãos de segurança e das equipes especializadas de várias repartições e concessionárias como a "Light" a SABESP e outras.

MENTALIZAÇÃO É ESSENCIAL

Para Teodoro Rosso a melhor forma de prevenir incêndios é a educação, a

começar pela escola. Em segundo lugar, os veículos de comunicação de massa, como o rádio, a televisão e os jornais, os quais - frisa - infelizmente só tratam do assunto sob o ângulo sensacionalista, quando ocorre algum incêndio grave.

E, para encerrar, o engenheiro Rosso sugere que cada edifício forme uma comissão de três moradores para instruí- se em prevenção e combate a incêndios. Lembra como exemplo que durante a 2ª Guerra Mundial cada prédio da Europa tinha um grupo de moradores instruídos para agir em caso de bombardeio e posterior incêndio. No nosso caso, tais comissões se encarregariam de verificar se os equipamentos de prevenção estão em ordem e se não estão sendo criadas condições para incêndios, além de orientar os seus vizinhos quanto aos riscos do incêndio, da fumaça e dos gases e da necessidade de se retirar em ordem, sem pânico e outras medidas capazes de minimizar os efeitos de um incêndio por maior que seja a sua proporção. Para tanto, procederiam a treinamentos periódicos.

Incêndios matam 12.000 pessoas por ano nos EUA

e o preparo de alimentos são as fontes mais altas de incêndios naquele país seguindo-se as de origem elétrica, e de cigarros e fósforos.

Pesquisa abrangendo 14 países, realizada por K. Kawagoe, revela a propósito, que quanto mais avançado o nível de industrialização de um país, mais alta é a incidência de incêndios e de mortes.

Isso demonstra que em geral as causas mais frequentes de incêndios devem ser procuradas nas próprias condições criadas pelo progresso e nos instrumentos destinados a melhorar o nível de vida do homem.

As pesquisas vão desvendando as causas dos incêndios: na França a imprudência dos fumantes é causa de 16% das



Uma recordação dolorosa, a demonstrar a gravidade do problema: o incêndio do Joelma, em S. Paulo, em 1974.

mortes e a inflamação de líquidos perigosos é responsável por mais de 11% de casos fatais. A asfixia decorrente da impossibilidade de deixar o local atingido é responsável por elevado número de casos fatais. Nos Estados Unidos, 25% de mortes em habitações são causados pela impraticabilidade do uso de escada única por efeito do fogo. No Brasil, observam-se dois fatores: construções inseguras e maior incidência de problemas elétricos.

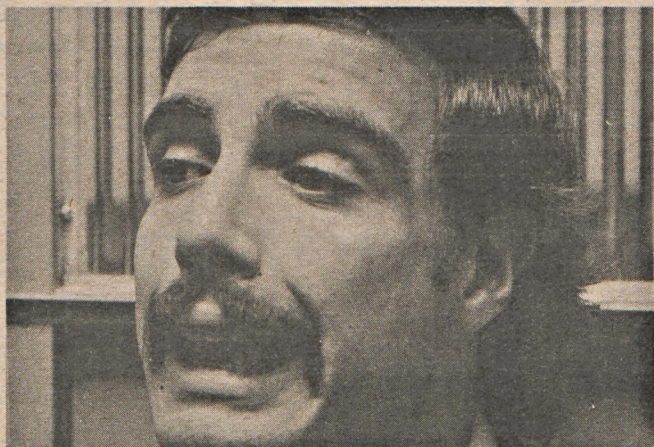
Contudo, no que tange a riscos internos, as várias fontes mostram que em geral as incidências mais elevadas têm como causa, pela ordem, os fatores seguintes: 1 - eletricidade; 2 - equipamento de cozinha; 3 - cigarros e fósforos; 4 - líquidos inflamáveis.

Apesar da rigidez da legislação norte-americana e da sua formidável infraestrutura de Corpos de Bombeiros, o fogo mata 12.000 pessoas por ano nos Estados Unidos. O aquecimento doméstico

Geral

Centro Acadêmico denuncia "farsa eleicoeira"

Mais um caso traz em alvoroço meios estudantis de São Paulo, o do furto das urnas para eleição do Diretório Central dos Estudantes. O Centro Acadêmico "XI de Agosto", entidade interessada, fez declarações a "O Expresso" acerca do problema que poderá ser hoje solucionado com a realização de novas eleições.



Os representantes do Centro Acadêmico "XI de Agosto" falando a "O Expresso"

De repente uma sigla que não tinha muito significado para a maioria das pessoas - estudantes ou não - passou a ocupar as manchetes dos jornais: "furtadas as urnas do DCE". O que é o DCE? Por que foram "furtadas" as urnas?

DCE é a sigla de uma entidade que nem mesmo a Reitoria da Universidade de São Paulo reconhece: Diretório Central dos Estudantes. Os atuais estatutos da USP não prevêem a existência do DCE que vem mencionado no Decreto-Lei nº 228, de 1967. Mas a ausência de reconhecimento da Reitoria não impede que o DCE exista, mesmo contrariando as disposições do referido Decreto-Lei no que toca às formas de indicação de seus titulares.

Para representar os trinta mil estudantes da Universidade de São Paulo, o DCE realizou eleições, com a presença de cinco chapas qualificadas apenas por "plataformas" e não por nomes. Apenas 7.910 alunos votaram (abstenção de mais de 70% dos alunos), incluindo universitários da USP e estudantes da Escola de Sociologia e



Política e da Faculdade de Engenharia Mauá, que não pertencem à Universidade.

As eleições foram realizadas em clima estranho. Em várias escolas comentava-se que é muito comum a aparição de "pessoas muito fortes" em dias de votação para a proteção dos "chefes do DCE..."

E AS URNAS SUMIRAM...

Os 7.910 alunos que votaram, para indicar os representantes de trinta mil estudantes talvez tenham ficado um pouco frustrados com o estranho desaparecimento das urnas, "oficialmente antes das apurações". Segundo alguns universitários não

há qualquer espécie de prova de que as apurações não tenham sido efetivadas. Afinal, os próprios "donos do DCE" são os fiscais das eleições...

Quais eram os maiores interessados no desaparecimento das urnas, perguntam outros alunos, se não os integrantes do DCE. Lembram então da maneira estranha como 150 pessoas (entre os quais estudantes) se reuniam para as sessões da Comissão Universitária do DCE, propondo e fazendo aprovar qualquer coisa, já que a apuração é "manual" (ou seja através de cômputo das mãos levantadas).

Um esquema de decisão portanto, bastante

curioso, em que qualquer pessoa pode propor e votar em "assuntos estudantis" mesmo que não seja estudante... Este, conforme vários universitários, é o quadro da "representatividade" questionada pelo Centro Acadêmico "XI de Agosto" da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, e do "Oswaldo Cruz", da Faculdade de Medicina de Pinheiros.

UNIVERSITÁRIOS DENUNCIAM

Aloisio Lacerda Medeiros, vice-presidente do Centro Acadêmico "XI de Agosto", acompanhado pelo diretor Luiz José Bueno de Aguiar, prestaram depoimento à reportagem de "O Expresso":

"Não podemos aceitar que nenhum órgão nos retire a autonomia! Somos escolhidos por eleição direta e pelo nosso amor às liberdades democráticas não aceitaremos processos ditatoriais e sem qualquer legitimidade".

Aloisio Lacerda de Medeiros, ao retorquir à interrogação de "O Expresso", fá-lo em tom emotivo. Ditadura, explica-nos, é o sistema imposto pela Comissão Universitária do Diretório Central dos Estudantes. Explana o seu parecer quanto ao caráter minoritário do órgão:

"Que representatividade pode ter uma associação com 150 alunos que deve agir em delegação dos 30.000 estudantes da Universidade de S. Paulo? Uma Comissão que não tem, sequer, estatutos aprovados, cujas assembleias funcionam de qualquer maneira, sem "quorum", com interferência provada de elementos estranhos, que podem até não ser, e assim acontece, certamente, estudantes?!"

"NÃO SOMOS CONTRA O DCE"

À interrogação de "O Expresso" o vice-presidente do Centro Acadêmico "XI de Agosto" responde quase em uníssono com o seu colega que recebeu a nossa reportagem:

"De nenhum modo! Somos pelo DCE, mas se for real, verdadeiro. Desde que seja formado pela reunião de todas as organizações de alunos. Não da forma atual, em que, como no caso da eleição, não houve participação verdadeira da massa estudantil. Muitos perguntavam: o que é o DCE... Não sabiam!"

"O resultado das urnas desaparecidas - um "golpe baixo", que repudiamos sabemos qual foi. O número de votos nulos e de abstenções foi enorme. Por isso eles tinham de descarregar o negócio, de qualquer maneira..."

- Mas por que as abstenções? Foram intimados?

"Os obstáculos foram muitos... Não fomos convidados pela Comissão Universitária a participar na assembleia, nós e milhares nas nossas condições. Competia à pseudo Comissão Universitária promover a comparência. Fomos intimados? Não: fomos boicotados! O presidente do nosso Centro, Mário Renato Botelho, para se fazer ouvir, e mal, numa reunião, não teve que falar, foi obrigado a gritar. A Comissão repudiou toda a tentativa de aproximação".

PRESSÕES...

"E há mais!"

O vice-presidente do Centro acadêmico não esconde a emoção. Diz:

"Votou-se em quem não se sabia quem era.

Votou-se na chapa, em candidatos cujos nomes não foram divulgados, a coberto do anonimato de hábito nas reuniões, onde o voto era exprimido por mão no ar! Não, de maneira nenhuma podemos participar ou consentir em farsas destas".

- As pressões limitaram-se a isto?

"Fomos para a luta, esclarecemos os nossos partidários, e sofremos ameaças de agressão física. Isso não nos intimidou e continuamos, como continuaremos".

Uma derradeira pergunta feita por "O Expresso":

- Qual a posição da Reitoria?

"Bem... O Reitor disse que não tinha nada com isto, que o problema não tinha nada a ver com a Reitoria..."

A terminar, mais alguma declaração dos nossos entrevistados:

"A anterior eleição realizou-se nos corredores, no saguão de entrada da Faculdade. Não houve fiscalização. O pessoal estranho era agressivo, gente predisposta para a violência. O "grilo" começou aí. Mas prosseguimos, porque a intimidação não nos atemoriza".

"E - declara-nos, por último, o vice-presidente do Centro - quero acenar que estamos de acordo com o decreto-lei 288, de 1967, que prevê no Artº 7º a criação da DCE. Mas da forma porque aí é indicada: através de eleições indiretas, por colegiado formado por diretórios de alunos. Estamos com isso; só achamos que o órgão atual, a Comissão, não tem a menor representatividade. É esse o motivo da nossa luta em defesa de métodos democráticos".

Alunos da USP combatem a ditadura do Diretório Central dos Estudantes

O Centro Acadêmico "XI de Agosto" distribuiu entre os seus associados um manifesto com o seguinte texto:

"O Centro Acadêmico XI de Agosto, através de sua diretoria, vem a público manifestar seu repúdio à farsa eleicoeira que tem sido chamada vulgarmente "eleição para o DCE".

Não podemos, de maneira alguma, por uma própria questão de fidelidade, amor à verdade e à verdadeira representatividade democrática, cola-

borar com uma falsa forma de "união", liderada por elementos que sequer se dão ao luxo de ouvir nossas idéias e posições.

O C.A. XI de Agosto respeita as autonomias alheias, e não abre mão da sua, aliás claramente estabelecida.

Os mesmos elementos que vêm agora apadrinhar uma eleição inócua e falsa, num exemplo palmar do instinto autoritário que lhes rege o arbítrio de que estão imbuídos, negaram-se a receber os

diretores deste C.A., quando da assembleia realizada na Cidade Universitária em 30/03/76.

Sarcasticamente tripudiaram sobre o que representa este C.A. XI de Agosto, em termos de representatividade por votação legal e secreta.

Uma eleição apadrinhada por quem não tem o menor sentido de ética, de consideração ao consenso, nem aos conceitos alheios, só pode carecer da seriedade. A verdadeira democracia só se plan-

ta sobre o terreno da divulgação ampla das plataformas diversas, do acatamento maior das correntes adversas, do respeito e da solidariedade. Esses requisitos faltam aos corifeus da "eleição do DCE". Quem não pactua com as ditaduras também não podem aceitar as farsas eleitorais.

Chapas fantasmas implicam em apoio fantasma. Deixemos que se unam bruxas e duendes.

Somos contra os movimentos do além.

EXCLUSIVO

Mons. Sloskans, o último bispo católico da Rússia

(nomeado por Pio XI)

Dez de maio é o quinquagésimo aniversário da consagração episcopal de Sua Eminência, Boleslav Sloskans, bispo de Minsk e Moghilov, o único ainda vivo de 4 bispos consagrados secretamente na URSS em 1926. Na Bélgica, onde o bispo de 83 anos vive, em Nova York e em outras partes do mundo estão sendo preparadas pequenas festas em honra deste confessor da fé, mas no resto do mundo a data passará inobservada, por causa dos novos endereços da "Ostpolitik" vaticana, que renunciou a qualquer ação secreta, mas quer obter a denominação de bispos "leais" através de acordos com governos comunistas.

Pio XI, preocupado com o estado miserável da Igreja Católica na Rússia, onde bispos, sacerdotes e fiéis eram agredidos, condenados e marginalizados, decidiu confiar ao jesuíta francês pe. Michel D'Herbigny, presidente do Pontifício Instituto Oriental de Roma, uma delicada "missão" que por um certo tempo deveria permanecer secreta. Em 29 de março de 1926 o pe. D'Herbigny foi consagrado bispo pelo núncio

Eugênio Pacelli, o futuro Pio XII, em sua capela privada em Berlim. Logo depois o novo bispo, munido de passaporte regular francês, dirigia-se a Moscou e outras cidades da URSS, onde nomeava novos administradores Apostólicos para as 10 dioceses católicas da Rússia, conferindo a 4 deles o caráter episcopal.

O bispo Sloskans tinha 33 anos e era vice-pároco da Igreja de S. Catarina em Leningrado quando a 10 de maio de 1926 foi consagrado bispo da Igreja de S. Luís em Moscou em presença de algumas testemunhas. O plano era que, depois de algum tempo, os novos bispos e administradores deveriam exercer sua função publicamente. Tão logo difundiu-se a notícia de que o Papa havia restabelecido a hierarquia - na Rússia, milhares de católicos e também alguns ortodoxos foram ter com os novos representantes de Roma para receber os sacramentos e render homenagem ao Vigário de Cristo que não os havia esquecido e abandonado sem um pastor.

A 14 de novembro de 1926 o bispo Sloskans

celebrou seu 1º ato pontifício na Igreja de S. Antônio em Vitebok e iniciou uma visita pastoral às 2 dioceses filiadas ao Papa. Mas a corrida de tanta gente chamou a atenção da polícia e o bispo foi preso em 16 de setembro de 1927. Durante a revista de sua casa, dentro de um quadro, foi "encontrada" uma carta militar escondida propositalmente por alguns provocadores. Por este motivo, sem processo regular, o bispo foi condenado às famigeradas ilhas Solovskij, além do Círculo Polar Ártico, como "agente do governo polaco". Naquele terrível centro de torturas o bispo Sloskans encontrou outros membros do clero e leigos católicos, entre os quais o Esarca do rito bizantino Leonid Fedorov. Segundo o que o bispo narrou em suas memórias (não totalmente publicadas até hoje), a vida espiritual naquelas horribéis prisões era em tudo semelhante àquela dos primeiros cristãos nas catacumbas e eles tiveram a consolação de ter um dos detentos ordenado sacerdote.

Em sendo de nacionalidade letônica, o bispo

Sloskans obteve a cidadania russa para poder ajudar os católicos perseguidos e quando em 1933 o governo letônico obteve que ele fosse trocado com espiões soviéticos, ele suplicou para poder permanecer entre os seus filhos sofredores. Só quando soube que aquela era a vontade do Papa, consentiu em deixar a Rússia. Depois da 2ª Guerra Mundial, Pio XII nomeou-o visitante Apostólico dos Católicos russos espalhados pelo mundo.

Hansjabob Stehle, em seu livro intitulado "A Ostpolitik do Vaticano" publicado no ano passado na Alemanha, dedica mais de 100 páginas de crítica à missão de D'Herbigny na Rússia, criticando o mártir da fé e concluindo que para o Vaticano não há outra alternativa se não pactuar com os governos comunistas, mas como bem advertia o cardeal Mindzenty, de que serve nomear bispos e sacerdotes que estão comprometidos com o regime comunista? Mais de 200 sacerdotes lituanos escreveram para Roma: não queremos estes bispos que punem os sacerdotes temerosos que ensinam o catecismo aos meninos e pregam o evangelho. Apesar destes avisos, o Vaticano continua seguindo sua política de "distensão" e em fins de abril anunciava que hoje todas as dioceses da Hungria têm um bispo residente. Entretanto, um desses bispos, Mons. Jozsef Cserhati, junto de um metropolitano russo de Leningrado Nikodim, visitava os Estados Unidos dizendo que a religião é respeitada pelos comunistas e que o Ocidente deve aceitar as condições de paz de Moscou. Na recepção ao metropolitano Nikodim e ao bispo Cserhati estavam vários representantes do clero americano. Estes bispos e sacerdotes católicos dos Estados Unidos, porém, refutavam a proposta de convidar Alexandre Solzhenitsyn para o Congresso Eucarístico Internacional que terá lugar na Filadélfia em agosto próximo. Na Tchecoslováquia os bispos consagrados, com permissão dos comunistas, do sub-secretário de Estado vaticano arcebispo Agostinho Casaroli, também declararam sua fidelidade ao regime e às leis anti-religiosas comunistas.

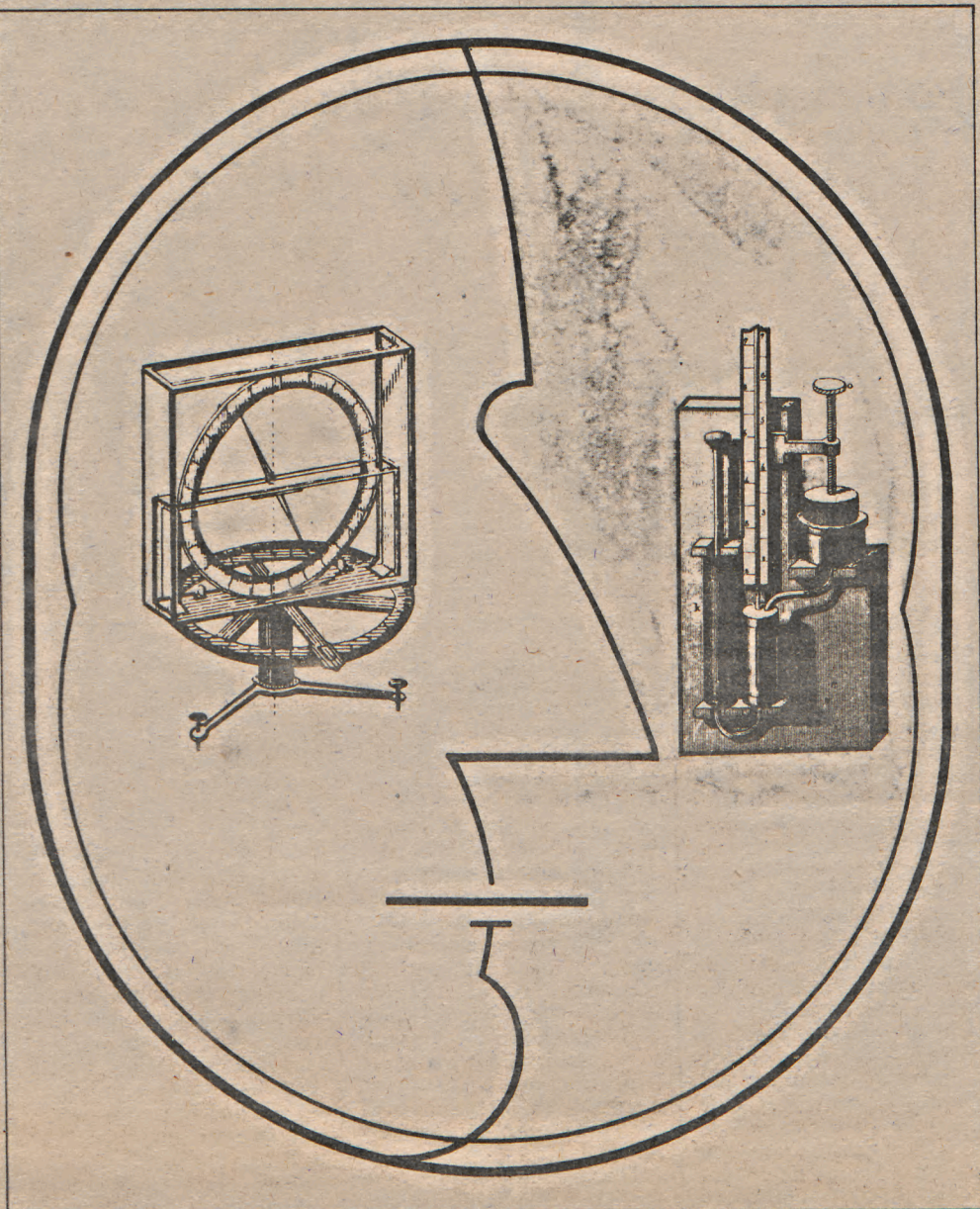
É mister, portanto, concluir que não só a "missão D'Herbigny", mas a atual política de abertura vaticana, com os comunistas falhou. O caso de Portugal e da Itália são uma outra prova. Mons. Sloskans escolheu como tema as palavras "Hostia pro fratribus". Hoje ali vive esquecido e abandonado, sem a possibilidade de um secretário que responda às suas cartas, mentindo na sorte que coube ao seu confrade Mons. Alexandre Frison, consagrado bispo com ele naquele longínquo 10 de maio de 1926 e fuzilado pelos soviéticos em 2 de agosto de 1937. Os outros 2 bispos "secretos", Antoni Melecki e Pius Neveu, morreram no exílio em 1934 e 1946. É terrível pensar que nesta longa e lenta imolação os últimos e mais cruéis golpes são infligidos ao bispo Sloskans por aquela Roma que ele serve com tanto amor e fidelidade.

Este é o 1º artigo de uma série de intervenções do P. Floridi. Dedicou às figuras mais representativas dentre as vítimas do comunismo. Até o fim de maio sairá em Milão um livro do mesmo autor sobre a política de distensão do Vaticano vista pelos dissidentes soviéticos.

Pe. Alistio Ulisse Floridi

Fiéis russos na entrada do convento de Don, em Moscou, onde está enterrado o patriarca Tikhon. (Foto de "Editions des Catacombes", Paris)



CIENCIA E
TECNOLOGIAGoverno e
Cibernética

Talvez a Cibernética Social, embora pouco conhecida e um tanto temida, mas bastante discutida nos centros científicos e culturais do mundo, traga em si a solução para os tremendos problemas de ordem sociológica, ecológica, econômica e tecnológica em que esse mundo se debate.

Isto porque uma das muitas definições de Cibernética é de "uma nova maneira de pensar", ou "de tornar uma ação eficaz". A nova maneira de pensar é aquela que leva em consideração a retroação, o efeito agindo sobre a causa a fim de corrigir os desvios e os erros, adaptando a ação ao meio, dentro de uma finalidade pré-estabelecida; é também a ordenação lógica dos fatores casuísticos. A ação eficaz consegue-se através da coordenação, ordenação, avaliação e execução do programa tendo em vista um alvo definido.

Ora a essência da Cibernética é exatamente essa, razão porque sua ação está presente nos organismos vivos que procuram adaptar-se ao meio ambiente variável, mantendo o equilíbrio, a homeostase, para a sobrevivência a para a finalidade vital.

POLÍTICA

Se política é ciência do governo dos povos, ou arte de dirigir, ou ainda a arte de conciliar os inconciliáveis, ela muito se aproxima da Cibernética, nome grego que significa "governo", "piloto" "comando", muito bem escolhido por Wiener para designar essa nova ciência da comunicação e do controle.

Sabidamente já dizia Platão que "a Cibernética

salva dos maiores perigos não apenas as almas, mas também os corpos e os bens". Sábio conceito do grande filósofo que há 2.400 anos já vislumbrava alcance da arte de governar ou dirigir ou controlar, através do leme, do timão, o barco da humanidade, levando-o a bom tempo.

E porque a Cibernética é uma ciência pluridisciplinar que busca uma unificação morfológica, uma síntese estrutural, ela é abrangente, aberta, procurando "mais saber alguma coisa sobre tudo, do que saber tudo sobre alguma coisa", como dizia Pascal. A moderna Teoria da informação, o "feedback" (retroação), a entropia, a computação, temas essenciais da Cibernética, emprestam, hoje, às ciências humanas considerável contribuição. Urge aproveitá-las.

GOVERNO

Governar era (e continua sendo), seguir a vontade da maioria do eleitorado refletida em seus representantes. Estradas, escolas, edifícios públicos, fontes luminosas, nomeações, empregos,

etc., eram implantados e obtidos de acordo com a atuação política dos homens públicos, como prefeitos, vereadores, deputados, chefes regionais, etc... Isto foi e ainda é considerado por muitos como governo democrático.

Se a democracia é governo por consentimento dos governados, ou governo que atenda os legítimos anseios e interesses do povo, a Cibernética constitui uma metodologia que pode atender a essa finalidade. E isto porque o fator primordial para que os interesses e anseios do povo sejam apreciados convenientemente, é a informação. E informação é Cibernética, mas informação racional, lógica, coerente, completa. E, se para avaliar, organizar e realizar esses anseios torna-se necessário o controle, este também é Cibernética.

É absolutamente necessário reconhecer que o mundo se torna cada vez mais lógico no sentido em que muitos fenômenos físicos e sociais se tornam mais compreensíveis e explicáveis. A economia, a sociologia, a psicologia

já podem explicar e até quantificar certos fatos sociais.

São novas informações que precisam ser acrescentadas às já existentes que orientam o governo; mas, se bem que o conhecimento administrativo fique enriquecido com novos dados a complexidade também aumenta.

Esta complexidade pode chegar a tal ponto que não seja bem assimilada pelos governados, surgindo daí um conflito uma vez que poderá ocorrer que aquilo que o povo anseia pode não coincidir com o que ele realmente precisa. Esta é a razão porque democracia autêntica pressupõe cidadãos bem informados.

A Cibernética técnica, a computação, a informática, propiciam meios para um eficiente sistema de comunicação; por isso ela prenuncia mudanças sensíveis no sistema social e administrativo.

Donald Michael, sociólogo americano, diz no seu livro "Cybernation, the silent conquest" que, "se o nosso regime democrático tem chance de sobrevivência, devemos entender cada vez mais as

consequências da cibernação". Cibernação é um neologismo que significa a função da Cibernética com a Automação. O conceito de "governo do povo, pelo povo e para o povo", ficaria abalado; talvez somente a última expressão seria mantida, sem contudo deixar de ferir fundamentalmente a idéia usual que se tem de democracia.

Eis aqui uma questão importante para os sociólogos e juristas abordarem; pois as idéias de Rousseau e Montesquieu parecem estar basicamente abaladas.

O essencial para a manutenção da idéia democrática - liberdade e participação - está no consenso geral, no bom entendimento, na informação correta.

Nos tempos atuais o governo dispõe de extensas fontes de informação as quais, além de não serem acessíveis ao povo de uma maneira geral, são de difícil ou complexa interpretação. Daí a razão do que foi dito antes, que, nem sempre o que o povo quer, coincide com o que ele precisa. Parece que, a melhor maneira de solucionar essa questão, seria, como já foi dito, informar bem o povo o que, convenhamos, não é muito fácil; todavia, o povo aglutinado em instituições representativas - associações, sociedades, centros, sindicatos, etc. - pode participar perfeitamente, da política, do governo e da administração pública.

A democracia institucional é, sem dúvida a mais legítima, a mais representativa, pois não reflete opiniões em tendências individuais, mas sim de grupos orgânicos, definidos grupos esses por suas próprias atividades - familiares, profissionais, artísticas, etc. - constituem a essência da sociedade que antecede ao Estado. Dessa sociedade natural, na essência do conceito, é que devem brotar o regime político e a forma de governo.

Assim, modernamente já se pode considerar o governo como uma ação aplicada a um grande e complexo sistema.

Estes grandes sistemas estão sendo estudados e aperfeiçoados, em vários países através de técnicas cibernéticas. Nos Estados Unidos, como já vimos, o assunto é considerado de grande importância; Nicholas Golovin, falecido, foi um dos pioneiros desses estudos naquele país.

Sugeriu ele, o estabelecimento de um Quarto Poder para coordenar as informações e as ações dos outros três. As municipalidades de Los Angeles e Nova York já estão usando esse novo sistema administrativo.

A questão merece muita consideração dos nossos homens públicos, intelectuais e povo em geral, uma vez que novos horizontes se descortinam nesse setor vital para a humanidade.

Tendo-se os dados fundamentais de uma grande região, isto é, conhecendo-se sua infra-estrutura, informações sobre o solo, produção agrícola e industrial, clima, sistema educacional, tipo de população, e dezenas de outras, torna-se possível o estabelecimento de um modelo que represente com certa aproximação a realidade que se quer estudar. Note-se que o modelo não é a realidade, mas a imagem desta.

Estabelecendo o modelo e as metas de atingir, pode-se, através da técnica da simulação, torná-lo dinâmico, podendo-se, pois, jogar com vários fatores e medir ou observar os resultados.

São técnicas novas, já aplicadas em grandes sistemas, que facilitam extraordinariamente a visão administrativa do conjunto. Os resultados desse trabalho feito através de computadores são analisados pelos homens do governo e transmitidos às instituições.

Eis aqui um "food for thought" para os sociólogos.

Lauro de Barros Siciliano

MUNDO
POLÍTICA

Colonização Judaica na Cisjordânia cria novo foco de inquietação



Novo foco de agitação acaba de surgir na fronteira de Israel com relação à chamada "linha verde", isto é, a linha que demarca territórios situados na margem ocidental do rio Jordão e ocupados pelos israelenses. Repetem-se os protestos dos prefeitos da Cisjordânia contra a decisão do governo israelense de continuar a implantar colônias judaicas naqueles territórios - o que contraria tanto a política norte-americana na região como a resolução da ONU a respeito da questão.

Julgam os observadores que a precária calma existente na região logo cederá lugar a uma nova onda de descontentamentos e de distúrbios. A decisão governamental começou a suscitar inquietação nos meios políticos mais moderados de Israel, pois ocorreu no momento em que os Estados

Unidos recordaram, publicamente, que, para Washington, "a implantação de colônias judaicas nos territórios árabes ocupados depois de 1967 não tem nenhuma validade jurídica e constitui ainda um obstáculo a paz no Oriente Médio."

A maioria dos jornais israelenses tem publicado despachos de seus correspondentes em Washington dando conta de que o governo dos Estados Unidos não concorda com os planos e orçamentos israelenses elaborados para a implantação de novas colônias nas regiões do Golan, Vale do Jordão, Sinai (Sharm El-Sheik e Rafian), Gaza e na chamada "Grande Jerusalém" (que abrange o Norte de Ramallah, Sudoeste do Hebron e Leste do Jericó). Pela terceira vez, na última semana, os Estados Unidos expressaram sua oposição à

política de estabelecimento adicional de colônias nos territórios árabes ocupados na Guerra dos Seis Dias.

Segundo fontes do Departamento de Estado, o governo norte-americano considera a política de colonização israelense "uma flagrante violação da Convenção de Genebra". Como já é grande a área de dissensões entre Washington e Tel Aviv, a questão poderá provocar uma maior confrontação entre os dois países.

Um sintoma do desajustamento decorrente desse problema apareceu nas páginas do "Haaretz", órgão de orientação independente de Tel Aviv. O jornal publicou uma longa análise da conduta do primeiro ministro Yitzhk Rabin. O trabalho, que se baseia em depoimento de "alguém que é muito próximo ao primeiro-ministro", assinala que Rabin não afa-

ta a possibilidade de que Israel se defronte com fortes pressões por parte dos Estados Unidos e se oponha, em consequência, a todo projeto de solução do conflito do Oriente Médio que lhe parece contrário aos seus interesses.

Não obstante, Rabin acredita que "os Estados Unidos jamais abandonarão Israel e nem tão pouco deixarão de cumprir os compromissos assumidos com o Estado judeu". Mas a onda de descontentamento que já envolvia os meios políticos israelenses continua a acentuar-se e envolve até mesmo o Partido Trabalhista, ao qual pertence Rabin.

Um jovem deputado desse partido, Yossi Sarid, criticou duramente o governo de Tel Aviv, afirmando que "raramente um governo israelense deu testemunho de sua fraqueza como o vem fazendo o

dirigido atualmente pelo sr. Yitzhk Rabin. Em lugar de começar a elaborar as possíveis negociações de paz com os árabes, nosso governo está preocupado em chegar a um acordo com o Gush Emunin".

A referência do deputado ao Gush Emunin tem por objeto a colônia de Kadum. Trata-se de uma colônia judaica estabelecida "ilegalmente" (sem autorização do governo) pelo movimento ultranacionalista que leva esse nome. Situada nas proximidades de Nablus, na Cisjordânia, essa colônia constitui o centro da controvérsia que ameaça simultaneamente a paz naquela região e o próprio governo de Rabin.

O grupo de colonos que lá se encontra há quase seis meses, em modernos e confortáveis "trailers", dispõe de água encanada, eletricidade e até mesmo de uma

agência de correios, além de uma linha de ônibus especialmente criada para ligar a colônia com Tel Aviv, não parece disposto a recuar nem um milímetro de sua posição. Enquanto isso, porém, o governo insiste em transferir o grupo para outro local, "no centro da Samaria" e faz de conta que Kadum não existe. O Gush Emunin não revela nenhuma pressa em concretizar a transferência, anunciada para proximamente".

Augusto Salles.

O Espectro do Comunismo paira sobre as eleições italianas

O terror e a morte que os temores de terra espalharam estes dias pelo Norte da Itália poderão ser um prenúncio de grandes abalos sísmicos no cenário político do país. A crise política teve seu anti-climax na renúncia do gabinete do Aldo Moro, mas o pior, na opinião dos observadores, está por vir com a antecipação em mais de um ano das eleições gerais, que se realizarão a 20 de junho próximo, tendo-se como certa a ascensão do Partido Comunista Italiano à posição de maior força política do país.

Talvez seja prematura essa visualização do resultado das urnas, já que a Democracia-Cristã tem como principal baluarte a Igreja Católica e esta, pela palavra do Papa e dos Bispos, já começou a caracterizar o apoio ao comunismo como atitude indigna dos autênticos fiéis.

Em recente pronunciamento, Paulo VI falou de "traição" a propósito dos católicos que praticam a política da mão estendida, concordando em concorrer às eleições pela legenda do PCI. E, por outro lado, a Conferência Nacional dos Bispos reiterou a posição tradicional da Igreja, condenando o favorecimento ou a colaboração com os comunistas.

Em nota recém-divulgada, a Conferência convida os eleitores a "fazer escolhas coerentes com sua condição de cristãos". Mas essa declaração nem chegou a molestar os comunistas, talvez por pensarem que os Bispos ficarão somente nesta declaração, não abrindo fogo direto e concentrado contra os candidatos do PCI e, aliás, também do PSI.

O jornal comunista "L'Unità" classificou a nota da CEI

de "confusa", assinalando, de passagem, que a nota evita mencionar a DC. O jornal preferiu refirir-se ao trecho da nota que fala numa vida "transparente e irrepreensível, à dedicação ao bem comum, que devem caracterizar o homem político". O jornal comunista fecha seu comentário dizendo que a renovação moral e política do país não depende de uma nova cruzada.

Outro jornal de esquerda, "La Repubblica", é de opinião que os Bispos lançaram o conceito de cruzada no apelo que fizeram. "Mas uma vez - continua o jornal - estamos diante de uma clamorosa violação do acordo que veta, à hierarquia eclesiástica, intervir nos assuntos políticos do Estado italiano".

É sintomático o fato de que, nos meios democrata-cristãos, tal nota foi acolhida com muita

satisfação, sendo considerada elemento esclarecedor.

Por outro lado, observa-se que se trata de uma nítida intervenção do Vaticano em assuntos eleitorais, embora a nota não fale de marxismo ou de comunismo. Para o "Corriere della Sera" a nota constitui um documento de tom moderado e conteúdo firme. "A nota - diz esse jornal - não é escrita em tom de cruzada, nem usa expressão como 'unidade de todos os católicos' - o que equivaleria a um convite para que votássemos apenas na DC". Na verdade, porém, há a sugestão para que os eleitores não desperdicem suas energias, segundos tudo faz crer, a CEI se fará ouvir ainda antes do 20 de junho, pois é irrecusável a importância do que estará em jogo nas eleições.

O "Osservatore della

Domenica", porta-voz do Vaticano, voltou já à carga com um artigo que diz que nas próximas eleições a escolha será entre liberdade e ditadura. O autor do artigo sustenta que não deseja pôr em dúvida a sinceridade de Enrico Berlinguer, quando este afirma que seu partido, o Comunista, adere à idéia de liberdade e ao pluralismo ideológico, mas observa: "Se ele é sincero, seu partido já não é o comunista, mas reformista, chegando desta forma a uma degradação nunca vista numa força que usa o título de comunista".

Ignorando este e outros pronunciamentos da Igreja, Berlinguer já está promovendo a formação de uma coligação governamental de emergência, com participação dos comunistas, depois de 20 de junho. Segundo ele, os comunistas deverão se transformar na

principal força política da Itália e dessa forma terão direito a participar de uma coligação forte, formada por todos os partidos democratas e populares.

Para Berlinguer, tal coligação deverá permanecer no poder até que se resolva a crise econômica e política que sacode atualmente a Itália.

Amadeu Rabelo

AMÉRICA
LATINAO contrabando
argentino

BUENOS AIRES — Quarenta mil "formigas" saqueiam o celeiro argentino, comprovaram consternados os serviços de aduanas.

Seu alarme é tanto maior quanto estas "formigas" são de tamanho considerável: trata-se, na realidade, de mulheres que fazem passar as mercadorias pelas fronteiras do norte do país para o Brasil, Bolívia e sobretudo para o Paraguai.

É a inquietação é maior quando se faz a conta de que o volume de mercadorias que tem saído ilegalmente da Argentina representa uma soma de 2 bilhões e 500 milhões de dólares, ou seja quase tanto quanto as exportações oficiais. Em princípios de abril, as aduanas e o exército confiscaram um trem inteiro de 90 vagões, que se dispunha a transportar ilegalmente para a Bolívia cerca de 3 milhões de dólares em mercadorias.

Mas o trabalho realmente de formigas, por

sua regularidade e por seu caráter em princípio legal, das 40.000 passadoras do norte, é o fator mais original e preocupante do problema.

Como é possível que este tráfico seja legal e ilegal ao mesmo tempo? É um fato. A mulher que cruza a fronteira com seu saco de mercadorias não é legalmente uma contrabandista: tem a autorização pelo regulamento das alfândegas, que é algo tolerante para os habitantes fronteiriços.

Mas somando tudo, do outro lado da fronteira, o que transportaram as 40.000 mulheres se obtém, evidentemente, muitíssimo mais do que o tolerado pelo regulamento e a magnitude do contrabando é impressionante.

Um documentário apresentado pelos serviços argentinos de aduanas e filmado em Clorinda, cidade fronteiriça com o Paraguai, próxima a Assunção, mostra todo o processo.

Um grupo de 50 passa-

doras trabalha com uma responsável. Esta última, que maneja o dinheiro, faz as compras em Clorinda e distribui depois suas mercadorias entre suas cinquenta empregadas, de modo que cada uma não transporte mais do que o permitido legalmente. Do outro lado da fronteira, a patroa recupera suas mercadorias. O motorista de táxi que levou as mulheres encheu o tanque de gasolina...

Esta prática, afirmam os responsáveis argentinos de aduanas, é corrente e se o método pode fazer sorrir por sua engenhosidade e seu caráter artesanal, na hora do balanço o assunto é bastante sério.

Segundo cifras das alfândegas as "passadoras" tiram em um mês da Argentina, 1.200 toneladas de carne bovina, um milhão e duzentos mil litros de leite, vinte milhões e 200 mil ovos e 160.000 toneladas de farinha.

Jean-Pierre Bousquet



CRÔNICA

Santidade
ou
loucura?

Tinha de ser mesmo este abade Oraison que de Oração pouco tem e pertence àquela espécie de sacerdotes que pretendem dosmitificar fenômenos religiosos (aqui entre nós, detesto estes protensos "sábios", senhores com teorias próprias, sobre a formação do homem, que descenderia mesmo do macaco, quando um cientista que nada tem de religioso, um osteopata francês descobriu, recentemente, que o homem jamais poderia ter sido um símio, pela sua formação óssea, e que sempre se conservou de pé, sendo que os esqueletos mais antigos encontrados provam que Darwin não tinha nenhuma razão, o de que sempre desconfiei. Por que só o macaco-homem se tornaria sutil e avançado? E por que seus

primos pobres continuaram eternamente macacos, pulando nos galhos?) Fechado este parêntese, voltamos ao padre com o nome errado: Oraison ou Oração. De acordo com um recorte de "Le Monde", ficamos sabendo que ele propôs, como doutor em medicina e em teologia que são várias questões sobre muitas visões dos santos, que constituíram material de debate. Seriam delírio, loucura ou aparições sobrenaturais? Assim, com muita tristeza, sabemos que este abade transviado acha que todas estas aparições são falsas, porque são subjetivas, e diante de um auditório tranquilo - Ah, se eu estivesse lá! - acaba de declarar em Paris que, anti-gamente, as pessoas viam mais a Virgem Maria, e,

que hoje, em seu lugar vêem mais discos voadores. Mas, de acordo com o redator de "Le Monde", recentemente, um padre "psicanalista", Louis Beinaert, qualificou uma aparição de Santo Inácio de Loiola como delírio alucinatório e a relacionou com Freud, nela imaginando, isto é, no Santo, a criança que "troca" a tristeza de perder a mãe fazendo-a reviver num jogo onde se alternam o desaparecimento e o reaparecer da criatura. Não escaparam destas terríveis tentativas de destruição da fé cristã mais profunda, nem mesmo aquela rosa chamada Santa Terezinha, cuja vida em família serviu de modelo para investigação destes teólogos destrutivos. Foram cremados na mesma "fogueira", que tantos séculos depois, cremaria, agora, em 1976 uma Santa Joana D'Arc e suas visões, assim como outros venerados santos de nossa Igreja, como Santa Maria Margarida

Alacoque. E este abade Oraison, disse, também, que Pio XII antes de morrer tivera uma visão de Cristo, mas afirmou que o Papa estava sob a ação de medicamentos que provocaram sonhos e delírios. Por fim, cansados de procurar destruir as visões das santidades cristãs, investiram também, contra as orientais. Mas, quem não era sacerdote como Jean Guilton, deu neles todos uma surra espiritual, nestes traidores da santidade, dizendo que os verdadeiros santos vão muito além de seu tempo, num linha superior da evolução da Humanidade. "Se Joana D'Arc" - como disseram estes padres de pouca fé ou nenhuma, "era uma histórica", como chegou a conseguir os maiores triunfos militares, revolucionando a técnica de guerra de seu tempo?" E foi um gol de cabeça de que jamais me esquecerei.

Dinah Silveira de Queiroz

BRASIL



O secretário do Interior de São Paulo Rafael Baldacci Filho, recebeu um cartão de prata instituído pela Câmara Municipal da cidade de Votuporanga. Descreveu então o programa em estudo para a implantação do Plano Habitacional no Estado

Terça, 11

SÃO PAULO — Foi aprovado por decurso de prazo o projeto-lei encaminhado à Assembléia pelo governador Paulo Egydio Martins, dispondo sobre o Controle da poluição no meio-ambiente. O presidente da Cetesb, Renato Dela Togna, em entrevista coletiva, declarou que "o projeto-lei que dispõe sobre o controle da poluição ambiental, que acaba de ser aprovado pela Assembléia Legislativa, representa um passo importante na defesa do meio-ambiente e possibilitará uma atuação efetiva da Cetesb no combate à poluição, sob todos os aspectos". Segundo se comentou na Câmara Municipal de São Paulo, o projeto do prefeito Olavo Setúbal, criando CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) poderá ter um substitutivo, a ser encaminhado por uma das comissões técnicas da casa. O Secretário do Tesouro norte-americano, William Simon, em entrevista coletiva concedida à imprensa, em São Paulo, falando da "opção européia", do Brasil, declarou que "todos os países devem procurar ampliar seus mercados".

Quarta, 12

BRASÍLIA — Conforme garantiu o professor Edson Machado, diretor do Departamento de Assuntos Universitários do MEC, a prova de redação, que volta aos concursos vestibulares, a partir de 1978, não terá caráter eliminatório e nem será aplicada à parte dos exames.

SÃO PAULO — Está dependendo somente das condições meteorológicas a instalação do novo aeroporto de São Paulo em Ibiúna, segundo afirmou o Ministro da Aeronáutica, Araripe Macedo.

OSASCO — O clima político, nesta cidade, continua tenso, em conse-

quência da crise provocada pelas denúncias formuladas pelo político José Alcides Marronzinho, sobre a existência de corrupção e subversão na administração do prefeito Francisco Rossi.

RIO DE JANEIRO — O Ministro Araripe Macedo, e o diretor-geral do Departamento de Aviação Civil, brigadeiro Silvio Gomes Pires, inauguraram, na Ilha do Governador, as novas instalações da Escola de Aperfeiçoamento e Preparação da Aeronáutica Civil.

Quinta, 13

BRASÍLIA — O ministro Silvio Frota determinou um remanejamento em postos de comando do Exército que atingiu 27 unidades em todo o país, inclusive o Batalhão de Guarda Presidencial. Segundo informou o Ministério da Saúde, a influência humana tipo A ou A/A é realmente o vírus que tem provocado a atual onda de gripe no Brasil. A Previdência Social pretende adotar medidas que produzam o equilíbrio entre oferta e demanda de serviços, investindo para isso na constituição de uma rede de unidades de prestação de serviços e dando mais velocidade às intervenções do INPS.

SÃO PAULO — Foi comemorado o 88º aniversário da abolição da Escravatura no Brasil, em cerimônia realizada no monumento à Mãe Preta, no largo do Paissandú.

SALVADOR — O presidente Ernesto Geisel anunciou que tomou três medidas importantes no seu primeiro dia de viagem a este Estado: o início das atividades do conjunto petroquímico de Camaçari; a assinatura do Programa de Ação Prioritária da Região Metropolitana de Salvador; e a instalação em pouco tempo da indústria metalúrgica do cobre, com exploração das jazidas da região de Caraiíba.



General Dilermando Gomes Monteiro



D. Eugênio Sales



Presidente Ernesto Geisel

Sexta, 14

BRASÍLIA — O presidente da TCU (Tribunal de Contas da União), Wagner Estelita Campos, manifestou-se favorável ao estabelecimento de sanções para as empresas federais que deixarem de enviar seus balanços à apreciação daquela corte. O ministério da Educação está estudando uma proposta feita por entidades gaúchas que protegem os deficientes da fala e da audição, para que os filmes exibidos em televisão tenham legenda, a fim de que possam ser compreendidos pelos surdos-mudos. O INT (Instituto Nacional de Tecnologia) está desenvolvendo um processo tecnológico capaz de tornar o papel brasileiro competitivo no mercado internacional.

SANTOS — Segundo afirmou o comandante do II Exército, general Dilermando Gomes Monteiro, nesta cidade do litoral paulista, "a subversão existe, mas está controlada". "Falo sempre nela - acrescentou - para que todos fiquemos prevenidos para que ela não aflore. Os subversivos estão tranquilos e calmos. Não tenho sentido nenhuma efervescência na minha área".

RIO DE JANEIRO — O Cardeal arcebispo, desta cidade, D. Eugênio Sales, usou o seu programa radiofônico "A Voz do Pastor" para atacar as teses favoráveis ao controle da natalidade, mesmo que transfigurado em planejamento familiar.

Sábado, 15

BRASÍLIA — As exportações de 15 principais produtos agrícolas brasileiros, este ano, proporcionarão uma receita de quase 5 bilhões de dólares, cerca de 25 por cento a mais do que o resultado do ano passado. O aumento do fluxo interno no país passou a ser para o Governo uma

questão de segurança nacional e a Embratur (Empresa Brasileira de Turismo) já absorverá esta nova filosofia em sua programação para este ano.

SALVADOR — O governador Paulo Egydio Martins, de São Paulo, durante entrevista, na capital baiana, declarou que "é uma irresponsabilidade perante a Nação pretender a abolição do AI-5. Isso tornaria o Brasil vulnerável à idéias alienígenas. Quando as condições permitirem o general Geisel optará pela extinção do Ato Institucional 5".

RIO DE JANEIRO — O presidente do Instituto Brasileiro do Café, Camilo Calazans, afirmou que pretende impedir novos aumentos de preços do produto ao consumidor.

Domingo, 16

BRASÍLIA — Segundo projeto-lei sancionado pelo presidente Ernesto Geisel, a gratificação de presença dos membros dos Tribunais Eleitorais, por sessão a que compareçam, até o máximo de oito por mês, será calculada em 80 por cento, para o Tribunal Superior Eleitoral, e em 65 por cento para os Tribunais Regionais Eleitorais.

SÃO PAULO — Encerrou-se no Parque Anhembi a XI Feira da Bondade, promoção destinada a levantar fundos para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. A Feira da Bondade vem se constituindo na fonte quase única de rendas da APAE. Finalizou-se a II Confraternização Luso-Brasileira realizada no Parque Novo Mundo e promovida pela comunidade paroquial da Igreja de Nossa Senhora da Aparecida da Boa Viagem. O secretário do Interior, Baldacci Filho, foi homenageado na Câmara Municipal de Votuporanga, tendo recebido um cartão de prata em nome do executivo e do legislativo.

BLUMENAU — Segundo informou o dire-

tor da Empresa Brasileira de Telefonia, coronel Silvio Meirelles, todos os testes finais para a instalação do sistema DDI na cidade de Blumenau já estão concluídos.

Segunda, 17

BRASÍLIA — Segundo se informou, já foi confirmada a participação do Brasil na VI Assembléia Geral da OEA (Organização dos Estados Americanos) que começará no dia 4 de junho próximo, em Santiago. Até o final deste ano o governo brasileiro divulgará um plano para nacionalizar a cevada, matéria-prima para a produção de cerveja. A informação é do Ministério da Agricultura. A Noruega está interessada em aumentar seus investimentos no Brasil, principalmente no setor de fornecimentos de equipamentos e "know how" para a construção de plataformas para prospecção de petróleo em alto mar.

NATAL — A Sudene manifestou oficialmente interesse em financiar o projeto de pesquisa do motor movido a água, da autoria do professor Nicenor de Azevedo Maia, e já autorizou para tal fim a liberação de 1 milhão de cruzeiros, como parcela inicial.

DE UMA SEMANA PARA OUTRA DE UMA SEMANA

O MUNDO



Em um documento enviado ao general Jorge Videla, os bispos católicos argentinos admitem a situação caótica criada pelo governo de Isabelita, ao expressar que o país estava "submerso em um desastre financeiro, sofrendo dificuldades econômicas"

Terça, 11

BUENOS AIRES - Segundo informou a Polícia argentina, bandoleiros esquerdistas atacaram uma guarnição policial ao sul de Buenos Aires, causando mortes e feridos.

SANTA CRUZ - Os presidentes do Uruguai e da Bolívia, Juan Maria Bordaberry e Hugo Banzer, decidiram, nesta cidade boliviana, dinamizar a ALALC (Associação Latino-americana de Livre Comércio), através de uma vinculação comercial maior entre seus países no âmbito da organização regional.

CIDADE DO VATICANO - Um porta-voz do Vaticano desmentiu que o Papa Paulo VI tenha intenção de viajar para o México no dia 12 de outubro, por ocasião da inauguração da nova Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe. A Confederação Episcopal italiana pediu aos católicos do país que evitem posições que estejam em contraste com a mensagem cristã, quando forem às urnas para as eleições gerais de junho.

NOVA DELHI - Os primeiros-ministros da Índia e do Irã discutiram algumas propostas concretas com o objetivo de aumentar a cooperação entre os dois países.

Quarta, 12

WASHINGTON - Ronald Reagan derrotou o presidente Gerald Ford nas eleições primárias republicanas em Nebraska, mas foi vencido pelo presidente norte-americano na Virgínia Ocidental.

LISBOA - O líder socialista Mário Soares afirmou que seu partido apoiará o chefe do Estado Maior do Exército, general Antonio Ramalho Eanes, para candidato à presidência de Portugal,

nas próximas eleições de junho.

MOSCOU - Segundo afirmou o jornal "Pravda", a União Soviética fará todo o possível para chegar a um acordo com os Estados Unidos sobre a limitação de armas nucleares.

NAIROBI - O presidente Idi Amin Dada afirmou que o governo de seu país está fornecendo novas armas a seus soldados e que o governo de Uganda poderia enviar tropas para lutar no Oriente Médio, ao lado dos árabes.

BEIRUTE - Novos combates em Beirute e em outros pontos do território libanês, seguidos de manifestações de grupos de esquerda contra o presidente eleito Elias Sarkis, puseram fim a toda esperança de paz no Líbano.

Quinta, 13

MIAMI - Segundo informou um psiquiatra da Califórnia, a maioria dos 130 mil refugiados do Vietnã do Sul que se encontra nos Estados Unidos está sofrendo de "depressão retardada".

CIDADE DO VATICANO - O Papa Paulo VI pediu aos meios de comunicação de massa que se mobilizem numa campanha mundial em defesa dos direitos humanos, mas advertiu que, para a informação ser equilibrada, devem ser incluídos tantos os direitos como os deveres do homem.

MADRI - O ilegal Partido Comunista espanhol denunciou que a situação econômica, social e política da Espanha "deteriorou-se profundamente" desde a morte do generalíssimo Francisco Franco.

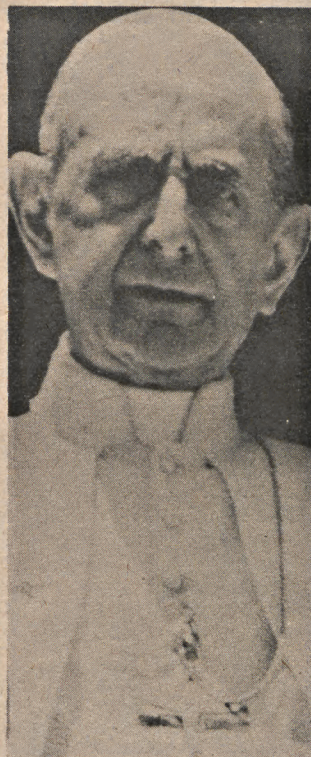
LISBOA - Segundo informações divulgadas por um jornal desta cidade, o líder socialista Mário Soares e o general Ramalho Eanes preparam um programa político a ser aplicado após a próxima



Antonio Ramalho Eanes



Juan Maria Bordaberry



Papa Paulo VI

eleição presidencial de junho.

BEIRUTE - Informou-se nesta cidade, que a luta entre cristãos e muçulmanos intensificou-se no Líbano, provocando o adiamento da posse, por uma semana, do presidente Elias Sarkis.

Sexta, 14

LISBOA - O general Antonio Ramalho Eanes, chefe do Estado Maior do Exército, a candidatar-se à presidência de Portugal, declarou: "Decidi candidatar-me após ser convencido de que isso poderia contribuir para uma maior coesão entre as Forças Armadas e para a paz e união de todos os portugueses".

ROMA - O presidente do Partido Comunista Italiano, Enrico Berlinguer, renovou seu pedido para a formação de um governo provisório de coalisão incluindo os comunistas, afim de tirar a Itália de sua crise econômica e política.

SALISBURY - O Ministro da Defesa da Rodésia, Pieter Van Der Bye, acusou Fidel Castro de estar preparando outra "aventura" em África.

TEL AVIV - Um ataque lançado pelo ministro da Defesa, Simon Peres, contra o primeiro-ministro, Yitzhak Rabin, poderá determinar a queda do governo em Israel.

Sábado, 15

LISBOA - O líder socialista português Mário Soares, que pretende formar um governo de minoria unipartidário, afirmou que "a grande maioria dos operários terá que compreender que a partir de agora deverá trabalhar arduamente".

FRANKFURT - O vice-presidente dos Estados Unidos, Nelson Rockefeller, afirmou, na Alemanha Federal, que o Ocidente deve aumentar seu poderio naval, a fim de se contrapor à "nova e mais complexa forma de imperialismo" da União Soviética.

ISTAMBUL - A Conferência Ministerial das Nações Islâmicas condenou a discriminação racial no sul da África e o sionismo, que definiu como uma forma de racismo.

KUWAIT - O ministro da Defesa, Saad al Sabh, anunciou que o Kuwait vai equipar suas Forças Armadas com o mais moderno armamento.

TÓQUIO - Segundo informou o jornal "Asahi Shimbun", uma das maiores jazidas de gás natural do mundo foi descoberta no Golfo Pérsico, a oito quilômetros do litoral iraniano.

Domingo, 16

BUENOS AIRES - O presidente argentino Jorge Videla pretende mudar para a residência oficial de Olivos, mas antes precisa decidir o que vai fazer com os cadáveres do ex-presidente Juan Domingo Peron e de sua segunda mulher, Maria Eva Duarte, que ali se encontram.

MADRI - Setores direitistas da Espanha distribuíram panfletos convocando o povo de Madri a assistir a um ato em memória do generalíssimo Francisco Franco e em protestos contra os planos de reformas políticas no país.

DIJON - O Partido Socialista francês reafirmou sua confiança no programa comum da esquerda e se pronunciou a favor de uma tática conjunta com os comunistas nas eleições municipais de 1977.

BEIRUTE - Dezenas

de pessoas morreram, em Beirute quando um projétil de artilharia atingiu um cinema lotado, no oeste da cidade, durante um intenso duelo entre cristãos e muçulmanos.

BELFAST - Uma nova onda de violência abateu-se sobre a Irlanda, deixando nove mortos e pelo menos 40 feridos numa série de atentados.

Segunda, 17

BUENOS AIRES - Os Bispos Católicos da Argentina enviaram ao presidente Jorge Videla, o texto de uma "Carta Pastoral" sobre o estado do país, com significativas advertências a respeito da situação criada pelo golpe militar do dia 24 de março.

MONTEVIDÉU - O presidente uruguaio Juan Maria Bordaberry e os militares vão confrontar seus pontos de vista sobre o futuro do país, em uma reunião a que se atribui enorme importância.

WASHINGTON - O governo do presidente Gerald Ford pediu ao Congresso que aprove, rapidamente uma proposta de contribuição dos Estados Unidos para o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola a fim de que este organismo possa iniciar as suas atividades "logo que possível".

PARIS - O presidente da França Giscard d'Estaing iniciou uma viagem aos Estados Unidos, na qual procurará coordenar as políticas de Washington e de Paris.

PARA OUTRA DE UMA SEMANA PARA OUTRA

A OPINIÃO DA POPULAÇÃO: PRÓ, CONTRA E... DESCONHECENDO O PROBLEMA

A reportagem de "O Expresso" saiu à rua, interrogando a população acerca da hipótese do uso de anticoncepcionais. Foram escutados os depoimentos de cerca de uma centena de pessoas de vários estratos sociais e deles selecionamos duas dezenas que consideramos refletirem o pensamento das camadas em que seus autores se integram.

Conforme o leitor observará, parte considerável da população, a avaliar pela amostragem que efetuamos, está mal esclarecida acerca da problemática em debate. É esta, quanto a nós, a conclusão mais importante do inquérito a que procedemos, sobrelevando a da aparente maioria que se pronuncia a favor do emprego de anticonceptivos.



Alexandra de Bragança, 25 anos, advogada, casada, sem filhos: "Sou contra, porque o critério de ter filhos está em cada um de nós, se temos ou não condições de sustentá-los. No meu caso, eu não tenho filhos, até agora, apesar de estar casada há dois anos, porque entendo que ainda não estou em condições de dar tudo o que eles merecem".



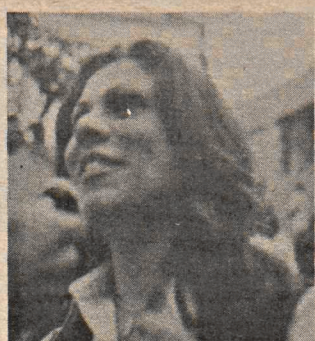
Júlio Ailton, 76 anos, aposentado, casado, com seis filhos: "Sou contra. Cada família é responsável por sua própria família. De modo que o governo nada tem com isso".



Lourenço Luís Sanches, 58 anos, autônomo, casado, com uma filha: "Sou a favor. É preciso haver um controle de natalidade".



Darci Almeida, 26 anos, funcionário público, solteiro: "A favor, porém contra a pílula, pois acho que o Brasil precisa de habitantes devido sua extensão de terras, principalmente no Centro-Oeste e Amazonas, dois centros que estão abandonados e precisam de gente para expandi-los. O que estamos precisando é de distribuição maior dos povos e dar-lhes melhores condições para conhecerem esses novos centros".



Célia Maria Alcântara, 20 anos, bancária, solteira: "Sou a favor, porque não temos possibilidades de termos muitos filhos. Em certos casos deve haver o controle".



Jorge Ismael, 30 anos, economista, casado, com três filhos: "Sou a favor, pois entendo que faz parte da infra-estrutura do país a regulamentação, salvaguardando certos limites, como, por exemplo, a renda familiar e o nível cultural".



Sônia Regina, 26 anos, prendas domésticas, casada, com um filho: "Sou a favor, mas bem a favor, mesmo, porque do jeito que as coisas estão andando aí, não vamos parar com tanta gente?".



Mauro Pereira, 34 anos, motorista de ônibus, casado, um filho: "Não aprovo essa medida. Se o Brasil é um país desenvolvido, todo mundo vai trabalhar e se manter".



Alfredo Vecchia, 58 anos, comerciante, desquitado: "Sou contra, pois nós estamos num país novo, com pouca população. Se fosse ao contrário, então, aí, sim, poderia haver o controle. Agora, não vejo razão para isso".



Márcia Hladi, 22 anos, estudante de psicologia, solteira: "Eu sou a favor, pelo motivo de termos uma gran-



Zilda Silveira, 32 anos, prendas domésticas, casada, com um filho: "Eu sou a favor, pois acho necessário o controle da natalidade. Dependendo das condições, eu teria quantos filhos achasse se pudesse dar a eles uma boa condição de vida".



Ana Maria Cardoso, 24 anos, professora primária, casada, com um filho: "Sou totalmente a favor, principalmente para as classes menos favorecidas pela sorte. Quero que distribuam bastante pílulas, porque o problema é grave. Não basta colocarmos filhos no mundo, para mais tarde se tornarem marginais".

de maioria de ignorantes dentro do nosso povo. Somente os mais esclarecidos é que fazem uma planificação dentro de sua família".



José Carlos Maiorino, 32 anos, engenheiro químico, casado, com dois filhos: "Sou a favor, devido às condições atuais. É necessário que haja uma planificação".



Maria Lúcia Fernandes, 25 anos, solteira, assessora de imobiliária: "Sou a favor, mas a planificação familiar feita pelo governo é válida somente quando for feita no sentido de orientar os casais no controle da natalidade. Todavia, sou contra, se for limitada a quantidade de filhos por casal, qualquer que seja o nível de vida do mesmo".

A OPINIÃO DA POPULAÇÃO: PRÓ, CONTRA E... DESCONHECENDO O PROBLEMA



Homero Francisco de Oliveira, 29 anos, ajudante de limpeza, solteiro: "Sou a favor. Tudo que o governo faz é para o nosso bem".



Bento de Faria, 65 anos, comerciante, casado, com oito filhos: "A favor! O custo de vida sobe em quantidade e o salário não cobre à altura as necessidades. Então, por isso, sou a favor".



Antonio André, 32 anos, fotógrafo, solteiro mas com dois filhos: "Isto não está certo, na minha opinião. Entendo que a voz do povo é a voz de Deus. O que o governo pensa não importa. Vivemos num país em que, infelizmente, a classe pobre predomina e essa maioria não tem cultura. Essa medida do governo não vai ser aceita pela classe C".



Luciano Correa da Silva, 21 anos, solteiro, trabalhador do Metrô: "Não sou contra, nem a favor, tanto faz...".



Teresa Aparecida dos Santos Paiva, 28 anos, prendas domésticas, casada há cinco anos, com dois filhos: "Sou a favor, porque existem muitas pessoas que não têm condições de viver com sete ou oito filhos. Do jeito que estão as coisas, é bacana essa medida".



Benito Galhardi, 52 anos, casado, com sete filhos, engenheiro: "Sou contra, por questões de princípio e de formação. Inclusive, tenho sete filhos, conscientemente, e estou contente com eles. Deveria haver, isto sim, uma preparação conveniente para os pais, a fim de eles possuírem a noção dos filhos que possam ter e lutar pela sua formação, criação e educação".

DOCUMENTO

DOCUMENTO

DOCUMENTO

Planejamento familiar ou controle da natalidade?

Políticos, médicos e sanitaristas não podem refutar um fato: é muito tênue a fronteira que separa o planejamento familiar do controle da natalidade, em especial quando se encara no primeiro caso o emprego de anticoncepcionais, conforme se vem verificando no Brasil. Ninguém pode garantir, portanto, que ao abrigo de louváveis propósitos de melhorar o nível econômico de famílias carentes de recursos não se esteja a difundir - legalizar também é termo apropriado - processos que conduzirão, a curto ou longo prazo, ao controle da natalidade, com a consequente redução do acréscimo demográfico.

O problema assume neste momento uma acuidade que "O Expresso" procurou atender num breve inquérito. Depois dos Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, já realizando o planejamento familiar por meio de convênios afirmados com a Benfam (Sociedade Civil Para o Bem-Estar da Família), surge agora o de São Paulo com um esquema de planejamento apresentado como parte do programa de assistência materno-infantil desenvolvido pela Secretaria da Saúde.

Alguns políticos pronunciam-se pró e contra o planejamento (e é sintomático o fato de para a maior parte deles o termo significar controle da natalidade) e certas áreas do governo federal não escondem a sua receptividade a tal respeito. Sem adotarmos uma posição definitiva quanto ao momentoso assunto, pretendemos principalmente chamar a atenção da opinião pública para a sua gravidade, que justifica amplo debate e uma definição clara por parte do governo federal.

LIVRE NATALIDADE?

A posição oficial brasileira tem sido aquela que seus representantes expuseram, em 1974, na Reunião Internacional da População realizada em Bucareste: o país era a favor da livre natalidade. Condizente, aliás, com a que esclarece o II Plano Nacional de Desenvolvimento: "A orientação da política demográfica brasileira é de respeito ao arbítrio de cada casal na fixação do número desejado de filhos, oferecida oportunidade de informação que permita o exame completo da questão. É facultada a opção, sem qualquer constrangimento, no sentido ampliativo ou limitativo da quantidade".

Como conciliar, porém, esta atitude com a implantação progressiva do planejamento familiar, ou controle da natalidade, a que vimos assistindo? O Ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado, reafirma que "a União tem uma posição definida em relação à matéria: deve ficar a critério de cada família estipular o número de filhos que terá". Será este o caso, porém, quando nos sistemas firmados pelos Estados com a Benfam, e noutros, se dá instruções à mulher quanto à forma de evitar a gravidez e se aconselha o uso da famosa pílula?

RESERVAS NOS CÍRCULOS MILITARES

Não são poucas as divergências dos setores que direta ou indiretamente se têm pronunciado sobre a questão. Nos círculos militares os programas que referimos são acolhidos com reservas. A existência de vastos espaços vazios no Brasil (em especial a Amazônia e a Região Centro-Oeste) preocupa estes círculos, cientes de que em termos estratégicos os territórios de baixa densidade demográfica são permeáveis à infiltração e mesmo ao domínio estrangeiro.

Por outro lado, não deixa de inquietar os aludidos círculos a circunstância de as atividades anticoncepcionais nos países subdesenvolvidos serem financiadas pelos evoluídos, em particular os Estados Unidos e nações européias. O crescimento populacional dos países do chamado Terceiro Mundo aumentará - é um axioma... - o respectivo poder de pressão, acrescentando a sua autoridade na cena política internacional. Eles detêm 79 por cento da população mundial dentro de um quarto de século, na altura em que aos atuais desenvolvidos não restará senão 21 por cento da população do globo terrestre.

A POSIÇÃO DA IGREJA

A Igreja tem exprimido o seu juízo relativamente ao assunto por forma não muito clara. O padre Lúcio Martins, responsável pelos setores especiais da Pastoral, declara, por exemplo, que "qualquer

programa de planejamento familiar deve ser feito sob o ponto-de-vista da responsabilidade do homem e do próprio governo" e que deste modo a Igreja não se opõe a programas que visem ao esclarecimento da população quanto aos processos de atingir uma melhor qualidade de vida.

A distinção, sutil, é contestada por outro setor da Igreja católica, que "tem como questão fechada a inaceitabilidade de qualquer plano que, direta ou indiretamente, venha a ter o significado prático de um controle dirigido da natalidade, como, aliás, comentou-se ontem, extra-oficialmente, na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que se pronuncia com insistência nesse sentido" - declarava, em 31 de março, a "Folha de São Paulo", numa correspondência da sua sucursal do Rio de Janeiro.

POLÍTICOS TAMBÉM DIVERGEM

Na área política registram-se discrepâncias semelhantes. Assim, na Assembleia de Pernambuco, o deputado Manoel Gilberto (MDB) criticou severamente o convênio firmado entre o governo do Estado e a Benfam, sublinhando que não condiz com o II Plano de Desenvolvimento Nacional e que o Ministério da Justiça deveria ser alertado, porque "o país tem imensos territórios a ocupar, precisando aumentar o contingente populacional, em vez de reduzi-lo ou limitá-lo". O seu colega de chapa Roberto Freire enfatizou ponto-de-vista igual, afirmando: "O nosso problema não é de expansão demográfica. É de vazios demográficos. Não se justifica a adesão dessa política no Brasil, como ocorre, por exemplo, na China, onde existe alta concentração demográfica".

Outra é a opinião, no entanto, do deputado Emilio Justo (MDB), o qual apresentou na Assembleia um projeto de lei que pretende autorizar os serviços de saúde a prestarem assistência para fins anticoncepcionais em determinadas condições. E também do deputado mineiro Dalton Canabrava (MDB) que já no governo de Médici propusera a distribuição gratuita de pílulas anticoncepcionais às mulheres que o desejassem, "como forma de combater a explosão demográfica que ameaça o Brasil". Agora, o deputado vai mais longe e anuncia que apresentará

um projeto na assembleia de Minas Gerais, recomendando a adoção da medida em todo o país. O seu prognóstico é apocalíptico: a medida deve ser tomada, diz, "antes que providências mais drásticas se façam necessárias, como a esterilização compulsória dos pais de mais de três filhos, implantada na Índia".

O CASO DA UNIÃO INDIANA

A alegação do bravo deputado mineiro Canabrava chama a atenção, embora não fosse esse o seu objetivo, para outro ângulo da questão. O seguinte: em que medida o planejamento familiar e o controle da natalidade atentam contra os direitos do cidadão?

A Declaração dos Direitos Humanos, proclamando solenemente que todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança, acrescenta que homens e mulheres, a partir da idade núbil, têm direito irrestrito a se casarem e a fundarem uma família e que a família é o elemento natural e fundamental da sociedade. Quando o Estado de Uttar Pradesh, na União Indiana, decidiu implantar por via legislativa a esterilização obrigatória para os pais de três ou mais filhos, com a pena de dois anos de cárcere para o casal que não cumprir a determinação, cometeu um clamoroso e gritante atentado aos mais elementares direitos do ser humano. A insólita legislação, de tal aberrância que se diria estarmos num mundo de ficção científica, atinge os cumes da incongruência. Na "democracia" em que a filha de Gandhi exerce - sem o repúdio veemente que atinge o Chile e outros países fora da órbita dita socialista - uma tirania das mais severas jamais registradas no subcontinente hindustânico, a esterilização obrigatória, determinada sem apelo nem agravo, para os casais, e contra a sua vontade, que não se submetam à nova lei, exprime a falência do governo de Nova Deli nas suas tentativas, há anos realizadas, de limitar os nascimentos.

A iniciativa foi tomada em desespero de causa, o que não impede que acerca dela os países onde a liberdade é uma aspiração ou uma realidade (o caso do Brasil, exceção feita a deputados como o bravo mineiro Canabrava) se pronunciem, renegando-a, para observância de elementares direitos humanos. Na União

Indiana, lutando contra um aumento populacional que ultrapassa a limitada capacidade política do seu nepotismo "democrático", se têm revelado infrutíferas todas as medidas de planejamento familiar decretadas ao longo dos últimos anos, com o beneplácito de caritativas instituições genero Benfam. Delhi não alcança conter a sua explosão demográfica. Os pobres subdesenvolvidos indianos comprovam, assim, o ditame de um poeta de língua portuguesa, segundo o qual "o coração tem razões que a mente não sente"...

A PÍLULA SOB SUSPEITA

"Não será, contudo, que a apregoada (e amiúde desmentida pelos fatos...) sabedoria dos povos inspira os cidadãos da pseudo-democrática União Indiana, detentores, embora o ignorem, de um bom senso baseado em civilização milenária?"

Na verdade, está por chegar a seu termo a antiga controvérsia sobre os efeitos da pílula. As últimas informações relativas dos perigos do anticoncepcional oral (há outros, mais sofisticados, mas ainda distantes duma sociedade como a brasileira e dos meios, por ora, das "beneméritos" associações empenhadas no planejamento familiar...) foram analisadas, no mês passado, pela Real Sociedade Britânica de Medicina, instituição de indiscutível autoridade mundial. O prof. M.P. Vessey, do Departamento de Medicina Social e Comunitária da Universidade de Oxford, concluiu, com o assentimento dos seus conspícuos pares, que a pílula, amplamente usada, pode causar trombose profunda das veias, embolia pulmonar e algumas formas de doenças cerebrovasculares. Também pode provocar, no julgamento sem refutação da douta instituição, enfartes de miocárdio e hipertensão nalgumas mulheres.

Estas consequências de ordem clínica não serão do conhecimento dos indianos pouco receptivos aos anticoncepcionais e escapam, do mesmo modo, sem dúvida, aos brasileiros eventuais utilizadores da pílula - mas nem por isso deixam de existir, pese embora aos propugnadores, neste ou noutros países, de planejamentos familiares e similares...

Entrevista e inquérito de Cló Amaral, Roberto Nunes Mogardo e Renato Luis, pesquisa e texto final de J.M. Pereira da Costa

A posição da Cúria Metropolitana

A reportagem de "O Expresso" tentou entrevistar o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, relativamente ao tema em foco. Não podendo atender a "O Expresso" o arcebispo foi representado pelo padre Luís Viegas de Carvalho, da Assessoria de Imprensa da Cúria Metropolitana de São Paulo.

O padre Viegas reafirmou a orientação episcopal, de acordo com a linha formulada pela CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Anunciou o integrante da

Assessoria de Imprensa da Cúria que, conforme informações colhidas junto ao Secretário da Saúde, dr. Walter Leser, a Secretaria de Estado estaria apenas disposta a uma orientação acerca do bem-estar das gestantes e dos nascituros.

De acordo com o pronunciamento da Comissão Arquidiocesana de Pastoral Familiar, endossado pelo padre Viegas, "o poder civil tem a função sagrada de reconhecer a verdadeira natureza da família e do matrimônio".

Planejamento familiar não é controle da natalidade

Coube agora a vez ao Estado de São Paulo de adotar um programa de planejamento familiar que será executado através dos serviços da Secretaria de Saúde, dentro de uma esquematização já existente no setor. Interrogamos a esse respeito o Secretário de Saúde, dr. Walter Leser, que amavelmente se prestou a esclarecer-nos. Iniciando as suas declarações, falou-nos do programa em que se empenha, dizendo:

— A Secretaria de Saúde vem desenvolvendo programas de assistência à gestante e à criança, os chamados programas "materno-conjunto" e "materno-infantil". Dentro desses programas, como parte integrante deles, ao lado de outras atividades que os constituem, existem componentes de assistência médica, educação, nutrição, imunização e planejamento familiar. No momento, nós estamos trabalhando para implantar os quatro primeiros componentes, que são indispensáveis, para que depois se possa implantar o outro. Seria pretensão excessiva querer-se fazer tudo ao mesmo tempo. Algumas dessas atividades já estão sendo desenvolvidas. Estamos fazendo uma ampliação, uma sistematização, cobrindo claros e colo-

cando pessoal suficiente.

Assim, no ano que vem, pretendemos organizar a programação desse outro componente, o planejamento familiar. Portanto, não há ainda uma definição de métodos. Tudo deverá ser estudado.

"COISAS TOTALMENTE DIFERENTES"

— Mas subsiste uma certa confusão entre planejamento familiar e controle da natalidade...

— Mas, o que é o planejamento familiar? Planejamento familiar e controle de natalidade são duas coisas totalmente diferentes. O controle de natalidade se fundamenta em motivos demográficos e tem como objetivo reduzir a natalidade, utilizando-se de métodos de imposição, coercitivos. Já o planejamento familiar tem como fundamento a saúde. Seu principal obje-



tivo é propiciar melhor saúde para a mãe, para a criança, para a família. E, acima de tudo, seus métodos são baseados no esclarecimento, orientação, informação e, principalmente, a livre decisão do casal.

São coisas totalmente diferentes. E o que vai ser feito aqui é planejamento familiar. Veja bem que ninguém imagina que fôssemos deixar uma mãe sem atenção médica. Ninguém aceita que se deixe de dar suprimento alimentar e medicamentos necessários à mãe. Tudo isso é considerado perfeitamente natural, por causa da saúde da mãe. Assim, pela mesma razão, o planejamento familiar é indispensável. Mas, nós precisamos de tempo para podermos implantar essas coisas.

Agora, controle de natalidade não tem nada a ver com isso. Nós somos,

aqui, uma secretaria de Saúde. Nós cuidamos, e só, de saúde. Se, no planejamento familiar, nós aconselharmos a uma mulher, por motivos de saúde, a não ter um filho por não, poderá, provavelmente, e talvez, ocorrer uma redução do coeficiente de natalidade, se o programa de planejamento familiar estiver funcionando perfeitamente. Mas, não é reduzir o coeficiente de natalidade que nós queremos. Não é esse o nosso objetivo, é apenas um subproduto.

— Quais as relações entre o plano de São Paulo e os de outros Estados?

— Eu não conheço minuciosamente os programas e o que está sendo feito nos outros Estados. Tenho ouvido referências de que estão sendo desenvolvidos programas de planejamento familiar. Assim, dentro desses pro-

gramas de planejamento familiar pode acontecer, como expliquei, que haja uma redução da natalidade. Mas, nunca como meta, não como objetivo, mas sim como alguma coisa que acontece. Da mesma maneira, se melhorarmos as condições de saneamento de uma cidade, por exemplo. Se tivermos por objetivo dar água boa para as pessoas beberem, acontece que com isso desaparece uma série de infecções intestinais. Assim, o objetivo direto foi dar uma boa água, como produto secundário desapareceram infecções intestinais e, desaparecendo essas infecções, provavelmente melhoraram as condições de saúde e de trabalho de uma população que, consequentemente, ficou mais saudável.

"O PROBLEMA É DE SAÚDE"

Observamos ao secretário da Saúde que a posição oficial adotada pelo Brasil é a favor da livre natalidade. O dr. Walter Leser retorquiu-nos, com veemência:

— Nunca vi nem ouvi, absolutamente, nenhuma referência de que o governo federal se opusesse ao planejamento familiar. Pelo contrário, o Brasil assinou, como se sabe, a declaração de Bucarest. Nunca falei em controle de natalidade. Estamos falando em planejamento familiar. O Brasil assinou a declaração de Bucarest que é exatamente isto: em primeiro lugar, dar acesso e direito a cada casal de escolher o número de filhos que quer ter. Em segundo lugar, o direito de acesso à informação e aos meios. E isto foi ainda repetindo no II Plano Nacional de Desenvolvimento.

— Quanto ao problema da pílula anticoncepcional, é um problema médico, de saúde. O acesso a ela depende não só da vontade de cada um, mas de indicação médica. Existe uma variedade de métodos anticoncepcionais, adequados ou não para cada problema particular. Repito que o problema é de saúde. Precisa ser dirigido e orientado por médicos.

O controle de natalidade é um programa que está sendo adotado não aqui no Brasil, mas sim na Índia. Parece que está havendo um ligeiro engano de endereço. Na Índia existe mesmo. Lá há um programa de controle, forçado, de natalidade e que estabelece, se não me engano, o limite máximo de dois filhos.

— Mas, aqui no Brasil - acentuou, por último, o secretário da Saúde - nunca ninguém, autorizado, falou nisso, pelo menos que eu tenha tido conhecimento. Pelo contrário, o próprio II Plano Nacional de Desenvolvimento admite e recomenda o planejamento familiar. E, veja bem, se nós não incluirmos, e o mais cedo possível, essas atividades de planejamento familiar no programa materno-infantil, estaremos deixando de cumprir uma recomendação do II Plano Nacional de Desenvolvimento: dar a cada casal o direito de escolher quantos filhos quer ter, assim como ter acesso à informação, ao esclarecimento, à orientação e aos meios. Veja bem que isto, por enquanto, é largamente um privilégio de uma só classe. E isto não é justo.

A Benfam instituição benemérita...

Por falta de esclarecimento profundo sobre o problema serão muitos os brasileiros dispostos "a priori" a aceitar planejamentos e/ou controle de natalidade. O inquérito a que a reportagem de "O Expresso" procedeu e que acompanha esta matéria suscita a propósito meditação que recomendamos ao leitor.

Dados parcelares - divulgados em "bruto", por assim dizer, sem a análise e o comentário explicativos que se impunham - predispoem o cidadão comum ao receio, quanto à chamada ameaça da explosão demográfica registrada pelo nosso país e por outros em circunstâncias idênticas. As últimas estimativas do IBGE,

no anuário referente a 1975, indicam que a população brasileira chegará a 110.123.500 habitantes no próximo dia 1 de junho e que o crescimento anual de três milhões de habitantes resulta na duplicação também anual de em três décadas, fazendo prever 200 milhões de habitantes no final do século, ou seja, dentro de vinte e quatro anos. Reforçando o temor suscitado pelas previsões estatísticas, não faltam fontes que mostram como a subnutrição uma realidade, hoje, em parte considerável da população brasileira - diminui o QI dos filhos de famílias numerosas, que a mortalidade infantil nas camadas desprotegidas atinge índices recordes etc. São em menor

número, sem dúvida, as fontes que tratarão dos direitos humanos - e um primacial, ao fim: o direito de nascer - e que lhe mostrarão que no ano de 1980, Rondonia Acre, Roraima e Amapá, podendo albergar dezenas de milhões de habitantes, terão em conjunto menos de um milhão.

MOTIVAR LIDERANÇAS...

Neste contexto, revela-se perigosamente fácil a atividade de instituições contra as quais nada temos a opor (presentemente), como a falada Benfam. Sociedade Civil de caráter nacional, atua em campos que lhe estariam vedados, tomando à letra o II PND, segundo o qual é da competên-

cia do Estado dar acesso a informações sobre planejamento familiar a toda a população. A finalidade a que visa, porém, é benemérita, segundo julgamento sujeito à subjetividade de quem o aprecia, porque noutro extremo será considerada perniciosa. Sem fins lucrativos, pretende "motivar as lideranças brasileiras na importância que tem o planejamento familiar".

O secretário executivo da instituição, o médico dr. Walter Rodrigues, esclarece que foi criada em 1969 por um grupo de médicos, psicólogos e professores, com o intuito de levar uma orientação segura às famílias no sentido de que todos plane-

jem o número de filhos. Assim, a Benfam combate o aborto, propondo em sua substituição métodos anticoncepcionais aprovados cientificamente considerando a pílula "o mais seguro de todos os métodos", diz o citado médico.

No início a Benjam não encontrou muita receptividade junto à Igreja Católica e nos círculos oficiais. Parece, agora, perante o silêncio de tais setores sobre os convênios que firmou em vários Estados, estar prestes a atingir a sua finalidade de "motivar as lideranças brasileiras"...

Uma observação fazemos, por assim dizer, a talhe de foice. A Benfam vem sofrendo acusações de ser um instrumento de interesses estrangeiros,

nomeadamente das famigeradas multinacionais. A acusação parte por exemplo de órgãos como "Opinião", ostentando uma ideologia que se situa no extremo oposto à que "O Expresso" defende intransigentemente. Integrados de princípios divergentes, portanto, estamos no entanto longe de condenar tais acusações. E não o fazemos devido a xenofobia nacionalista que nos podem assacar somente observadores mal-informados ou mal-intencionados. Não expandimos, por ora, parecer contrário a tal tese, porque, analisando o condicionalismo que tem rodeado a citada instituição, não encontramos provas da improcedência da acusação...

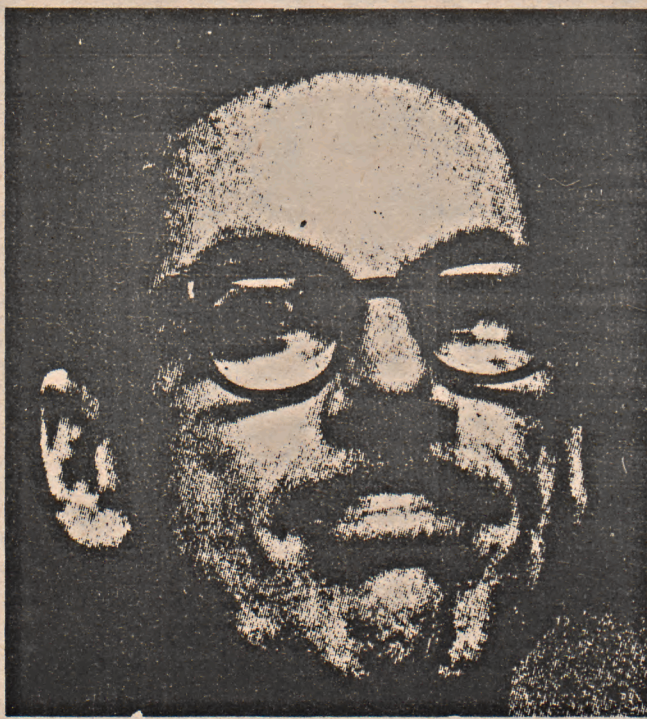
BRASIL
ECONOMIA

Acordo Simon-Simonsen: Estados Unidos aproximam-se do Brasil

Simon e Simonsen negociaram em Brasília um acordo que parece iniciar nova fase nas relações comerciais entre os Estados Unidos e o Brasil. As queixas brasileiras quanto ao seu parceiro norte-americano eram muitas. Todavia, a visita do Secretário de Estado do Tesouro dos Estados Unidos diminui a sua acuidade, revelando-se o saldo das negociações francamente favorável ao Brasil.



Mário Henrique Simonsen foi o principal interlocutor de Simon no Brasil.



William Simon, cuja visita ao Brasil complementou a efetuada por Kissinger e ratificou no campo econômico a nova fase inicial nas relações americano-brasileiras quando o Secretário de Estado reconheceu o nosso país como "potência emergente", abandonou uma bem sucedida carreira de homem de negócios para aceitar o cargo de vice-Secretário do Tesouro, em janeiro de 1973, e no ano seguinte o de Secretário. Ao concluir o curso de Direito, em 1951, partiu para Nova York e na Wall Street iniciou uma carreira meteórica que em três anos e nove meses o levou a sócio da firma Salmon Brothers, a qual com a sua colaboração registrou expansão espetacular. Abandonando uma receita anual de três milhões de dólares por um cargo oficial mal remunerado, Simon, que é o 68º Secretário de Tesouro dos Estados Unidos, talvez tenha sido motivado por ambição política. A sua explicação, porém, foi outra: "Não devemos todos algo a nosso país?"

Thomas Jefferson, o terceiro presidente dos Estados Unidos, dizia por volta de 1800: "Nosso interesse deve ser o de manter abertas as portas do comércio, afastando todas as restrições, concedendo total liberdade às pessoas de trazerem para nossos portos tudo o que desejarem. Em troca, pediríamos que nos permitissem fazer o mesmo em seus países". Quase três séculos passados, e por equívocos que sejam frequentemente as tomadas de posição dos responsáveis pela política comercial norte-americana, devemos assentir, em abono da verdade, que o pensamento jeffersoniano não está longe de inspirar os seus sucessores...

BRASIL TINHA QUEIXAS

Entre as numerosas queixas do Brasil contra os Estados Unidos, no setor comercial, as menos legítimas serão sem dúvida as que incidem na adoção de taxas restritivas à importação dos nossos produtos. Os estímulos à importação concedidos pelo governo constituem, na realidade, prática que cai sob a alçada da legislação dos Estados Unidos, não mais protecionista do que a brasileira, e noutra de ordem internacional, inclusive o desatualizado GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) que o Brasil reconhece.

A visita do Secretário do Tesouro, William Simon, teve o mérito, entre outros, de clarificar uma situação em deterioração, porque ambos os países firmavam posições que se radicalizariam sem as conversações bilaterais. É indiscutível que por parte do Brasil havia

motivos de queixa bem superiores aos dos Estados Unidos. Um fato incontroverso os definem: o déficit do balanço de pagamento do ano passado, de 1,8 bilhões de dólares, soma 3,82 bilhões acumulados ao dos dois anos anteriores e no ano passado as exportações brasileiras para o mercado norte-americano (de 1972 a 1974 mostrando expansão média anual em torno de 35%) diminuíram 23%. E enquanto as exportações brasileiras diminuíam, as nossas importações dos Estados Unidos totalizavam, em 1975, 34,2% das compras totais do País no exterior.

O quadro, comprometedor para o nosso parceiro do outro lado do Atlântico (estamos, na verdade, contribuindo decisivamente para o equilíbrio do balanço comercial norte-americano, como outros países) compreende mais um fator que o ministro Mário Henrique Simonsen teve ocasião de recordar ao seu interlocutor vindo de Washington: a expansão da taxa de investimentos daquele país no Brasil decaiu nos últimos anos. De dezembro de 1971 a junho de 1975 subiu apenas 96,78%, cômputo inferior ao respeitante a um grupo de nove nações registrando acréscimo indo de 491,83 (Japão), a 125,6% (França). Simultaneamente, a participação norte-americana no total de investimentos estrangeiros, no início da década de 50%, limitava-se em meio do ano passado a 32%.

CESSÕES DE SIMON

O acordo concluído entre o Secretário do Tesouro e o Ministro da

Fazenda foi o que melhor poderia surgir na fase atual do contencioso dos dois países, solução de compromisso que atendeu com razoável justiça às posições de cada um. Simon comprometeu-se a defender em Washington política mais liberal para as exportações brasileiras e em providência de tal boa vontade decidiu que serão congeladas até o último trimestre de 1977 as sobretaxas sobre calçados brasileiros, que vem competindo vitoriosamente com a produção similar norte-americana. Brasília, por seu turno, assumiu a obrigação de modificar o sistema de incentivos à exportação, que no caso dos calçados, aliás, Simon reconheceu não serem superiores às de 1973, ao contrário do que julgava por deficiência de informação. Por outro lado, e como compensação à eliminação gradual dos incentivos fiscais (este o sentido real do compromisso acordado), o óleo de soja não sofrerá por parte do comércio dos Estados Unidos o boicote que a Associação Norte-Americana de Exportadores se preparava para estabelecer com base num princípio do "Trade Act".

"EVITAR DESENTENDIMENTOS"

Simon e Simonsen concordaram - referiu o comunicado conjunto divulgado - ser importante prosseguir o diálogo sobre temas na área econômica e financeira e para tanto decidiram criar e co-presidir um grupo consultivo sobre comércio, investimentos e assuntos financeiros. Observa-se, portanto, para além dos termos do

comunicado (referindo sem ambiguidades a necessidade de "evitar desentendimentos") a preocupação dos Estados Unidos de aquiescer no máximo possível aos anseios do Brasil. Simon não ignorou, evidentemente, que em troca dos subsídios à exportação os produtores brasileiros receberão outros, que podem ser, por exemplo, incentivos creditícios. Animava-o, todavia, o "sincero desejo de ajudar" a que alude o documento. Razões de ordem política (o Brasil "potência emergente", mas lutando com dificuldades que podem prejudicar seu papel no mundo ocidental) estarão, mas não só, na origem da boa vontade demonstrada. O secretário assistente do Tesouro para Assuntos Internacionais, Gerald Parsky, apontou outras: "Constatamos a existência de um clima econômico, um clima de investimentos e um clima político no Brasil francamente favoráveis à vinda de capitais externos, requisito essencial para o objetivo brasileiro de se tornar auto-suficiente a prazo curto em setores como fertilizantes, polpa de papel, aço e produtos petroquímicos".

EQUIDISTÂNCIA RENTÁVEL

A estrita margem de manobra de que Simon dispunha valoriza a importância das concessões obtidas. Falando em Washington a um jornalista brasileiro, o Secretário do Tesouro confessara: "Vocês precisam entender que se eu deixar de tomar medidas imediatas para compensar os subsídios brasileiros, minhas

decisões seriam derrubadas pelo Congresso."

Assim é, de fato, pois o "Trade Act" permite a qualquer empresa norte-americana advogar medidas retaliatórias contra produtos que concorram com a produção norte-americana e sejam subsidiados no país de origem. Ora, o que na verdade se constatou é que Simon, longe de manter irredutibilidade justificável por aquele motivo, apresentou uma maleabilidade condizente com os interesses brasileiros, o que prova o empenho do seu país em manter com o nosso relações que deverão assentar, doravante, num equilíbrio que nem sempre existiu. É que a verificar-se será um tanto resultante de uma equidistância ditada por política pragmática...

J.M. Pereira da Costa

MUNDO
ECONOMIAAmérica Latina:
não é viável o otimismo

A Comissão Econômica para a América Latina e o Fundo Monetário Internacional divulgaram estatísticas referentes à inflação e ao balanço de pagamentos dos países latino-americanos no ano de 1975. A situação revelada por esses números, que este ano não registrou modificação substancial, pode classificar-se como desanimadora.

A reunião da UNCTAD que prossegue em Nairobi desenrola-se, conforme se previa, sem que para os interesses divergentes dos países industrializados e os do Terceiro Mundo seja encontrada plataforma conciliatória. Parece estar fora de causa a aceitação das propostas norte-americanas, por Kissinger apresentadas no começo da Conferência, nomeadamente a criação de uma instituição de crédito internacional, que mais não seria do que duplicata do Banco Mundial e novo instrumento para o endividamento externo dos países subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento. Uma oferta, na aparência generosa, dos componen-

tes da OPEP (os quais não conseguiram estabelecer estratégia comum para atuar na Conferência da UNCTAD), fundo internacional para auxílio ao Terceiro Mundo, está por concretizar e assim deve permanecer, na falta da cooperação dos países industrializados, para quem os produtores de petróleo reservaram quase metade da subscrição do respectivo capital.

A situação da América Latina, deteriorada no ano passado, não registra modificações importantes no que decorre e não se vê que seja melhorada por intermédio de reuniões como a de Nairobi, onde a maioria esmagadora dos países pobres aparece

com um poder liliputiano em relação ao gigantesco Gulliver constituído pelas potências industrializadas. Para as nações da AL a força suasória está ainda aliada à sua estatura política, que lhes possibilita, como o Brasil firmarem acordos bilaterais propícios aos seus interesses.

A CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina) e o FMI (Fundo Monetário Internacional) divulgaram quase simultaneamente números que retrataram a posição financeira e econômico-social dos países latino-americanos no ano passado. Uma situação constrangedora, quer no seu processo inflacionário, quer na aceleração do

endividamento externo que com ele corre paralelo. O setor de alimentos, com fundas repercussões nos níveis nutricionais, foi o que mais sofreu com o acréscimo inflacionário. Coubelhe no conjunto dos países latino-americanos taxa nunca menor de 10 por cento na inflação média de 34,6 por cento registrada na região, sendo que para 13 desses países (com o total de 250 milhões de habitantes) a alta no preço dos alimentos alcançou mais de 20 por cento.

A tendência altista, que principiara com a crise energética, acompanhou o aumento do déficit do balanço de pagamentos da América Latina, segundo o FMI crescendo, de 1974 para 1975, de 628 a 1.931 milhões de dólares. A alteração não fugiu a Venezuela, apesar de produtor de petróleo, reduzindo o seu superávit em 1.500 milhões de dólares, nem a Argentina, ven-

do o seu saldo positivo de 96 milhões de dólares transformar-se num déficit de 878 milhões. Quanto ao Brasil, por números que não correspondem no valor aos do Banco Central os cálculos do FMI mostram situação de quase estabilidade: déficit de 978 e 970 milhões de dólares, respectivamente, em 1975 e 1974.

O aumento do déficit do balanço de pagamentos dos latino-americanos consolidou o balanço dos países industrializados, apesar da alta dos preços agrícolas internacionais, que acabou por agravar os preços internos desses produtos e deste modo contribuiu, na AL, para a maior incidência da inflação no setor da alimentação. O comportamento do balanço das potências industriais foi contrário aos dos latino-americanos: de um déficit, em 1974, de 8.500 milhões de dólares, consequência da alta do petró-

leo no ano anterior, passaram em 1975 a saldo positivo, beneficiando com incidência diferente mas sempre proveitosa os mais adiantados e os menos desenvolvidos. As exportações a que procederam, acima da diminuição das suas compras, originou a transformação, também favorecida pelo decréscimo da saída de capital bruto. Este decréscimo foi, aliás, um dos motivos da deterioração da situação dos países latino-americanos e dos que com eles formam um Terceiro Mundo incluindo alguns (caso do Brasil, por exemplo) em certos aspectos ultrapassando a divisória que os separa dos industrializados e não poucos cuja crescente pauperização configura um "Quarto Mundo" mais desprovido de recursos e esperanças.

J. M. Pereira da Costa

FAÇA O BANCO COMERCIAL APLIK TRABALHAR PARA VOCÊ. PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS É ISSO.

Pagamento de Contas
Pagamento de Impostos
Letras de Câmbio
Fundo Aplik 157 de Investimentos
Fundo Técnico Aplik
Ações
Seguros
Incentivos Fiscais
Financiamentos
Turismo

**BANCO
COMERCIAL APLIK S/A**

São Paulo: R. Benjamin Constant, 177
Tel. 36-7479

B. Horizonte: R. Rio de Janeiro, 788
R. Caetes, 662-Tel. 24-2922

Guanabara: Av. Graça Aranha, 81
Tel. 231-9085

Uma Empresa do Grupo Aplik

EXCLUSIVO

Política hitleriana em Moçambique

Denuncia líder da Frelimo refugiado em Portugal

Um líder político moçambicano refugia-se em Lisboa e confirma que no país por cuja independência lutou (o que lhe valeu oito anos de prisão na época do domínio português) a FRELIMO estabeleceu um regime ditatorial e racista. À luz das suas declarações compreendem-se melhor as notícias que a imprensa vem publicando quanto à rebelião que grassa em Moçambique.

Uma agência de viagens de S. Paulo recebeu há dias um "telex" de Maputo, ex-Lourenço Marques, capital de Moçambique. No final da anodina conversação o receptor paulitano teve a surpresa de ver que o teclado da máquina registrava uma despedida género "abaixo o imperialismo, saudações revolucionárias". Mediante conhecimento da atual vida de Moçambique, onde reina pelo terror um regime policial e todos os meios de transmissão estão sob escuta ou vigilância - não hesitou em colaborar no implícito pedido de cumplicidade do seu correspondente e respondeu: "Saudações revolucionárias".

As informações vindas a público não deixam margem a dúvidas quanto às dificuldades crescentes do regime implantado na ex-colônia portuguesa - uma república socialista - para manter-se pela força. Segundo notícias divulgadas na imprensa diária brasileira, há dias, a FRELIMO, partido único a que os portugueses entregaram o poder (presidência, bem como a República de Moçambique, por Samora Machel) teve de esmagar pela força das armas uma revolta que eclodiu em Inhambane, porto de mar situado a 250 quilómetros de Maputo, procedendo então a centenas de prisões. Por outro lado, focos de resistência ao governo estabelecido surgem em vários pontos da nova nação do Índico, sendo comum, nas regiões mais afastadas e onde a FRELIMO ainda não se implantou, o hasteamento da bandeira portuguesa nas aldeias nativas.

Acentua-se êxodo de portugueses

Dificuldades de ordem econômica acrescem aquelas contra as quais o governo de Maputo luta no terreno político. Diante das medidas racistas que caracterizam a sua atuação os portugueses que em junho do ano passado, por altura da independência, resolveram permanecer no território

que fora seu, abandonam agora o país, num êxodo semelhante ao observado na outra costa, em Angola, e que só não é maior porque as autoridades o restringem por várias formas. São proibidos de levarem consigo quaisquer valores e, dada a suspensão do tráfego aéreo com Portugal, obrigados a efetuar longa e cara viagem com escala por Nairobi e Roma. O Secretário de Estado da Emigração de Portugal estimava, no mês de abril, que até Outubro regressariam ao país, que para alguns foi de origem e para outros terra de seus antepassados, cerca de cinquenta mil pessoas. O seu abandono torna inviável o funcionamento de usinas e de atividades já prejudicadas pela atrabiliária política governamental, agudizando as carências econômicas que, juntamente com o regime policial instalado em Moçambique, provocam a revolta das populações.

No afã de quebrar etapas no caminho da estatização comunista, Samora Machel nacionalizou todas as atividades (incluindo a Igreja...), mas o auxílio que esperava do bloco socialista revela-se escasso. A FRELIMO, graças à Tanzânia, onde dispunha de suas bases de apoio para a guerrilha contra os portugueses, revelando antes tendência maoísta, aceita agora o socorro de Moscou. A esperança da URSS, porém, parece limitar-se ao aspecto militar. Fontes em origem nos serviços secretos norte-americanos divulgaram, no mês passado, que vinte instrutores soviéticos e cem cubanos treinavam, em território moçambicano, guerrilheiros para agirem na Rodésia, país que era um dos sustentáculos econômicos antes de em março, Maputo ter cortado com ele as relações.

O dr. Domingos Arouca acusa Samora Machel

O Presidente Samora Machel, alvo de atentados que se sucedem cada vez

com maior frequência, substitui colaboradores que foram seus companheiros de armas, mas não parece muito confiante no futuro político que se lhe abre. Segundo a revista "To The Point", na edição de 19 de abril, ordenou a transferência de 20 milhões de escudos moçambicanos (quinhentos mil dólares) para a sua conta bancária na Suíça. As razões do receio manifestado por Samora Machel são compreensíveis. O semanário "Tempo", de Lisboa, e "O EXPRESSO" detêm o exclusivo do aproveitamento no Brasil, pública em seu último número, uma entrevista com o dr. Domingos Arouca bem elucidativa a tal respeito.

Com 47 anos de idade, o dr. Domingos Arouca, combateu a hegemonia portuguesa em Moçambique desde os seus tempos de estudante. Ingressando nas fileiras da FRELIMO, quando em Lourenço Marques exercia a advocacia, foi preso pela PIDE e libertado em junho de 1973, depois de detido oito anos, durante os quais teria sido submetido a quase ininterruptas torturas. Encontra-se em Lisboa, agora, desiludido com o regime imposto ao seu país.

"Recuso-me a ligar o meu nome a uma política verdadeiramente individualista e hitleriana" -

afirma nas suas declarações ao "Tempo", explicando:

"O governo atual de Moçambique não atua como um movimento de libertação do meu povo, mas como um bando de invasores que pretende perseguir, destruir e lançar os moçambicanos na mais abjecta miséria moral e humana".

Portugueses recordados com saudade

O antigo líder da FRELIMO admite sem relutância que o povo do seu país recorda saudosamente o regime português e esclarece:

"Que o povo moçambicano manifesta ter saudades do regime colonial português, é um fato que deve ser lançado a débito da política reconhecida negativamente da FRELIMO, porque eu me-recuso a aceitar que um povo não queira ser independente e livre. Tropas da FRELIMO foram aerotransportadas para esmagar a sublevação do território dos macondes e dos macuas, a norte de Moçambique. Esta rebelião era há muito esperada. Os macondes e os macuas constituem uma malha populacional com mais de cinco milhões de almas que não quer sequer falar da FRELIMO e menos ainda de Samora Machel".

O dr. Domingos Arouca reconhece, por outro lado, que a FRELIMO faz de sua missão diária o sequestro, a violação de mulheres negras e brancas, humilhações e vexames, roubo em pleno dia e a mão armada, prisões maciças". Diz por que os soldados da FRELIMO se revoltam: "Samora Machel recusa a pagar-lhes vencimento, invocando razões de pureza revolucionária e apelando para a austeridade, quando ele próprio auferia anualmente 1.760 contos".

Razões de uma atitude

Outro ponto das suas declarações que - informam de Lisboa - provocaram justificada sensação, devido à autoridade do autor:

"Lutei pela independência de Moçambique, meu supremo dever como cidadão moçambicano, engajando-me nessa luta integrado nas fileiras da FRELIMO. Fui e continuo a ser um moçambicano livre do colonialismo e do imperialismo, venham eles donde vierem, mas está longe das minhas idéias aceitar e colaborar com um regime político que ataca as religiões católica, muçulmana e as protestantes, procurando suprimi-las a todo o custo, sem que o povo seja para o efeito ouvido. Viver num país sem médicos, sem religião, sem advogados nem tribunais, é coisa que

não me passa pela cabeça. A linha política da FRELIMO determina que Moçambique seria um país sem qualquer espécie de discriminação política, religiosa ou racial. Foi a essa linha que eu aderi entusiasticamente. Mas já não posso dar o meu aval a um desvio que pugna pela expulsão indiscriminada de brancos de África, e até de negros, pelo total atropelo de todos os direitos dos cidadãos moçambicanos e estrangeiros, pela negação da liberdade de expressão, religião, associação e, fundamentalmente, pela imposição violenta duma política totalmente divorciada da realidade, não só de Moçambique, mas até de toda a África".

Militares portugueses ainda prisioneiros

A repercussão da entrevista do dr. Domingos Arouca a "Tempo" suscitou na imprensa portuguesa um renovo de interesse pelos problemas moçambicanos. O Conselho da Revolução, que tem em curso cinco processos de difamação contra outros tantos órgãos de imprensa, silenciou quanto a acusações contundentes dirigidas às Forças Armadas pela sua atuação já na fase da pré-independência, naquele território, sob a responsabilidade de oficiais que dele fazem parte. A opinião pública portuguesa ficou a saber, deste modo, que dezenas de soldados do antigo exército colonial, prisioneiros da FRELIMO, foram abandonados a sua sorte e sofrem ainda, aqueles que não sucumbiram aos maus tratos infligidos, regime prisional de extrema severidade, em campos de concentração, a exemplo do que acontece com civis vítimas de igual destino. Também vieram a público alguns escândalos, designadamente um relacionado com a entrega, por um oficial português, de cinco aviões "Nord-Atlas" e dois helicópteros "Allouette" à FRELIMO.

José Pedro Leiria



Samora Machel: prudentes contas bancárias na Suíça...



Domingos Arouca - líder desiludido

Adivinhe qual a marca de móveis de aço mais vendida no Brasil?

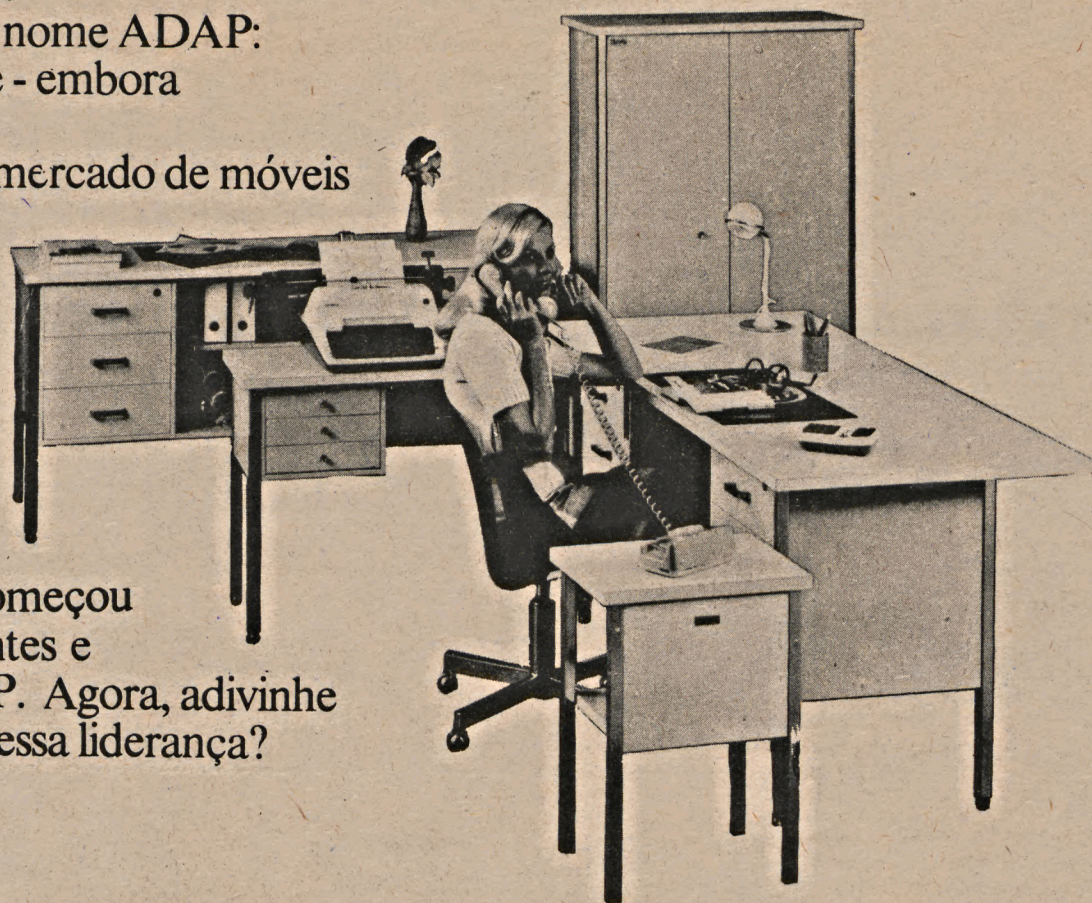
Errou! A resposta certa é ADAP.

Mas não se culpe por desconhecer o nome ADAP: a sua liderança de mercado é recente - embora a marca exista há alguns anos.

Acontece que, à medida que o mercado de móveis de aço foi se sofisticando, os homens de empresa passaram a considerar o valor do "design" (ADAP tem o melhor "design"), a funcionalidade (ADAP é o mais funcional) e o preço (ADAP é o que mais lhe convém).

Resultado: a maioria das empresas começou a preferir móveis de aço, cofres, estantes e armários industriais da marca ADAP. Agora, adivinhe quanto tempo pretendemos manter essa liderança?

Acertou: para sempre.



Revendedores em todo o Brasil

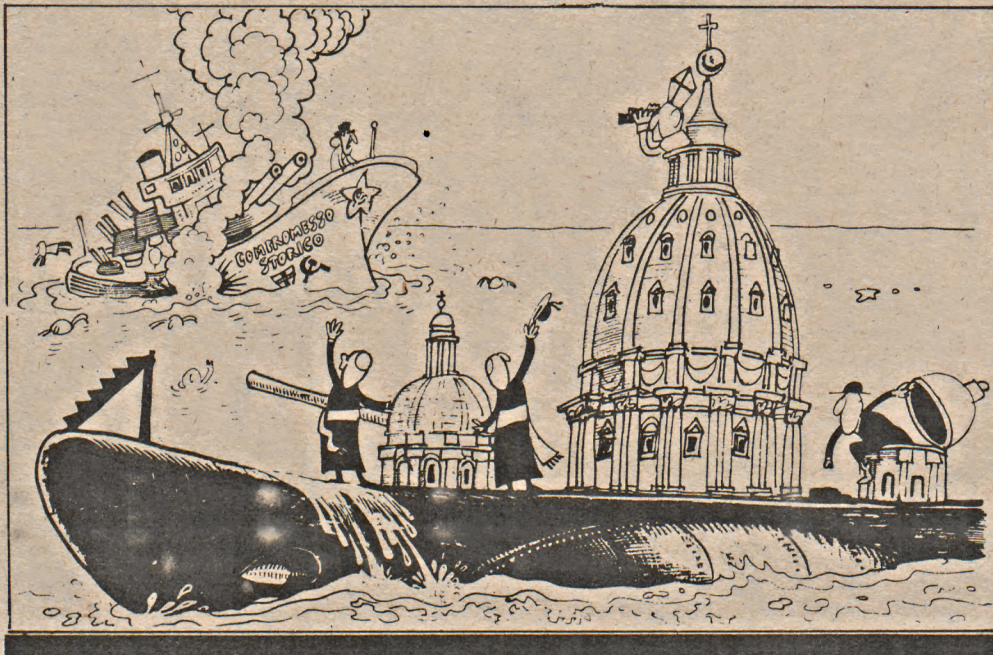
adap s.a. comércio e indústria

SÃO PAULO: Rua Itapirapés, 146 — Tels.: 228-1257 e 228-0331
GUANABARA: Av. Graça Aranha, 81-A conj. 910 — Tel.: 231-9081
CURITIBA — RECIFE — CAMPO GRANDE
FÁBRICA-MOGI-MIRIM: Av. Dr. Jorge Tibiriçá, 313 — Tel.: 5-1184

RELIGIÃO

Enfim, os bispos italianos contra o comunismo

("ma non troppo")



A atitude simpática do Vaticano em relação aos governos socialistas, caracterizada pela tristemente famosa "Ostopolitik" do profeta Agostino Casaroli, sofreu na própria Itália uma crise de consciência ou de hipocrisia, se a palavra não for dura e a verdade doída ainda mais. Como já comentamos anteriormente, as simpatias romanas pelos "progressos comunistas" não chegam à obtusa liberalidade de franquear aos adeptos do marxismo as chaves de Roma. Tal duplicidade, como se observa, criteriosamente geográfica, retrataria uma sadia reação da Igreja de todos os tempos, se não espelhasse a implícita confissão de que o Vaticano não ignora as condições em que vivem os católicos nos países socialistas. E tanto não as desconhece que não as quer perto de si.

Tempos, atrás, o Vigário de Roma, cardeal Ugo Poletti, considerado um "amigo pessoal" de Paulo VI, condenou parcialmente o comunismo, consolidando uma "verdade parcelar", a que se referiu

Chesterton repetidas vezes. Transpondo os Alpes, o presidente da Conferência Episcopal francesa, mons. Gabriel Matagrín, pronunciou outra "verdade parcelar". E para melhor pintura da

imagem, do outro lado do Atlântico, o presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, também condenou parcialmente o comunismo (isto é, para toda a América Latina mas não necessariamente para o Brasil).

Agora, passada a época em que Enrico Berlinguer era o emissário do Papa Paulo VI para a "paz" no Vietnã (que está aos olhos de todos), a Conferência Episcopal italiana adverte que há uma incompatibilidade entre a visão cristã da sociedade e do homem e a visão de certos "movimentos e ideologias". Finalmente, Paulo VI,

falando no último dia 12, a 10 mil pessoas, reunidas na Basílica Vaticana, qualificou de "traidores" os católicos que figuram como candidatos do PCI para as próximas eleições.

Quase intuitivamente o leitor observará, em relação ao pronunciamento dos bispos italianos, que seu principal defeito é o "de não dar nome aos bois". Efetivamente, com a Itália à beira de cair no comunismo, os bispos dirigentes falam em "movimentos e ideologias" e não mencionam uma única vez as palavras "comunista" e "comunismo". O sempre admirável Chesterton, em "The Return of Don Quixote", pela boca do bibliotecário Miguel Herne, acusava o mundo moderno de não chamar as coisas pelos seus próprios nomes, atitude imbecil de pretender que inexistent por terem uma nova designação. No "Orthodoxy", o autor inglês falava ainda destas ambigüidades e equivocidades, lembrando a falsa perspectiva do homem que acreditava ser mais fácil perdoar os pecados se negasse a existência dos mesmos. Falta à Conferência Episcopal italiana o "pão-pão queijo-queijo", o "sim-sim não-não", quando paira no difícil terreno de "manter as aparências".

A condenação de Paulo VI, por outro lado, é mais

a de um chefe político que a de um Supremo Pastor: há uma clara diferença entre qualificar de "traidores" e excomungar. O que Paulo VI poderia esperar daqueles que ele mesmo acusou de "auto-demolição da Igreja"? Que continuassem apenas na tarefa de destruição da Barca Mística? Ou o Papa ainda estaria esperando de Berlinguer, seu emissário para o Vietnã, a lealdade e a hipocrisia? Pode Paulo VI esquecer que continua em vigor o Decreto da Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício, de 1º de julho de 1949, impondo a pena de excomunhão a todos os católicos que colaboram com os comunistas?

No momento, apesar da dubiedade, os bispos italianos são contrários ao "compromisso storico" entre demo - cristãos, comunistas e socialistas. Seguramente, além evidentemente dos fiéis que se preparam corajosamente para voltar às catacumbas (Roma é privilegiada até neste aspecto), também as companhias de aviação são contrárias ao "compromisso": afinal, podendo dialogar com os "irmãos comunistas" na mesma Roma eterna, os "agentes da pastoral" não precisariam viajar para manter fecundos contactos com seus colegas da KGB.

Ricardo Henry M. Dip.

LIVROS & AUTORES

O grupo editorial clandestino de maior envergadura na União Soviética é o SMOG ("Samoe Molodoe Obshchestvo Gheniev", ou seja "A Mais Jovem Associação de Gênios"); seu tema é "Semelost', Mysl', Obraz, Glubina", vale dizer: "Audácia, Pensamento, Forma, Profundidade". O SMOG nasceu entre 1964 e 1965, tendo divulgado um manifesto programático a 14 de abril de 1965, na praça Maiakovski, de Moscou. Nomes de junho seguinte,

no órgão oficial "Konsomol'skaja Pravda", o jornalista L. Lichodeev, em artigo intitulado "A Hipérbole Reflexa", ataca o SMOG, atribuindo ao movimento três reivindicações básicas; encontrar um caminho para a arte moderna que estaria em um beco sem saída; ressurgimento na arte nacional (russa!), que estaria morta; e refletir, exprimindo, a fratura social do homem, revelada por seus tormentos e pensamentos.

Várias agências noticiosas (entre as quais a Reuter e a UPI), a 10 de fevereiro de 1966, receberam um comunicado do SMOG, distribuído pela revista "Grani" (o comunicado circulava a União Soviética, escrito à máquina ou à mão). O "Izvestia" publicou na União Soviética um artigo intitulado "Mr. Tarsis no Estrangeiro", recolhendo

alguns trechos do comunicado mas sem citar o nome SMOG.

Destacamos, abaixo, alguns tópicos do comunicado:

"Faz oito meses que toda a Rússia nos olha, que espera de nós...

O que espera? Que lhe demos dizer, nós, uma dezenas de jovens reunidos na Mais Jovem Associação de Gênios, o SMOG?

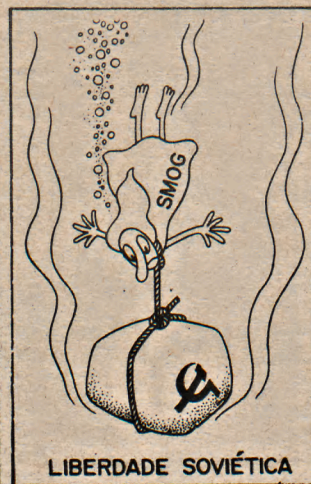
Muito e pouco, qualquer coisa e nada.

O povo necessita de nossa alma, nosso grande e maravilhoso povo russo.

E hora de libertá-la.

Nós, poetas e artistas, escritores e escultores, voltamos a dar nova vida à tra-

dição de nossa arte imortal, e somos seus continuadores. Robliov e Bajan, Radischev e Dostoievski Tsvetaieva e Pasternak, Bediaeff e Tarsis, entraram em nossas veias como sangue novo, como água viva. E nos não



desonraremos a nossos mestres, demonstraremos ser dignos deles. Hoje lutamos desesperadamente contra todos.

(...) nosso povo está junto a nós, está conosco!

Dirigimo-nos ao mundo livre, que já mais de uma vez demonstrou sua atitude de respeito à arte russa: ajudai-nos, não deixéis que as botas brutais pisoteiem o renascimento!"

Como se observa, a posição do SMOG é inconformista e diz respeito à arte russa e não à "arte oficial soviética". Trata-se, pois, de uma tomada de consciência de realidade artística e cultural de uma comunidade absorvida em um cosmopolitismo amorfo, o da União Soviética. Uma intensa produção editorial, clandestina, esteve sempre a cargo

do SMOG, apesar das dificuldades, que aliás são muitas, desde o fichamento dos tipos das máquinas de escrever, a uma constante prática de "revista física" para captar os panfletos. Entretanto, o SMOG sobreviveu.

A "mão de gato" no artigo de L. Lichodeev no "Konsomol'skaja Pravda", criticando o SMOG, era a do próprio secretário do Konsomol, Pavlov, que interveio contra o SMOG durante o "Plenun" do Comitê Central do Konsomol, em junho de 1965. O próprio "Pravda" publicou parte de seu discurso, sob o título "A Juventude é fiel aos ideais do Comunismo".

Concluiremos na próxima semana.

Fábio Emanuel

TEATRO

Verdadeiro brilhante falso



filas para conseguir ingressos, casa cheia de quarta a domingo. Sem dúvida, entre as centenas de pessoas que acorrem ao teatro a cada noite, estão aqueles que lá se encontram pela segunda ou terceira vez como que atraídos por um magnetismo envolvente, o mesmo que domina todos os presentes durante as duas horas de show.

É a volta àquele período quase alucinante da carreira de Elis Regina, "a loucura" por muitos ainda lembrada, da época dos festivais. Houve depois disso um longo período em sua carreira em que ela resolveu usufruir da paz permitida pelos resultados de uma época de atividade intensa, em que "trabalhava que nem louca". Poucas e comédidas apresentações, raras gravações, caracterizaram a fase seguinte, o que, talvez, tenha colaborado para criar a imagem, tão frequentemente comentada, de cantora impessoal, mecânica, "robôzinho que canta", como já correu por aí. Tanto bem feito está o espetáculo que mesmo os que assim pensavam podem sair de lá com a falsa idéia de que seriam injustos se continuassem com a mesma opinião, enquanto os "eternos fãs" são capazes de passar a adorar quem antes idolatravam.

Depois de curta interrupção, está de volta ao palco do Teatro Bandeirantes o já tão decantado espetáculo musical "Falso Brilhante", vulgo "show da Elis". Embora talvez não tenha sido essa a intenção, parece que esta pausa nas apresentações trouxe resultados que um bem planejado golpe publicitário poderia não conseguir. Chamou a atenção dos mais desavisados e refrescou a memória de quem já tinha esquecido que o espetáculo estava em cartaz, tanto o tempo que já se passou desde a estréia. Resultado: reprise do "boom" das primeiras semanas,

Poucos se dão conta porém, que aquele brilho magnetizante vem de uma pedra cuja autenticidade pode ser questionada. Uma análise mais detalhada, uma observação mais atenta, sem dúvida, levaria a conclusão de que foram vítimas de uma mera ilusão ótica. Assim como uma pedra de vidro pode facilmente passar por um diamante, se bem colocado em relação aos focos de luz que a atin-

gem, também o "brilhante" do show tem tanto esplendor por estar estrategicamente ao alcance da forte luz de outros de seus componentes: o incrível cenário de Naum Alves de Souza, o maravilhoso trabalho de direção de Miriam Muniz e a excelente participação dos músicos. Quem ouviu a gravação das músicas do espetáculo em disco, não precisa muito esforço de imaginação para visualizar o que seria do show sem eles. Talvez nada melhor nem pior do que as anteriores aparições de Elis no palco. De fato, o nome "Falso Brilhante" não poderia ter sido melhor escolhido, embora se diga que o título se refere ao artista brasileiro. Por isso, a cada dia de casa cheia, de um sucesso de bilheteria quase inédito nos últimos tempos, torna-se ainda mais flagrante a grande injustiça que teria sido cometida contra Miriam Muniz e Naum Alves de Souza caso tivessem perdido a causa em que pleiteavam uma percentagem na renda diária. A eles cabe, sem dúvida o maior mérito por todo esse sucesso.

Por mais que se tenha lido ou ouvido falar a respeito do "Falso Brilhante", há sempre um encontro com o inesperado quando se está lá, vendo tudo ao vivo. Há a graça colorida e indescritível do cenário, a comicidade e muitas vezes beleza das roupas, máscaras e movimentos dos músicos, e a inevitável descoberta de que era falsa a expectativa de um show musical. Lá há muito de teatro. As músicas não são encadeadas por ordem de preferência do público ou qualquer outro critério normalmente usado na montagem de apresentações de cantores. A sua

sequência conta uma história. Pulando, brincando, correndo, dançando, representando, todos ajudam a contar a história que Elis canta, a de sua própria carreira.

Ali há muito de como ela se relaciona, no presente, com seu passado. A fase de apresentações no Clube do Guri, que deve ter sido a mais difícil por todas as dificuldades envolvidas devido à idade, timidez, pressões sociais e coisas assim, é apresentada como uma passagem cômica, quase ridícula de sua vida, da qual parece, no entanto lembrar com muito carinho. Não esconde o medo e a insegurança que enfrentou ao chegar à cidade grande, nem omite interpretações de tangos e boleros que, pode ser, preferisse não fossem recordadas por quem chegou a ouvi-las na época, ou não viessem a ser reveladas a quem só a conheceu depois. Talvez tivesse sido impossível disfarçar a euforia do sucesso do tempo dos festivais e por isso ela o revive ali com muita intensidade. Poderíamos nos perguntar aqui se foi intencional ou por algum motivo mais egoísta que foi excluída a fase em que seu sucesso não foi individual mas intimamente ligado ao de Jair Rodrigues, com quem, pode-se dizer, chegou a formar uma dupla como bem diz o nome do primeiro dos três LP que gravaram juntos: "Dois na bossa".

Nesta primeira parte há um momento que se destaca por sua beleza musical: a interpretação de "Los Hermanos" de Atahualpa Yanpanqui. Dignando-se a descer do pedestal por alguns momentos, gentilmente dedica esse número a seus "companheiros de profissão". Foi, porém, este, o

único ponto em que o cenário é de gosto um pouco duvidoso. Enquanto canta, ela é embalada em um enorme balanço branco todo enfeitado de flores também da mesma cor.

O final do primeiro ato é bem caracterizado pela projeção de slides que mostram tomadas do delírio das platéias dos festivais até seu total emudecimento. É aí que um monstro roxo, muito simpático por sinal, o "monstro do desgosto", cai sobre Elis, afastando-a da platéia.

A segunda parte vem com mais brilho. Começa com todos vestidos de preto, como que a cantar um réquiem para um período de glória da música popular brasileira que desbotara, agonizara e se acabara pelo menos até que um milagre o ressuscite (esperança alimentada por cada um que presenciou seu apogeu). Do preto passam para o branco, a renovação, apresentando os pontos mais altos de todo o espetáculo. Um deles é "Graças a la Vida", interpretação que, no entanto, não se compara àquela da própria Violeta Parra ou mesmo a de Joan Baez.

Também é neste segundo ato que Elis deixa transparecer o seu lado sentimental quando interpreta "O que tinha de ser", de Jobin e Vinicius, e "Tatuagem" de Chico, numa cena em que os refletores denunciam apenas duas presenças: Elis cantando e César Camargo Mariano ao piano. Pena que em tudo isso haja uma nota que soa em falso, principalmente para quem sabe que muita coisa mudou entre eles.

Destacam-se ainda mais duas interpretações bem lindas, muito enriquecidas, aliás, pelo cenário: "Jardins da Infância"

de João Bosco e Aldir Blanc e "Como nossos Pais" de Belchior. Outras como "Velha Roupacolorida", "Homem de la Mancha", "Mestre Sala dos Mares" e assim por diante, pretendem mostrar suas preferências, gostos, sonhos e desejos.

Despede-se encabeçando a fileira formada por todos os participantes, cantando de estandarte na mão, mantendo até o último minuto aquele sorriso escancarado, que irradiava muita simpatia. Nos bastidores, porém, sem maquiagem, com os olhos cansados, uma dobrinha de preocupação entre as sombrancelhas, falando de problemas tão corriqueiros como a dor de dentes de um de seus filhos, apresentava uma figura que não condizia com a que brilhara no palco, porém, mais humana. Mas, nem assim ela desceu do pedestal, para conversar um pouco, como qualquer outro artista faria.

Quando se considera que a maioria das pessoas famosas só escreve sua autobiografia quando estão no fim de suas carreiras, cabe talvez perguntar se Elis quis transmitir, com esse show, a idéia de que chegou ao ponto máximo de seu sucesso, colocando-se acima de tudo e de todos. De qualquer maneira, era de se esperar que o exame de consciência forçado pelas lembranças dos tempos mais difíceis, nesta espécie de autobiografia, lhe tivesse ensinado a ter um pouco de humildade, levando-a a demonstrar de alguma maneira que reconhece o quanto o trabalho dos que a cercam contribuiu para que chegasse até aqui.

S.M.

CINEMA

Uma experiência existencial



A estudante de Arquitetura (Maria Schneider) e o repórter (Jack Nicholson) em "O passageiro"

Como se verifica em "O rosto", "O passageiro" ("Professione: reporter"), é também um jogo entre a realidade e a ilusão. Mas enquanto o sueco Bergman permanece no plano metafísico e teórico, o italiano Antonioni, devido talvez às características de sua latinidade, volta-se para os aspectos práticos da questão e transforma o abstrato em uma experiência vivida. O próprio Antonioni, em seus filmes anteriores, permaneceu mais no campo subjetivo, onde seus personagens se debatiam entre o tédio, a indiferença e a procura de uma fuga, capaz de romper com o círculo fechado que os aprisionava.

Em "O passageiro" existe uma diferença fundamental com os seres condenados ao anonimato de suas próprias personalidades e à incapacidade de sua auto-realização, que povoam obras como "O eclipse", "A noite" e "A aventura". Não se trata da descrição de determinada classe social, como fez Fellini em "A doce vida", onde a alta sociedade mostrava suas frustrações e suas angústias, transparecendo tudo através da busca desenfreada do prazer. O operário de "O grito" demonstra a mesma inquietação diante da vida que o escritor ou sua esposa em "O eclipse".

Em "O deserto vermelho" (1964) Antonioni, tentando realçar o estado

psíquico dos personagens, usou as paisagens desertas e a arquitetura urbana para mostrar a solidão ou a opressão. "Blow up", de 1967, representa a primeira ruptura de Antonioni com esse universo fechado, onde os seres se voltam para dentro ou se perdem no infinito sem solução - o fotógrafo, que revelando uma série de fotografias descobre por acaso um crime, é talvez a primeira criatura a tomar uma decisão.

A quebra definitiva do diretor italiano com a chamada angústia existencial dá-se em "O passageiro". Tem-se a história de um repórter inglês de televisão, respeitado em sua profissão, que parte para a África a fim de fazer uma série de reportagens. Nas sequências iniciais vê-se o repórter (Jack Nicholson na melhor atuação de sua carreira), procurando em vão entrar em contato com os guerrilheiros, no deserto, para completar a última entrevista. Voltando ao hotel onde está, descobre que o hospede do quarto ao lado morreu de um ataque cardíaco. Cansado da profissão, da vida, da mulher e de tudo, resolve trocar de identidade com o desconhecido. Fica com os documentos e papéis do outro, enviando os seus para a Inglaterra, onde é dado como morto. Passa assim a viver uma nova existência.

O desconhecido era um

elemento que fornecia armas a grupos de africanos em revolta. Aos poucos, o repórter Locke vai conhecendo o outro e cumprindo seus compromissos. Com o aparecimento de uma estudante de Arquitetura, chega o momento em que precisa assumir de uma vez a personalidade do outro, ou desistir. Antonioni intercala as ações de Locke em Londres, em Munich e na Espanha, sempre se fazendo passar pelo morto, com os trechos do documentário que filmou, e onde surge o problema africano; e que é visto pelo seu produtor e pela sua esposa na Inglaterra. A filmagem feita pelo repórter revela sua apatia diante dos acontecimentos: ele apenas reproduzia os fatos, nunca participando deles. Agora, é capaz de tomar parte no que acontece. Mas, até que ponto é ele próprio que se encontrou, ou até que ponto está simplesmente ocupando um lugar que veio às suas mãos por acaso?

Antonioni afirma, no filme, que os homens não mudam, apenas mudam os lugares. O repórter pode ter trocado de personalidade e de posição, mas tudo continuou na mesma. O que o separa dos demais seres imaginados pelo diretor é a experiência vivida, que representa o último passo para a resposta: esta ainda não é dada aqui mas, prova-

velmente irá em próximas realizações.

Em "O passageiro", embora tudo gire em torno de fatos sócio-políticos, importa apenas o problema individual do personagem. O que está se passando no mundo acontece sempre nos pânos de fundo, atingindo Locke somente na medida em que este toma conhecimento dos problemas.

As cenas finais do filme, já antológicas, representam os instantes cruciais da vida do repórter, vistos pela jovem estudante através das barras de uma janela, em um pátio onde entram ou de onde saem aqueles que o procuram e aqueles que o perseguem.

O deserto, em sua imensidão alarmante, ou a arquitetura carregada do espanhol Gaudi, funcionam como elementos de ligação entre os estados emocionais do repórter, exprimindo sua ansia de auto-afirmação.

Revelando os aspectos filosóficos da conduta humana, Antonioni pertence ao quadro dos antimaterialistas, ainda que a matéria, fornecida pela vida, seja a base de suas preocupações. Como Bergman, não é um derrotista ou um desorientado como querem as esquivadas, mas simplesmente um homem à procura da Verdade.

"O passageiro" é um filme que não pode deixar de ser visto.

"A Extorsão", um filme policial ou um filme social?



Suzana Faini, a esposa de "A extorsão"

"A extorsão" é uma produção nacional dirigida pelo recentemente falecido Flávio Tambellini. Se surgisse nas telas dublado em inglês, o público pensaria estar diante de um filme policial estrangeiro, mais ou menos na base do francês Chabrol, que pinta os habitantes de cidades ou lugarejos, seus costumes, suas vidas - e eventualmente, seus crimes. O acontecimento policial é apenas um elemento secundário, a partir do qual se propõem outras questões.

Na última obra de Tambellini acontece o mesmo: um homem da alta sociedade é fotografado, por um chantagista, com sua amante; negando-se a fornecer dinheiro ao impostor, logo depois tem a filha sequestrada. As reações desse homem, de sua esposa e da companheira vão revelando como é a esfera a que pertencem. O desenvolvimento do filme compreende a ação de um delegado, que procura o chantagista e provável raptor, e o desdobramento dos personagens no ambiente em que vivem.

É a descrição de alguns setores de sociedade o que importa nesta realização de Tambellini, evidenciando o talento do diretor e fazendo-nos lamentar seu desaparecimento. Com ele, pene-

tramos nos submundo carioca, que curiosamente se liga a certas camadas da alta sociedade. Entre personalidades frágeis como a esposa ou semimarginais. Como a do cabeleireiro, fica-se conhecendo os bastidores de um agrupamento humano frívolo e falso, tão desajustado aos padrões sociais como é aquele que vive totalmente à margem, constituído por homossexuais, exploradores e malandros. O cabeleireiro do salão caríssimo ombreia-se com o vagabundo violento, como o pequeno burguês que quer manter as aparências, e com a mulher rica e frustrada.

É preciso frisar que não, se tem a contestação, ou a provocação ou a acusação neste relatório crítico de Tambellini: ele apenas registra tipos humanos que existem, contando um caso que poderia ter acontecido. Tem-se o cinema social sem raízes demagógicas, políticos ou engajadas, retratando diversas coletividades, sem segundas intenções. Esse tipo de cinema é geralmente combatido pelos marxistas, que não se conformam de que outros possam tentar por vias diferentes das suas a modificação da sociedade que apresenta de errado.

Também é fácil acusar o filme de falta de brasilidade, porque se prende a caracteres

universais: é preciso não cair no despropósito de confundir aspectos típicos ou regionais com nacionalismo, palavra muito em voga, mas nunca suficientemente explicada.

O filme francês "Projection privée", que tem em português o título idiota de "A vida íntima de três amantes", apresenta algumas semelhanças como o de Tambellini. Aqui, um diretor de cinema, cuja esposa se suicidou ao descobrir que o marido a traía, resolve filmar o acontecido. Sua esposa atual, que tinha sido a causa do suicídio da primeira, apavora-se ao ver que a história vai se repetir, vendo o interesse do marido-diretor pela atriz do filme; e tenta morrer, por sua vez, levada talvez por um complexo de culpa. O argumento é interessante, mas não desenvolvido de modo suficiente pelo diretor Letterier. Por outro lado é impossível julgar convenientemente o filme, tal o estado da cópia, provavelmente feita em laboratórios nacionais. Intercalando cenas reais com cenas filmadas ou imaginadas pelo diretor, o enredo já é meio complicado. E mais complicado fica quando nem a cara dos personagens se pode distinguir direito.

Ida Laura.

TELEVISÃO

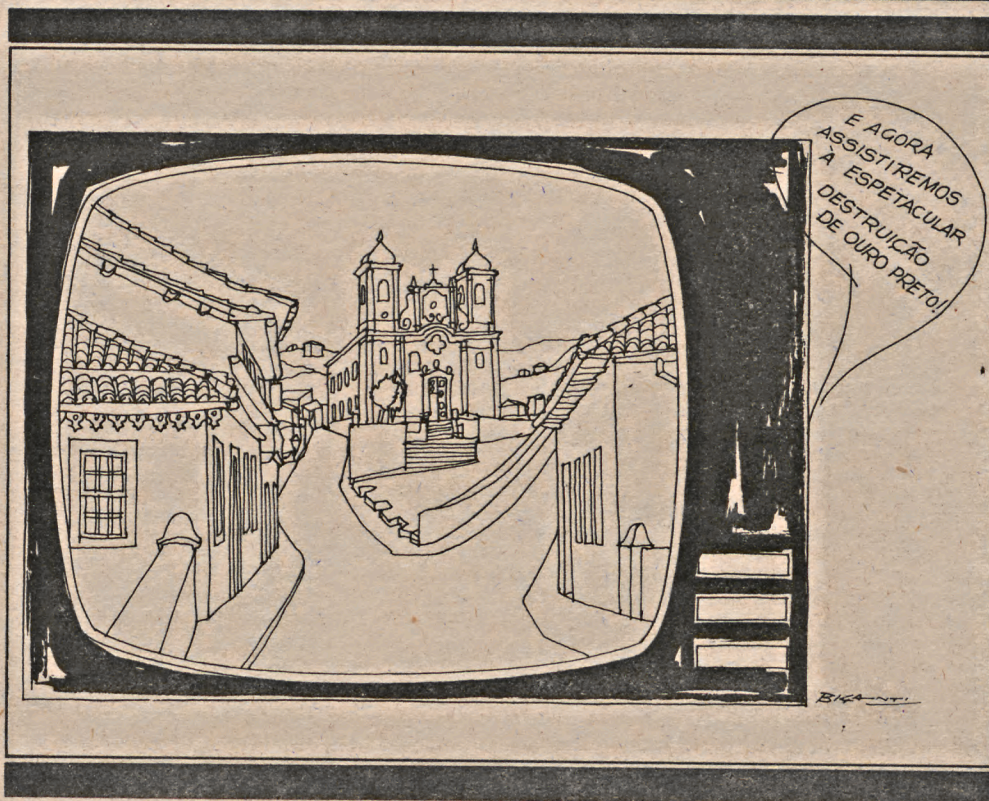
As omissões da tevê brasileira

Em nossa crônica anterior, comentamos as palavras de um professor norte-americano sobre a missão cultural que a tevê deve exercer no Brasil. Segundo o prof. Friedman, a nossa televisão precisa divulgar o nosso folclore, as nossas tradições, a nossa literatura, enfim, nossos valores, aquilo que mais nos caracteriza como povo e Nação.

Mas para que isto aconteça, é necessário que os diretores, produtores e apresentadores de tevê se conscientizem, adquiram plena convicção dessa responsabilidade. Assim como o gosto se refina, a cultura também se aprimora com a crescente divulgação de fatos sobre livros e autores, ciências e artes plásticas, acontecimentos históricos e contemporâneos. Cultura é uma questão de pertinência, de aprendizagem. É um trabalho incessante, que recomeça todos os dias. Está nas mãos dos responsáveis pela tevê brasileira, a futura mudança de orientação, a fim de que o nosso vídeo se transforme, de maneira paulatina, num poderoso veículo de cultura.

Vejamos agora, sob tal aspecto, algumas omissões da nossa televisão.

Devido ao seu caráter histórico e artístico, a cidade de Ouro Preto foi tombada e declarada "Monumento Nacional", através do Decreto nº 22.928, de 12 de julho de



1933. Este decreto, assinado por Getúlio Vargas, visou preservar as características arquitetônicas da urbe dos Inconfidentes, na qual ainda temos a impressão de entrever, nas ladeiras íngremes, a sombra dolorida do Aleijadinho.

Todavia, um processo de descaracterização começou a atingir Ouro Preto, colocando em risco o mais valioso e importante conjunto colonial do país. Apareceram, na velha cidade, anúncios luminosos; ergueram-se prédios de estilo moderno; substituiu-se a iluminação das ruas por luzes

de mercúrio; houve o aumento do trânsito de ônibus e caminhões, cujas fortes trepidações afetam o casario. Novos bairros e diversas favelas surgem nas escarpas, desfigurando a paisagem, e as pedras das ruínas do célebre Morro da Queimada, que evoca a rebelião de Felipe dos Santos contra a prepotência do despótico Conde de Assumar, estão sendo retiradas do local por moradores das cercanias.

Alarmados com estes fatos, vários cidadãos, estudantes e artistas, que residem na cidade ameaçada, decidiram criar o

"Movimento por Ouro Preto". O objetivo é denunciar, numa campanha de nível nacional, o desfiguramento do acervo histórico e artístico daquela que, em virtude de sua opulência, recebeu, no século XVIII, o nome de Vila Rica.

O grupo luta pela conservação desse patrimônio e já realizou um farto documentário sobre o problema, por intermédio de fotos, "slides" e filmes. No intuito de divulgar a campanha, solicitou a colaboração da tevê, da imprensa, das entidades culturais e das associações estudantis.

No entanto, até o presente momento, essa meritória campanha não obteve acústica. Não houve uma só emissora de televisão que tivesse transmitido uma simples notícia sobre o movimento. O telespectador brasileiro ignora esse atentado às tradições de sua pátria. Desconhece os perigos a que se acha exposta a mais famosa cidade histórica do Brasil.

Em qualquer país europeu, os canais de tevê lançariam um copioso noticiário sobre a dramática situação. Fariam muito mais. Apresentariam programas extensos, minuciosos, bem realizados, para que os telespectadores ficassem plenamente esclarecidos, compenetrados da existência de um problema que é da responsabilidade de todos, pois se relaciona com a memória nacional, com a consciência do próprio país. E uma Nação que se esquece do seu passado, é uma Nação amnésica, vulnerável, debilitada sem heróis e sem glória. Recordemos, a propósito, o magnífico conceito de Lamartine, inserido na obra "La Chute d'un Ange":

"A cinza dos mortos é que criou a pátria".

Apesar de tudo, ainda temos uma esperança: a de que a televisão brasileira se converta numa infatigável e autêntica paladina da nossa cultura e das nossas tradições.

Fernando Jorge

RADIO

Um passeio pelo "dial"

A Rádio Novo Mundo já está operando em sua nova frequência, determinada pelo Plano Nacional de Distribuição de Canais de Ondas Médias, do Ministério das Comunicações. Anote: 560 quilohertz. Em São Paulo, trata-se da primeira emissora no "dial" do rádio. Desde já, dois programas populares vêm fazendo sucesso: O VELHO REALEJO, de Salomão Júnior e o SÁBADO E DOMINGO ALEGRES, com Carlos Vidal. Muita música, bem selecionada, determinando uma opção para o ouvinte que não aprecia o futebol das tardes de sábado e domingo.

Agora na Rádio Jornal de São Paulo, encontramos a voz de Osvaldo Tassi,

locutor esportivo da Equipe "A", chefiada pelo Wilson Brasil. O interessante de suas transmissões é que ele é uma cópia quase que fiel do ex-locutor Edson Leite. Copiar talvez não seja algo muito bom, porém, no presente caso, a imitação passa a ser recordação de um dos últimos locutores paulistas de projeção nacional.

"Jornal de Rádio", todas as manhãs, das 7 às 9 horas, na Rádio Gazeta é o noticioso que vem concorrendo com os congêneres da Bandeirantes e da Jovem Pan. O comando está nas mãos experientes de Ney Gonçalves Dias e de Joelmir Betting. Aliás uma verba apreciável está sendo gasta pela emissora para fazer a cobertura nacional

das manchetes dos principais jornais das capitais dos Estados brasileiros.

Os estudiosos da Comunicação ainda não souberam dizer com precisão por que determinados profissionais de rádio, ao trocarem de prefixo deixam de ter audiência elevada que possuíam anteriormente. Tal é o caso de Marcos "Baby" Durães que, enquanto estava na Rádio Bandeirantes dominava tranquilamente os horários da manhã. Passando para a Rádio Nacional (Globo), perdeu muito de sua clientela. De qual quer modo, Marcos Durães continua sendo um excelente apresentador. Confira escutando "Aldeia Global", todas as manhãs, às 10 horas.

Sob o comando de Doalcey Bueno de Camargo, a equipe esportiva da Rádio Tupi do Rio de Janeiro vem se constituindo numa das mais ouvidas, quer na Grande Rio, quer nos mais distantes pontos do território brasileiro. Na sua equipe, um ex-bom de bola, atualmente bom de microfone: Gerson Nunes de Oliveira, o "Canhotinha de ouro".

Voltamos ao assunto: ao lermos uma reportagem do Jornal da Tarde a respeito da situação de nossas fronteiras, ficava ali, mais uma vez, patente a invasão que as emissoras estrangeiras fazem nos mais longínquos rincões da Pátria. O Governo Federal necessita, com urgência, colocar em prática

os planos para a construção de emissoras potentes em nossas faixas de fronteira, onde a iniciativa privada não tem interesse. Medida paralela: aumentar as potências de nossas emissoras particulares de Ondas Curtas.

Um Piano ao Cair da Tarde, um dos mais tradicionais programas da Rádio Eldorado de São Paulo. Sempre presente o bom gosto nestas programações. Uma vantagem a mais para se aguentar o trânsito e a poluição sonora da cidade, exatamente na hora do "rush". Melhor ainda para quem tem ar condicionado no carro e que pode fechar os vidros.

Sérgio Antonio Corrêa

TURISMO

Onze vezes menor que o Brasil, o Chile encara o turismo com maior sabedoria

"Chile pode e deve ser o centro de Turismo da América do Sul. Temos tudo o que a natureza pode proporcionar para o fomento desta indústria. Cada chileno tem de compreender que o turista é um amigo, a quem se deve abrir as portas da casa, atendê-lo bem e facilitar a sua estada".

Quem o afirma é Liliana Mahan, diretora do Turismo em Santiago de Chile.

Em verdade, não encontramos, numericamente, grande expansão do turista chileno, em termos de indústria. Estão, como nós, engatinhando. Porém, dando passos certinhos, e com muita vontade de deslanchar.

Eles têm, a favor, a diversificação de paisagens, de clima, de altitude, de flora e de fauna, favorecidos pela posição geográfica do país que coloca sua cabeça na zona tropical e seus pés nas geleiras da Antártica. Têm a seu favor, para efeito de controle e administração, um território onze vezes menor que o Brasil - o que diminui de onze vezes seus problemas com relação aos nossos. Eles têm a seu favor, em termos de população (melhor dizendo, em termos de "gente") um nível bem mais elevado de educação, quando se trata de organização, de limpeza pública, de respeito pela propriedade alheia,

de carinho pelas plantas, de preservação das reservas e dos monumentos que constituem patrimônio nacional. Você caminha pelas praças, pelos parques, mesmo pelas ruas e estradas, sem coragem de atirar a esmo uma casca de frutas ou um toco de cigarro, sem que ninguém esteja à espreita para multar ou advertir. É um procedimento do povo que vem de longe, que vem do berço ainda que este seja muito pobre.

Chile desfruta de excelentes condições para atrair o turista latino-americano, principalmente o brasileiro que encontra ali, sem ir mais longe, a neve ou o gelo eterno, em qualquer época do ano, brilhando nos picos da cordilheira andina; e os lagos, qual imenso mar que, com ligeira interrupções, vão dar em Barriloche, no território argentino, proporcionando fabuloso roteiro integrado, com opções as mais variadas.

Embora não tendo muito o que oferecer em matéria de compras, seu artesanato decore e de lá crua é bastante atraente e a preços mais do que convidativos. E os famosos enlatados, a preço irrisório com a mais completa amostragem dos frutos marinhos - salmão à sardinha. Não há, que se possa notar, aquela exploração do comércio, inclusive da hotelaria,

que afugenta o turista em qualquer parte do mundo.

Zelam muito pelo problema de mendicância, chegando a ser nulo o número de pedintes e de vendedores ambulantes que agridem o visitante com a oferta de suas bugigangas.

Tudo isto reunido, cria um ambiente agradável a quem visita o Chile, que parte sempre com vontade de retornar.

Não obstante os conflitos políticos internos pelos quais passou nos últimos tempos, reina a mais perfeita paz no território, dando a cada um a sensação de perfeita segurança, de calma e de tranquilidade. Seu povo é cortez, amável e hospitaleiro. Romântico, sentimental e laborioso.

Que mais se pode exigir de um país que tem tantos atributos agradáveis e tantos dotes naturais para oferecer?

SO A IDADE AS SEPARA

Chile tem duas cidades antagônicas, quase ligadas uma à outra, e separadas por mais de três séculos de vida: Valparaíso e Viña del Mar, ambas desempenhando papel importantíssimo na economia nacional.

Enquanto Valparaíso - primeiro porto chileno - é res-

ponsável por 50% dos produtos que se importam e exportam do país, Viña del Mar (que fazem questão de chamar "cidade jardim") é a sala de visitas, futurando alto com a exploração do turismo. Está para o Chile como Guarujá para São Paulo, Camboriú para Santa Catarina, Rio de Janeiro para o Brasil. É uma cidade balneária realmente bela, de maravilhosos cenários naturais valorizados pelo bom gosto e respeito do engenho humano ao imprimir-lhe o toque de avançado progresso sem, contudo, deturpar-lhe a fisionomia alegre e jovial debruçada sobre as águas do Pacífico.

Viña del Mar é a cigarra. Valparaíso, a formiga que armazena, que enche de celeiros nacionais durante o sitio, para quando "o inverno" chegar.

Cidade que sobe e que desce morro, em movimento constante de gente de todas as gamas, a pé ou de funicular (mais de quarenta em vai-vem ininterrupto), por escadas de cimento, de madeira, e terra batida, de troncos de árvores. Que conduzem o indivíduo a lugares quase inacessíveis, a alturas dificilmente imagináveis. Casario geralmente baixo devido à sua topografia acidentada, Valparaíso é a cidade ondulante ou ondulada, fundada em 1552, que tem, em cada rincão - exceto os mais novos - uma página de história para contar. Por seu porto passam embarcações de todas as bandeiras, num intercâmbio de gente e de mercadorias.

O VINHO FAZ PARTE DE SUA GLÓRIA

Na escala de sentimento patriótico, o vinho está para o chileno como o café para o brasileiro: os vinhedos acompanham, desde os mais remotos tempos, a evolução do país.

Seu prestígio mundial também vem de longe, e na época colonial os reinos espanhóis exigiam abastecer-se do produto das uvas chilenas.

O clima excepcional; a alta qualidade de suas terras e a preocupação constante dos produtores em aprimorar cada vez mais a qualidade de seus vinhedos, constituem as características positivas da viticultura chilena.

Os vinhedos regados alcançam um rendimento de cerca de oito mil litros por hectare, o que, segundo afirmam, indica recorde mundial. O produto obtido das variedades Semillon, Cabernet, Cot, Merlot, Verdot e Pinot correspondem a 60 por cento da produção de vinhos finos.

Apesar dos problemas econômicos que se refletem em todos os mercados mundiais, os vinhos chilenos têm atingido cifras respeitáveis nos mercados externos. Exporta, em maior escala, para o Estados Unidos; para as Nações do Pacto Andino, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela; e para os da ALALC, Brasil, México e Paraguai.

O único inconveniente que você irá encontrar no Chile, com relação a seus vinhos, é que se habitua a tomá-lo a toda hora (a pretexto de conhecer as marcas, ou mesmo sem pretexto algum), eleger os favoritos (a partir de 12 cruzeiros a garrafa), e quando regressa ao Brasil, a alfândega só lhe permitirá entrar com uma unidade.

VINA E SEU CASINO: PARAÍSO PARA UNS, INFERNO PARA OUTROS

Viña del Mar é cidade par ser vista, não para ser descrita.

Oferece mil angulos para serem captados, segundo o gosto, a tendência ou a sensibilidade de cada um, pelo pintor, pelo poeta, o músico, o contemplativo, o arquiteto, o capitalista o jovem, a criança, o velho, o místico, o boêmio, o aventureiro.

Traçada com amplas praças, largas ruas e avenida onde se nota a mais absoluta limpeza (só quebrada pelo cair de folhas de árvores frondosas e de flores derrubadas pela brisa); com suas praias de areia morna no verão, embora as águas do Pacífico sejam, ao contrário das do Atlântico, quase sempre exageradamente frias; com seus clubes elegantes, seus centros de reuniões sociais e artísticos sofisticados; com seu Casino Municipal super-luxuoso, que mantém freguesia certa jogando em todas as linguas, Viña del Mar é o convite irresistível, dentro ou fora das temporadas, onde cada qual encontra o seu inferno ou paraíso.

Distante de Santiago pouco mais de duas horas de viagem por excelente rodovia que perfurou montanhas para construir túneis quilométricos que encurtam de duas horas a distância, é ponto de partida de uma sequência de mais de vinte balneários e praias de todos os tipos que começam na cidade e terminam em Con-Con, na desembocadura do rio Aconcagua.

Oferece ao turista uma série de hotéis encabeçados pelo luxuoso Hotel O'Higgins (9 dólares por pessoa, 12 dólares o casal), seguido do Hotel Miramar (14 e 17 dólares); classificados como Primeira A: Hotel San Martin (14 e 17 dólares); Hotel Alcazar (9 e 12 dólares); Hotel Von Schroeder (9 e 10 dólares); Primeira B: Hotel Español (5 e 6 dólares).

Em matéria de restaurantes: Casino Chico, La Gran Parra, Chalet Suisse, negro el 8, Han-Fu-Chung, Rincón Criollo, San Marco, Chez Gerald, Chez Jacques, Cap Duval.

Como passeio, o mais espetacular, é pela zona balneária, com deliciosas vivendas, chalés, e mansões equilibrando-se nas rampas íngremes, como que prestes a se despencarem, num mergulho, nas águas geladas do oceano.

Seria crime não almoçar, em um dos rusticos, pitorescos e incrementados restaurantes da zona do porto, com seus saborosos peixes e frutos do mar, de cuja variedade não pode faltar o "loco". Tudo regado a vinho branco e vinho tinto - sem esquecer as virtudes do pisco -sauer, companheiro inseparável na alegria e na tristeza.

Durante as temporadas, residências particulares, apartamentos e tudo que possa ser alugado, é ocupado pela população flutuante que invade a cidade balneária.

A propósito, pensando escandalizar-nos com os preços exorbitantes que ali se cobram em tais épocas, contou-nos a guia que um apartamento de tres dormitórios e demais dependências alcança o preço de seis mil cruzeiros mensais. Quando lhe dissemos que no Guarujá chega a custar de 25 a 30 mil... foi ela que caiu de costas.

QUINTA VERGARA, ONDE VINA COMEÇOU

Ir a Viña del Mar e não visitar a Quinta Vergara, é o mesmo que ir a Paris e não ver a Torre Eiffel.

Imenso parque dentro da cidade, tendo acesso por um portão monumental, encerra o que há de

mais esplêndido, em matéria de plantas e flores nacionais e exóticas, com exemplares trazidos no século passado da Índia, de Java, da Europa e da Ásia.

Largas e ensombradas alamedas conduzem a recantos admiráveis, trabalhados por mãos de artistas paisagistas.

Vasto e suntuoso palácio guarda o mais valioso acervo de esculturas e telas famosas, e mobiliário autêntico, do século passado.

Sua história começou em 1874, com um prédio rustico que don José Francisco Vergara adquiriu para levantar sua casa. Ele havia feito considerável fortuna com a exploração de salitre, ao norte de Antofagasta.

Quando estourou a Guerra do Pacífico, o governo o designou ministro de Guerra em Campanha. Lutou ao lado das tropas, até a vitória final.

A luxuosa mansão (verdadeiro palácio) que construiu quatro anos antes para residir com sua família, é a que está transformada hoje, em Museu e Escola de Belas Artes, tombada pela Municipalidade de Viña del Mar no centro de Quinta Vergara. Foi construída pelo arquiteto italiano Héctor Petri. Em um dos rincões do parque ergue-se imenso teatro ao ar livre, onde se realiza, anualmente, desde 1960, o famoso Festival da Canção.

Lenda fato, ou imaginação - ou um pouco de cada coisa misturado - conta-se que cada um dos descendentes de don José Francisco Vergara foi desaparecendo tragicamente (suicídios de uns, assassinato de outros, acidentes com alguns, todos muitos ricos, muitos nobres). Assim sendo, não restou herdeiro legítimo para habilitar-se à fortuna acumulada. E a Municipalidade, por transações que não vem ao caso e por doações, conseguiu reunir todos os móveis e as peças de arte no Museu e Escola de Belas Artes em que se transformou a Quinta Vergara - uma das mais fortes atrações turístico-cultural-artísticas de Viña del Mar.

CLYDIE MENDES CARNEIRO

FAÇA TURISMO EM BOA COMPANHIA.

Vá conhecer Portillo, no Chile, centro de Esportes de Inverno, onde em 1966, foi realizado o Campeonato Mundial de Esqui. Hospedese no Hotel Internacional de Portillo, de categoria luxo, que se encontra localizado junto a Lagoa Del Inca. Portillo é o centro de esqui mais importante do Hemisfério Sul. Encontra-se situada a mais de 2.800 metros de altura sobre o nível do mar.



1ª Saída: 07/07/1976
Volta: 20/07/1976

2ª Saída: 10/07/1976
Volta: 19/07/1976

3ª Saída: 12/07/1976
Volta: 24/07/76



Uma empresa do
GRUPO APLIK

Aplik Turismo Ltda.

S. PAULO - RUA DO TESOURO, 47 - TELS. 27-5200 - 22-3450 - 22-4781
EMBRATUR N.º 748 - S/P - CAT. A C G C 43.450.810

MUSICA

Como cantar a independência dos Estados Unidos

Como era de se esperar, o público não faltou à apresentação do Madrigal Livre Cantores, grupo de 12 pessoas que conta com a regência do maestro Samuel Kerr.

Este grupo reapresentou nos últimos dias 15 e 16, no Teatro da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), em São Paulo, um programa de músicas da época colonial norte-americana em comemoração do bi-centenário da independência dos Estados Unidos. Um concerto de aproximadamente uma hora, em que os cantores-atores cantaram e dançaram as antigas músicas, vestidos de acordo com a época.

COMO SURTIU O GRUPO

Ana Maria Kieffer, "mezzo soprano" profissional, selecionou-os de acordo com suas potencialidades vocais. De fato, um grupo de alto nível.

Todos os cantores saíram do Coral da Universidade de São Paulo, onde cantavam, alguns, desde sua fundação. Hoje, afastados do Coralusp, muitos

preferem não cantar mais em coral algum, pois preferem trabalhar profissionalmente e não amadoristicamente.

Para o futuro, estes cantores serão bons cantores de ópera e de música de câmara. Um pessoal que tem muita "janela" no canto e que somente estão esperando que algum empresário venha contratá-los.

Anna Maria Kieffer explica no programa, que "este espetáculo é o resultado de um trabalho conjunto", sobre pesquisa que realizou nos Estados Unidos, na área de música nativa norte-americana. "As canções aqui apresentadas - prossegue - eram cantadas nas igrejas, tabernas, teatros, campos de batalha em casa, no trabalho, e acredito que conservem até hoje todo seu encanto primitivo".

DOS SALMOS À QUADRILHA

O programa inicia-se em uma escuridão total, e os cantores entram silenciosamente, dispondo-se na forma tradicional coralística. Um pequeno foco

de luz abre-se sobre eles dando início às duas primeiras peças, dois Salmos Hugue Huguenotes: "Du Malin", de Claude Goudimel (1565) e "Shout to Jeovah", de Louis Bougeois (1562). Logo após a execução destes dois salmos, uma grande tela baixa no palco. Dois grandes altos-falantes ressoam a voz de A. Carvalhaes que explica ao público o texto explicado música por música, para que o ouvinte possa tomar conhecimento do que significava cada peça.

Sobre aquela tela, "slides" selecionados por Libbie Matheus, mostravam quadros da vida da época.

Dando continuidade ao concerto, Regina Schlochauer aciona seu cravo apresentando, por sinal muito bem, uma toada em La Maior de H. Purcell datada de 1659-1695. "The New England Ballad" um anônimo de 1700 é cantado por Anna Kieffer.

O coro posto como se estivesse em uma igreja entoava uma canção de

Willian Billings (1778) "A Virgin Unspotted". Como o leitor pode perceber, este espetáculo é dividido em pequenos "quadros", sendo cada um com um significado diferente.

Um outro anônimo de 1700 "Captain Thunder" que teve como solistas mais uma vez Anna Maria e o Baixo Fernando Duarte. Esta música é uma conquista que o capitão tenta fazer, mas Rosinha muito esperta manda-o cantar em outra freguesia.

Mais uma vez Willian Billings "Whem Jesus Wept", quando Jesus Chorou, música esta interpretada por vozes femininas.

Mudando completamente o ambiente, o grupo passa a uma festa. A soprano Regina Helena Mesquita canta a de F. Hopkinson "Come, Fair Rosina" uma bela canção em uma bela voz. Todos do grupo dispostos informalmente no palco ao redor do piano ouvem atentamente a outra soprano Adélia Issa que cantando para o seu amor "The favorite Ballad of

Edward" causa espanto aos participantes da festa. Em sinal, quem sabe, de protesto o grupo canta Wondrowa love e jargon". Esta segunda música, tem uma harmonia muito dissonante.

"The litte boy blew", "the Bacchanalian's Wish", "When Night had set" mais três músicas que compunham o programa. "Negro Song", anônimo de 1750, sem dúvida o ponto alto do concerto, que cantada somente por vozes masculinas harmonicamente é muito agradável ao ouvido.

Outro sucesso também anônimo Mr. Lance's Magot, uma quadrilha dançada pelos próprios cantores. E para finalizar o "Be Glad then América", Willian Billings (1794) que traduz todo o espetáculo e onde o Madrigal "Livre Cantores" mostraram grande clareza na interpretação.

OS CANTORES QUASE PROFISSIONAIS

O Madrigal é composto de três sopranos, três tenores, três contraltos e três baixos. Alguns deles

fazem técnica vocal com renomados nomes do "bel canto" como Marcel Klass e Hermínia Russo.

Percebe-se claramente ou seja audivelmente os que não se preparam técnica vocal. Todos têm solos e às vezes notaram-se deslizos de respiração e apoio. Mas até mesmo estes cantores, que apresentaram falhas técnicas, são dotados de bons potenciais vocálicos, apesar de não burilados.

Os cantores tem profissões diferentes são estudantes, engenheiros, professores universitários, músicos profissionais, mas todos, sem exceção gostam muito do que fazem, além de suas profissões, ou seja, dão a alma para reerguer a música erudita, que está atualmente em grande declínio, pois como dizem "os grandes teatros Nacionais apresentam de tudo, menos boa música".

Por incrível que pareça, São Paulo poderá perder a sua Orquestra.

Domingos Vassalo

João Câmara no MAM (Rio)

ARTES PLÁSTICAS



Detalhe da série "Cenas da Vida Brasileira 1930/1954, segundo João Câmara Filho (Museu de Arte Moderna do Rio)

"Cenas da Vida Brasileira 1930/1954, João Câmara Filho reúne duas séries distintas de trabalhos, constituídas de 10 pinturas de grande formato (monumentais) e 100 litografias em preto e branco, na exposição ora apresentada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

O conjunto de trabalhos foi iniciado em janeiro de 1974 e concluído em março de 1976 e, segundo o autor, não é um registro histórico de determinado período, embora tenha se servido da iconografia histórica como um plano de exercício de um projeto de invenção, cujo resultado foi "um conjunto de obras que se explica e discute a si próprio". A sua estrutura, em geral, é de cenário ou de pano de fundo para uma "figuração anacrônica de objetos e personagens". As litografias, por exemplo, dividem-se em dois grupos principais, não explícitos - as Cenas da Vida Pública e as Cenas da Vida Privada, - em que os títulos, bastante narrativos, têm importância apenas de ordem literária ou alusiva. As pinturas levam datas com títulos e, nelas, os dois tipos de cenas se interpenetram.

Nascido em João Pessoa, Paraíba, em 1944, e residindo há alguns anos em Olinda, Pernambuco, João

Camara Filho começou a pintar desde os 15 anos. Frequentou o curso livre da Escola de Belas Artes da Universidade de Recife, entre 1960 e 1963, e o curso de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco, saindo bacharel. Recebeu prêmios de pintura e gravura no salão do Estado de Pernambuco, em 1962 e 1964; o prêmio Bolsa de Comércio de Cordoba, na III Bienal Americana de Arte; o prêmio de aquisição na 1ª Bienal Nacional da Bahia, em 1966; O Grande Prêmio no IV Salão de Arte Moderna de Brasília e isenção de juri no 23º Salão Nacional de Arte Moderna, Rio, 1959. Além das exposições mencionadas, participou ainda, de inúmeras outras - coletivas e individuais - no eixo Rio/São Paulo e Pernambuco, bem como os mais conceituados salões de âmbito nacional.

João Camara Filho ensinou pintura na Universidade da Paraíba, entre 1967 e 1970; e exerceu, durante algum tempo, crítica de arte em jornais do Recife. Paralelamente, a exposição do MAM do Rio está sendo apresentada um áudio-visual sobre o seu trabalho, elaborado pelo crítico Frederico de Moraes, responsável também pelo texto de apresentação no catálogo-

cartaz da mostra. Depois do MAM do Rio, os mesmos trabalhos serão mostrados no Museu de Arte de São Paulo, em junho. Pela importância do artista e pelo conjunto é uma exposição que deve ser visitada. Atualmente, no Rio, onde o calendário - salas oficiais e do circuito comercial - ainda não se definiu bem em termos de primeiro semestre, tal mostra é o destaque maior. Aguardem pois, em São Paulo.

BIENAL NACIONAL

E a próxima Bienal Nacional? Nada se sabe até o presente momento. Ao que parece, sem a presença de Cicillo Matarazzo Sobrinho à frente da fundação Bienal de São Paulo, tudo indica que ao contrário dos últimos anos vamos ficar sem a Bienal Nacional. Tal certame, tão importante como uma prévia da Bienal Internacional, corre sério risco de não ser realizada. Vamos aguardar para ver no que vai dar...

Morgan Motta

ESPORTES

FUTEBOL

Luiz Fumanchu fala em seleção

A torcida do Vasco da Gama está levando faixas ao Maracanã incentivando o seu novo ídolo: Luís Fumanchu. Tendo iniciado sua carreira no clube Cruz de Malta, nas equipes inferiores, foi emprestado ao Nautico e ao Santa Cruz: "Embora o meu passe estivesse fixado em 115.000 cruzeiros, e o Santa Cruz demonstrasse interesse em adquiri-lo, o meu objetivo era retornar ao Rio de Janeiro. Sinceramente tinha certeza de que poderia voltar ao Vasco e ser titular, o que realmente acabou acontecendo". O ponta direita continua a falar:

- Ali pela direita eu garanto o "ouro". É só fazerem lançamentos em profundidade e na diagonal que, fatalmente cruzarei na medida para o Roberto ou o Dé finalizarem. Não me considero um craque, porém se o Gil e o Flecha derem moleza na seleção, irei buscar a camisa sete.

Futebol brasileiro de luto: morre Roberto Batata!

As estradas continuam sendo fatais. Desta vez, a vítima foi Roberto Batata, ponta-direita do Cruzeiro. As coincidências deixam suas marcas, um dia antes ele havia marcado o primeiro gol de sua

equipe contra o Aliança, de Lima, onde o Cruzeiro venceu por 4 a 0. Praticamente no mesmo horário - às 17,45 horas - um dia depois, ele morria, quando seu Chevette chocou-se contra dois

caminhões, na estrada que o levaria para Três Corações. Também por ocasião que seu corpo baixava a sepultura 169, quadra 24, do Cemitério do Bomfim, a diferença horária era mínima.

Uma multidão acompanhou o enterro de Batata, desde a sede social do Cruzeiro, em Barro Preto, até o cemitério do Bomfim.

numa última homenagem a seu ídolo. O presidente Filício Brandi baixou uma resolução: de hoje em diante o Cruzeiro não tem mais camisa 7, ele foi junto com Roberto Batata.

Mirandinha poderá voltar ao futebol

Sebastião Miranda ou simplesmente Mirandinha, que fraturou a perna em novembro de 1974 em lance casual com o zagueiro Baldini, em São José do Rio Preto, quando o São Paulo enfrentava o América, ainda tem possibilidades de retornar aos campos de futebol. O médico Renan Azzi Leal, responsável pelo tratamento do comandante de ataque tricolor, falou à reportagem de "O Expresso":

— Realmente o caso de Mirandinha é muito complexo. O tratamento será prolongado e a possibilidade de uma nova cirurgia não está afastada. Todavia dizemos que o

atleta está inutilizado para a prática do futebol não podemos assegurar, como também não há condições de se afirmar que ele não voltará a jogar.

O facultativo que está cuidando do jovem centro-atacante tricolor emite uma opinião particular sobre o caso: "Pessoalmente, acho que ele voltará a jogar e estou torcendo para que isso realmente se efetive. O Mirandinha está otimista e com bastante força de vontade".

Mirandinha está fazendo tratamento fisioterápicos com o professor José Cassio Abade, que diz: "O tratamento visa uma reeducação muscular.

Existe possibilidade de que o Mirandinha apresente uma recuperação óssea movimentando a perna. Daqui a 45 dias será feita uma reavaliação quando poderemos verificar se a parte óssea readquiriu a resistência suficiente para permitir o seu regresso ao futebol".

A PALAVRA DE MIRANDINHA

O comandante de ataque do São Paulo falou a "O Expresso": Estou casado, tenho uma filha de seis meses, e preciso voltar logo para defender o leite da criança. O São Paulo, desde que fraturei a perna, forneceu toda a assistência, inclusive reno-

vando meu contrato e pagando todos os prêmios por vitórias e empates desde a minha contusão. Confio na minha recuperação e não se espantem se ainda futuramente for convocado para a seleção brasileira que irá disputar o mundial na Argentina. Gostaria de agradecer a todos que têm me incentivado e podem ter certeza que farei de tudo, para voltar brevemente a ter contato com a bola".

MOTOCICLISMO

A morte ronda os motociclistas

Embora as máquinas Yamaha tenham sido responsáveis pela maioria das vitórias obtidas no último domingo, no circuito de Magello, na Itália, e válidas para o campeonato mundial, o que deixou seus construtores radiantes de alegria, houve duas notas tristes: Paulo Tordi, que corria na categoria de 350 cc, acidentou-se, e chocou-se violentamente, com a sua moto contra a rede metálica protetora, vindo a falecer. O jovem motociclista estava com 28 anos; na prova seguinte, Otelo Buscherini, de 27 anos, correndo na categoria 250 cc, perdeu o controle de sua máquina em uma curva, e foi transportado para o hospital onde faleceu.

NO BRASIL, MAIS UM MORTO EM INTERLAGOS

Francisco Monteiro Teixeira, que corria nas "24 horas de Interlagos", pilotando uma Honda 500 cc, desgarrou a sua moto, sofrendo morte instantânea.

Além disso, aconteceram vários acidentes com diversas pessoas, que foram atropeladas devido à falta de fiscalização.

Alfredo quer ficar no Coritiba

Alfredo Mostarda deixou o Palmeiras levando uma certa mágoa dos dirigentes. Depois de vários anos atuando como titular da quarta zaga, foi colocado à margem do quadro principal do Parque Antártica, pois recusou uma proposta inferior à do último contrato, para renovar compromisso: "Ganhava 25.000 cruzeiros mensais, e me ofereceram menos, para assinar contrato, ou seja apenas dez mil cruzeiros. Os diretores fixaram um teto

para os jogadores que fossem convocados para a seleção brasileira. Eles não esperavam que eu, Leão, Luís Pereira, Ademir, Cesar e Leivinha fossemos convocados. É evidente que o clube teve mais despesas mas, em compensação, ganhamos quase todos os títulos que disputamos".

Demonstrando uma certa indiferença ao falar da sua expatriação, o zagueiro, que esteve na seleção em 74, na Alemanha, continua a falar a

"O Expresso": "O mais importante é que estou um em clube que realmente cumpre com as suas obrigações. A minha vinda ao Coritiba não poderia ter acontecido em melhor hora. Já estou perfeitamente entrosado no time onde Hermes, Oberdã e Humberto e eu formamos uma linha de zagueiros de respeito. Só espero ao final do empréstimo que o Coritiba compre meu passe em definitivo, que está fixado em 500.000 cruzeiros".

Cartão amarelo em julgamento

América, do Rio, impetrou mandado de segurança na justiça comum e colocou em campo o jogador Orlando que tinha três cartões amarelos, e, portanto, suspenso automaticamente da próxima partida.

A liminar foi concedida pelo juiz da 7ª Vara Federal Virgílio Claudie Fleury, e se o mandado tiver um parecer favorável, o cartão amarelo está praticamente extinto do futebol.

Os itens abordados pelo jurista Valed Perry foram fixados na deliberação 6/73, em que ele considera uma

violação internacional desportiva e que própria F.I.F.A. não prevê a aplicação.

Por outro lado, o C.N.D., através de Aníbal Pellon, cita que este órgão está interpretando o fiel cumprimento das leis de jogo e que em todo o mundo, o cartão amarelo é usado nas competições supervisionadas pela F.F.A.

Não só o América espera o parecer favorável da justiça mas a maioria dos quadros brasileiros, que vêem no cartão amarelo um empecilho e não um benefício para o futebol.

**SEGURANÇA NA
COMUNICAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO DO PAÍS**

**560
KHz**



**RÁDIO NOVO MUNDO LTDA.
SÃO PAULO**

Nonato, a revelação, não vai as olimpíadas

OLIMPÍADAS

O velho e tradicional Ginásio do Pacaembu foi palco de uma exibição de gala dos pugilistas brasileiros contra os tradicionais rivais argentinos. Das onze lutas disputadas, oito foram vencidas pelos nossos lutadores, que se apresentaram muito bem. Mesmo os três derrotados Antonio Carlos Ribeiro, Euladio de Almeida e José de Lima valorizaram muito a vitória dos seus oponentes.

O destaque maior da noite foi indiscutivelmente a apresentação de Raimundo Nonato que venceu Armando Perez por unanimidade na contagem final dos jurados.

Nonato, um jovem e promissor lutador, deu um verdadeiro show de

box conseguindo colocar Perez na lona no primeiro assalto e, se não fosse a experiência do argentino que conta em sua carreira com um respeitável cartel de setenta e quatro lutas, poderia até vencer por K.O.

Os dois troféus em disputa, o da Secretaria Municipal de Esportes e o da Secretaria de Esportes e Turismo, foram para Raimundo Nonato, como o melhor lutador dos vinte e dois que apresentaram.

Por mais paradoxo que possa ser, Nonato não foi convocado pelo Comitê Olímpico Brasileiro a fim de representar o box brasileiro nas Olimpíadas do Canadá. Mais uma incoerência e injustiça praticada dentre tantas outras.

Basquete umaseleção em experiências

BASQUETE

A Seleção Brasileira de Basquete Masculino vem se preparando para os Jogos Olímpicos. Nas partidas que fez contra Porto Rico, Estados Unidos e Iugoslávia pode-se notar uma instabilidade no quadro brasileiro. As ausências de Dodi, Zé Geraldo e Adilson foram bastante notadas, principalmente nos jogos contra a Iugoslávia onde o Brasil teve dificuldades tanto na marcação por zona como nos contra ataques que foram feitos de uma maneira desordenada e lenta, perdendo por 89 a 70 pontos.

Mesmo assim o técnico acha que até Montreal a equipe poderá estar rendendo o esperado para uma medalha de ouro.



Rotina: Lauda vence novamente

FÓRMULA-1

No Grande Prêmio da Bélgica mais uma fácil e tranquila vitória de Niki Lauda com sua Ferrari. Das cinco provas realizadas este ano pelo Campeonato da Fórmula 1, esta foi a corrida em que Lauda não precisou de muitos esforços para suplantar seus adversários, liderando a prova desde seu início.

A Ferrari consegue, até o presente momento na classificação geral, colocar seus carros nos dois primeiros lugares, já que Regazzoni com 15 pontos ocupa o segundo posto. Mas, em Zolda, pode-se observar que a Tyrrel poderá nas próximas exibições fazer frente a Ferrari.

Os três acidentes da prova aconteceram com Chris Amon, Vittorio Brambilla e o brasileiro José Carlos Pace, mas

sem maiores consequências. Pace desistiu da prova na 58ª volta, quando seu carro ultrapassou a pista saltando a mureta do box. Até aquele instante Pace vinha fazendo uma corrida regular.

A classificação do Campeonato Mundial de Pilotos, após a prova de Zolda ficou sendo a seguinte: 1º Niki Lauda, 42 pontos; 2º Clay Regazzoni, 15; 3º Patrick Depailler, 10; 4º Jochen Mass e Jody Scheckter, 8; 5º Jacques Laffite, 7; 6º James Hunt e Gunnar Niesson, 6; 7º Tom Pryce e Carlos Reutemann 5; 8º Hans Stuck e Chris Amon, 3; 9º José Carlos Pace, John Watson e Alan Jones, 2; 10º Emerson Fittipaldi e Jacky Ickx, 1.



Na boca do túnel

Renato Luis

... Jair Gonçalves preocupado com a fase do Palmeiras: "Com a saída do Dino, temos que mostrar serviço pois a diretoria poderá fazer uma lista de dispensa de jogadores se não apresentarmos bom futebol".

... O goleiro Jairo do Coritiba desmentiu que tivesse falado mal do arqueiro Leão, do Palmeiras.

... Vila Nova e Goiás estão lutando nos bastidores para conseguirem vaga no Campeonato Nacional.

O Liverpool é o novo campeão inglês ao vencer o Wolverhampton por 3 a 1, na última rodada do campeonato.

... O ambiente não está bom no Canindé. Muitos jogadores tem reclamado de esquema tático, que segundo a maioria dos atletas está superado.

... Zagalo continua dando as cartas e jogando "de mão" na orientação da seleção do Kuwait.

... Falando sobre técnico de futebol, Zezé Moreira realmente

conseguiu mudar a mentalidade dos jogadores do Cruzeiro que antes só pensavam em atacar. Agora a rapaziada está mais conscientizada e preocupada primeiro em não sofrer gols, para depois atacar.

... Os arbitros argentinos contratados pela Federação Paulista de Futebol receberam 2.500 dólares mensais, mais moradia.

... O São Paulo realmente está em crise. Embora o presidente do tricolor Henri Aïdar afirme que

está tudo em paz, o ambiente entre os jogadores não é dos melhores.

... Osires, do Cruzeiro de Belo Horizonte, conseguiu angariar a simpatia da torcida do clube da "toca da raposa".

... O Anderlecht, da Bélgica, conquistou a Recopa Européia, ao derrotar, na partida final, o West Ham, da Inglaterra, por 4 a 2, em Bruxelas.

... O Real Madrid foi suspenso pela UEFA de todas as com-

petições continentais. Motivo: um torcedor por ocasião do jogo entre Real e Bayern, em Madrid, entrou em campo e agrediu o juiz da partida e um atleta do time alemão.

... A seleção brasileira de basket está encontrando dificuldades na convocação de jogadores pois os atletas não tiveram resolvido problemas referentes às faltas nas respectivas faculdades.

edição nacional

JORNAL

O EXPRESSO

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E DEBATE

LEIA, ASSINE E COLECIONE
"O EXPRESSO" TODAS AS
QUARTAS FEIRAS, UM NOVO
NÚMERO NAS BANCAS DE SÃO
PAULO E DE TODO O BRASIL.

A ARENA VAI LUTAR



A sede da ARENA em São Paulo, no 1º subsolo da Câmara Municipal, recebe diariamente muitas visitas. Uma visível movimentação, nos corredores, um entra-e-sai de salas, grupos conversando aqui e ali, dão o colorido da ARENA paulista neste ano.

Talvez em grande parte esta movimentação seja devida ao impulso que o presidente regional da ARENA, Cláudio Lembo, ofereceu ao setor paulista do Partido do Governo. A reportagem de "O Expresso" foi entrevistar o jovem Cláudio Lembo na sede da ARENA paulista, revestida de cartazes com a figura do presidente Ernesto Geisel, "grande responsável pelo crescimento do Partido", conforme o líder paulista.

A primeira pergunta de "O Expresso": "Como V. Exa. considera a atual situação da Arena no Estado de São Paulo, comparando-a com a de 1975?"

CLÁUDIO LEMBO: "No início de 1975, em razão dos resultados eleitorais do ano anterior, a ARENA sofreu uma natural estagnação. Contudo, após a posse do novo Diretório Regional, demonstrando grande vitalidade, as bases partidárias surgiram. Cursos de informação política

passaram a se realizar. Reuniões com os diretórios distritais de São Paulo tornaram-se frequentes. E, ainda, indicando uma nova forma de ação política, os diretórios distritais, com uma assiduidade invejável, passaram a realizar reuniões públicas, onde assuntos políticos e administrativos são debatidos, entre os membros do próprio diretório e a população do bairro".

(Várias reuniões com grupos de jovens têm sido realizadas na sede da ARENA paulista. De acordo com o Boletim Mensal ARENA nº 1, de novembro de 1975, "a participação dos jovens na política significa, hoje, mais do que a simples e rotineira renovação dos quadros partidários: no Brasil, a presença jovem é vital para seu projeto democrático").

"O Expresso": "Como V. Exa. explicaria o crescimento do MDB em 1974?"

CLÁUDIO LEMBO: "O partido da oposição utilizou-se de boas técnicas publicitárias e encontrou pela frente um partido acostumado à vitória e esta é má conselheira".

(Para o presidente regional da ARENA paulista, o partido situacionista acomodou-se na vitória e, efetivamente, não houve em 1974 con-

testação da Revolução por parte do MDB; para Lembo se o MDB atacasse a Revolução, a ARENA teria vencido em 1974).

"O Expresso": "Quais são, segundo V. Exa., as razões que vinculam o imobilismo político a desenvolvimento da oposição?"

CLÁUDIO LEMBO: "Já tive a oportunidade de dizer que a vitória é má conselheira. A ARENA era um partido acostumado ao triunfo. Faltou, pois, em 1974, a necessária vontade de vencer. Por outro lado, após um período de estagnação política, fenômenos como os de 1974 são naturais, pois após períodos de apatia, há um natural ressurgimento dos partidos de oposição. Imagino, também, que um período governamental, baseado apenas em um núcleo tecnocrático, leva a uma natural situação de antagonismo popular. O povo é sensível e deseja que seus dirigentes sejam humanistas. O tecnocrata equaciona os problemas, pode, e às vezes até dá solução a eles, mas não consegue sentir os verdadeiros anseios populares. Salvo erro de análise, este divórcio entre o povo e os tecnocratas, aliado à crise econômica internacional, criaram o que, na pergun-

ta, se chamou "desenvolvimento da oposição".

(Ao assumir a presidência do Diretório Regional da ARENA, Cláudio Lembo assegurou que "a Aliança Renovadora Nacional estará vigilante para reprimir os desvios éticos de comportamento, no trato da coisa pública, mesmo que, eventualmente, tenha que atingir seus próprios integrantes").

"O Expresso": "V. Exa. acredita que a ARENA possa vencer o pleito de novembro próximo? E o de 1978?"

CLÁUDIO LEMBO: "A ARENA está lutando. Todos os seus setores estão ativos. Quanto à vitória, em 1976 e em 1978, só o povo poderá responder. Mas, posso afirmar que, hoje, rompiendo o imobilismo político, graças ao exemplo do Presidente Geisel, a situação do partido se alterou. A ARENA luta e quem luta aguarda bons resultados".

(O cartaz da ARENA apresenta a figura sorridente do presidente Ernesto Geisel, o símbolo do partido e o dístico: "ARENA! Com Geisel, pelo Brasil!" O símbolo arenista foi criado por Ferdinando Sérgio Carneiro e, segundo seu criador, representa uma síntese da "simbologia do Cristianismo, da Democracia, da Integração Nacional

(...)"- foi bom ter explicado).

"O Expresso": Considera V. Exa. que corresponde a uma boa estratégia a identificação, que alguns arenistas vêm fazendo, das próximas eleições com um plebiscito avaliador de todo o processo revolucionário, que vem desde 1964?"

CLÁUDIO LEMBO: "De maneira alguma. As próximas eleições irão julgar homens no interior de suas comunidades. Será na verdade uma eleição onde o conhecimento direto e imediato entre as pessoas será de extrema importância. Estou consciente que a filosofia da Revolução de 1964 jamais foi objeto de oposição entre os brasileiros. Ela visou a redemocratização do País e ninguém, imbuído de princípios políticos sadios, é contra a democracia. Por vezes, o que pode ocorrer é o debate a respeito de diretrizes governamentais. Porém, a essência dos governos que se sucederam a Castelo Branco, tenho certeza, merece o aplauso de todos os brasileiros, com espírito patriótico".

(Mas Lembo não escondeu da reportagem o fato de que grupos ideologicamente definidos pautaram suas condutas por contestar a Revolução de 1964).

A reportagem de "O Expresso" insistiu ainda uma vez acerca da participação dos jovens na política da agremiação situacionista. Cláudio Lembo afirmou que um trabalho consciente vem sendo realizado junto às Universidades e que, todas noites, os jovens se reúnem na sede do viaduto Jacarei para discutir temas políticos.

Antes de despedir-se, o presidente regional da ARENA paulista comentou com o repórter a sequência de crises que colhe atualmente a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (além da crise causada pela Reitoria no caso do "22 de Agosto", os jornais diários noticiavam o flagrante de professores da PUCSP envolvidos no tráfico de entorpecentes).

No corredor, Cláudio Lembo apresenta à reportagem de "O Expresso", um jovem alto, negro, cabelo "black power": era um universitário que colabora ativamente com o partido do Governo.